



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS – CAHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA
DESIGUALDADE E DESENVOLVIMENTO

FERNANDA FERREIRA DE JESUS

Desigualdades de gênero e intragênero: um estudo acerca das representações sociais do
envelhecimento

Cachoeira - BA

2015

FERNANDA FERREIRA DE JESUS

Desigualdades de gênero e intragênero: um estudo acerca das representações sociais do envelhecimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura Desigualdade e Desenvolvimento, como requisito parcial a obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Figueiredo

Cachoeira - BA

2015

FERNANDA FERREIRA DE JESUS

Desigualdades de gênero e intragênero: um estudo acerca das representações sociais do
envelhecimento

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Angela Figueiredo (Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profa. Dra. Alda Britto da Motta
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Márcia Santana Tavares
Universidade Federal da Bahia

Aprovada em ____/____/____

À memória da professora Ana Alice Alcântara
Costa

AGRADECIMENTOS

A Deus, por constantemente me livrar de todo o mal.

À professora Angela Figueiredo pelo carinho, amizade de sempre e por todo conhecimento proporcionado.

À professora Alda Britto da Motta e à professora Márcia Tavares pela compreensão, disposição e pelas valiosíssimas contribuições ao trabalho.

À professora Simone Brandão pela amizade sincera.

Ao Grupo de Estudos Raça, Gênero e Subalternidades pelas discussões importantes que tecemos em nossas reuniões.

À Valéria Reis pelo carinho de sempre.

Às amigas, Vanessa Cunha e Sida da Silva, que mesmo distante se fizeram sempre presentes ao longo desses dois anos de mestrado

Aos amigos Wellington Pereira, Taliane Oliveira e Cintia Tâmara pelo companheirismo, pelas angústias partilhadas e pelo apoio constante.

Aos amigos Gery Lima e Flávia Palha por tantos auxílios a mim prestados.

À Leila Amarante, coordenadora da UATI, por ter me recebido de modo tão carinhoso.

Ao professor da dança de salão pela permissão para realização da pesquisa, sem sua autorização esta pesquisa jamais seria a mesma.

Aos demais professores das outras oficinas frequentadas pela gentileza de me deixar assistir as aulas.

As idosas que participam da UATI pela presteza com que me receberam e pela disposição em responder as minhas inúmeras perguntas.

À minha mãe, por ser minha melhor amiga e minha melhor faculdade.

Aos meus irmãos pelo carinho de sempre.

Aos meus lindos sobrinhos pela gratuidade nos sorrisos mais sinceros.

A Ezequias pelo companheirismo e compreensão de sempre.

Aos demais amigos pela compreensão.

Às minhas verdadeiras amigas, por compreenderem o meu longo afastamento.

Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias
(Sophia de Mello Breyner Andresen – Apesar das Ruínas
e da Morte)

RESUMO

O presente estudo dedicou-se à análise das desigualdades de gênero, bem como das desigualdades intragênero durante o processo de envelhecimento. Tendo por objetivo a tentativa de compreender as representações sociais da velhice, considerando aspectos relacionados ao gênero, geração, raça, classe e sexualidade. Foi realizada uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, durante parte do ano de 2013 e todo o ano de 2014, junto às idosas que participam da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana (UATI/UEFS). Buscou-se também neste trabalho entender as transformações na representação social da velhice nas últimas décadas, especialmente expresso na dispersão da categoria terceira idade, e a implicação que esta nova representação trouxe para a vida das idosas.

Palavras-Chaves: Envelhecimento, Representação Social, Interseccionalidade, Gênero, Geração e Sexualidade.

ABSTRACT

This study focused on the analysis of gender inequalities, as well as inequalities within the gender during the aging process. With the objective of trying to understand the social representations of old age, considering aspects related to gender, generation, race, class and sexuality. A field research was carried out, a qualitative approach during part of 2013 and throughout the year 2014, with the elderly participating in the Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana (UATI / UEFS). It also sought in this study to understand the changes in the social representation of old age in recent decades, especially expressed in the dispersion of third age category, and the implication that this new representation brought to life of the elderly.

Key words: Aging, Social Representation, Intersectionality, Gender, Generation and Sexuality

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 QUADRO GERAL DE OFICINAS	168
TABELA 2 IDADE	97
TABELA 3 OFICINAS.....	98
TABELA 4 PERFIL DAS ENTREVISTADAS.....	169

LISTA DE SIGLAS

UATI – Universidade Aberta a Terceira Idade

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte

PEF – Pavilhão de Educação Física

ONU – Organização das Nações Unidas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

SESC – Serviço Social do Comércio

GAFTI – Grupos de Atividades Físicas para a Terceira Idade

UnATI/ UERJ – Universidade Aberta a Terceira Idade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. OBSERVANDO ALGUMAS OFICINAS DA UATI/UEFS: A TENTATIVA DE UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA	20
1.1 Os primeiros contatos com o “campo”	21
1.2 UATI/UEFS: Espaço e Estrutura	26
1.3 Os sujeitos da pesquisa	32
1.4 Analisando algumas oficinas	35
1.5 À guisa de conclusão	54
2. REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ENVELHECIMENTO E DA VELHICE	55
2.1 Envelhecimento e a cronologização das idades	55
2.1.1 Envelhecimento, Velhice e Idoso	61
2.1.2 Classificação das Idades	63
2.2 Representação Social da Velhice	72
2.2.1 Teoria das Representações Sociais: revisitando alguns autores clássicos	73
2.2.2 Representação Social do Envelhecimento	78
2.2.3 Representação acerca do envelhecimento para os sujeitos da pesquisa	82
2.3 A invenção da Terceira Idade e dos Programas para a Terceira Idade	88
2.3.1 A Universidade Aberta a Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana	94
2.3.2 A UATI em dados e em números	96
3. O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SOB A PERSPECTIVA INTERSECCIONAL.....	102
3.1 Conceituando Gênero.....	103
3.2 Gênero e Envelhecimento	123
3.3 Estudos Raciais no Brasil.....	125
3.3.1 Enegrecendo o feminismo.....	129
3.3 Envelhecimento e Sexualidade	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	156
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Diante do expressivo número de pessoas idosas no Brasil, já se nota a presença de muitos estudos que tentam explicar o processo de envelhecimento, principalmente no que tange aos seus aspectos clínicos e biológicos, todavia pesquisas acerca de aspectos outros, a exemplo dos sociais, ainda não possuem a mesma expressividade. Existe ainda uma tendência presente nesses estudos hegemônicos que diz respeito a uma tentativa de generalizar o fenômeno da velhice e do envelhecimento; desconsiderando, assim, na maioria das vezes, trajetórias de vida individuais. Para alguns estudiosos do envelhecimento, um dos maiores equívocos cometidos neste tipo de análise tem sido justamente essa “tendência para considerar todos os membros de uma mesma faixa etária como iguais (...) envelhecimento é um processo e a velhice é um período cujos limites nem sempre são nítidos” (GUIMARÃES, 2006, p. 83)

Os dados demográficos apontam para a existência de uma maior proporção de mulheres idosas que de homens idosos, isso se dá, entre outros motivos, pelo fato de que as mulheres vivem em média sete anos a mais que os homens, desta forma “em 2000, dos 14 milhões de idosos, 55% eram do sexo feminino; “(...) a menor mortalidade feminina explica esse diferencial na composição por sexo e faz com que a população feminina cresça a taxas mais elevadas do que a masculina” (CAMARANO, 2006, p. 90).

A questão demográfica, embora importante, haja vista que é notório o aumento do número de pessoas envelhecidas no Brasil e no mundo, não responde, por si só, os inúmeros questionamentos que envolvem o processo de envelhecimento, pois os aspectos relacionados ao envelhecimento são bem mais complexos, especialmente por se encontrarem interseccionados com outras categorias analíticas, a exemplo do gênero, da classe, da raça e da sexualidade, como veremos ao longo deste trabalho.

Outro desafio a ser enfrentado nos estudos acerca do envelhecimento se refere ao fato do tema estar ligado a discursos científicos institucionalizados, como é o caso dos discursos da geriatria e gerontologia. Haddad (1986 apud Belo, 2011) argumenta que tais discursos defendem interesses classistas, pois consideram os fatores biológicos como a causa da “problemática” da velhice, ao tempo em que propõem medidas sociais paliativas.

A gerontologia e a geriatria, apropriadoras dos segredos da velhice, com seu corpo sistematizados de representações e de normas objetivam ensinar os homens a conhecer a velhice e agir conforme com suas prescrições. Buscam a reorganização dos comportamentos educativos em torno de dois pólos (...) O primeiro tem por eixo a difusão dos preceitos médicos (...) O segundo poderá agrupar, sob a etiqueta de ‘economia social’, todas as formas de direção da vida dos velhos com o objetivo de diminuir o custo social de sua manutenção (...) se propõem a exercer o monopólio da velhice, lutando pela saúde do corpo capitalista, defendendo a ideologia capitalista do homem sadio, do homem produtivo (HADDAD, 1986, p. 53 apud BELO, 2011, p. 110).

Estes discursos impõem perdas às pessoas idosas de modo generalizado. De acordo com Belo (2011), foi a partir da década de 1960 que se iniciaram os estudos mais sistemáticos acerca do envelhecimento e formularam-se teorias sobre a velhice, dentre elas a *Teoria da Desvinculação ou Desengajamento* e a *Teoria da Atividade*. A primeira defendia a ideia de que havia uma tendência natural para afastamento do idoso da sociedade; tal tendência derivava dos ritmos biológicos. A segunda preconizava que a velhice “satisfatória” só seria possível mediante a permanente realização de atividades.

A autora argumenta que embora as duas teorias apresentem concepções diferentes, acabam produzindo a exclusão social da pessoa idosa, pois na medida em que a primeira produziu estereótipos negativos acerca da velhice, a segunda, ao definir novas atividades e papéis para esta fração da população, acabou por restringi-la a espaços periféricos. De maneira que, ambas “correntes teóricas, adotam uma perspectiva de equilíbrio do sistema social através da adaptação dos indivíduos à suas respectivas funções (ou novas atribuições) sociais” (BELO, 2011, p. 113).

É a partir da década de 1980 que começam a se modificar as concepções acerca da velhice; a realização de Assembléias Mundiais sobre o Envelhecimento são decisivas neste sentido. Começa-se a pensar na pessoa idosa como sujeito de direitos e cria-se a terminologia “envelhecimento ativo”, cujo conceito consiste no “processo pelo qual se otimizam as oportunidades de bem estar físico, social e mental durante toda a vida, com o objetivo de ampliar a expectativa de vida saudável, a produtividade e a qualidade de vida na velhice (Belo, 2011).

Ainda segundo esta autora, no Brasil, o conceito de “envelhecimento ativo” tem se tornando uma apologia à juventude e o processo de envelhecimento passa a ser de

responsabilidade pessoal, este processo será denominado por Debert (1997, 1999, 2004) de “reprivatização da velhice”. Este contexto de velhice produtiva acaba por omitir desigualdades estruturais, especialmente das pessoas que possuem baixa renda, ou mesmo que não possuem tantas condições de saúde, sem mencionar as diferenças de gênero e de raça que continuam interferir também nesta fase da vida. Desta maneira, a “imposição homogeneizadora de uma velhice produtiva e saudável, mais uma vez não reproduz a realidade e se transforma, tanto quanto os discursos tradicionais, em saídas para modelar o comportamento das pessoas idosas” (BELO, 2011, p. 119)

Somente há poucas décadas as Ciências Sociais se ocuparam em desenvolver estudos sobre o envelhecimento, “a antropologia ou sociologia do envelhecimento constituiu-se como campo específico de investigação a partir do surgimento de um novo fenômeno – o rápido aumento da população de mais de 60 anos –, que virou um ‘problema social’” (PEIXOTO, 2007, p. 70). Tais estudos de cunho antropológico e sociológico têm contribuído significativamente para o entendimento das idades enquanto um percurso existencial socialmente construído.

De acordo com Britto da Motta (2006, p. 80), a produção teórica contemporânea das ciências sociais têm buscado entender os idosos, as suas relações e atividades sociais a partir de uma “nova imagem de desenho mais colorido e saudável, ainda que coexistindo com a antiga visão de ‘velhinhos’, ‘coitadinhos’, frágeis e dependentes”.

As ciências sociais têm visto o crescimento do contingente de velhos na sociedade e o aumento da longevidade como questão social, ou sociológica – uma das muitas questões sociais atuais – e não como um problema; vêem como necessidade de elaboração e efetivação de políticas para uma vida social mais justa (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 80).

É diante deste contexto de reflexão sobre o envelhecimento que uma pesquisa de cunho interseccional se faz necessária, uma pesquisa que leve em consideração como aspectos que compõe o gênero, a raça, a geração, a classe e a sexualidade se entrecruzam na vivência do processo do envelhecimento. Para efeitos deste estudo, o conceito de gênero aqui utilizado se refere a uma “categoria analítica que pretende dar conta das variadas elaborações culturais que diferentes sociedades, em diferentes

épocas, constroem em torno das diferenças percebidas entre machos e fêmeas e delas se apropriam na prática social” (SARDENBERG, 2000. p.3). Já o conceito de raça aqui adotado é o elaborado por Guimarães (2002, p. 50) que entende a raça não apenas como uma categoria política, mas também como “categoria analítica indispensável: a única que revela que as discriminações e desigualdades que a noção de ‘cor’ enseja são efetivamente raciais e não apenas de ‘classe’. A classe e a situação de classe, por sua vez, são aqui entendidas com base no conceito weberiano utilizado por Saffioti (2013) em que:

Constitui fator econômico mais elementar a forma pela qual se acha distribuído o poder de posse e de bens no seio de uma multiplicidade de homens que se encontram e competem no mercado com finalidades de troca, cria, por si mesma, probabilidades específicas de existência. (...) Por conseguinte, a ‘posse’ e a não posse são as categorias fundamentais de todas as situações de classe, quer tenham lugar na esfera da luta de preços, quer se efetuem na esfera da competição. (...) corresponde sempre ao conceito de classe o fato de que as probabilidades que se têm no mercado constituem a força que condiciona o destino do indivíduo. A ‘situação de classe’ significa, em última instância, neste sentido, a ‘posição ocupada no mercado’ (WEBER, 1964 apud SAFFIOTI, 2013, p. 55)

A geração, assim como as demais categorias, é entendida em seu aspecto relacional, visto que “as gerações, como as classes sociais, não existem isoladamente, mas em referência mútua, contraposição ou até oposição uma às outras. Uma geração é ou se torna aquilo que o jogo de poder enseja nas relações com as outras (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 234).

A sexualidade aqui estudada é apreendida como uma função intrínseca ao ser humano; “não se é assexuado por ter-se 80 anos, como também não se é por ter cinco ou 25 anos. A sexualidade é uma linguagem, uma forma de comunicação; tem a ver com o amor, com ternura e com os afetos” (STREY, et al, 1999, p.25).

Neste sentido, o objetivo deste estudo consiste em analisar de que modo as desigualdades de gênero e intragênero interferem na vivência do processo de envelhecimento; busca-se, com este estudo, entender de que maneira a socialização de homens e mulheres, tendo por base preceitos sexistas, intervém na vivência dos seus referidos processos de envelhecimento; indaga-se também em que medida as pessoas

idosas são afetadas pela “cultura da eterna juventude” vigente na sociedade contemporânea e se este fato estabelece relações diretas com a representação que possuem acerca da velhice e do processo de envelhecimento, especialmente no que concerne à vivência da sua sexualidade. E mais, em que medida aspectos históricos e sociais, tais como os relacionados à classe e à raça, das trajetórias pessoais interferem no modo como essas pessoas vivem e sentem o processo de envelhecimento.

A pesquisa foi realizada na Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), esta instituição oportuniza a existência de espaços multiplicadores com ações interativas, educativas e qualificadas que privilegiam a pessoa idosa no seu processo de envelhecer. Para participar do programa é preciso ter 50 anos, ou mais, e as ações versam em torno de múltiplas atividades educativas, sociais, científicas e afetivas que incentivam a busca pelo conhecimento, a promoção da saúde, a pesquisa, as relações, a complexidade de saberes, o lazer, a arte, a cultura e a educação permanente.

A escolha por esta instituição deu-se, entre outros motivos, pela visibilidade que a mesma alcançou na cidade de Feira de Santana- BA, pela grande quantidade de alunos matriculados no programa (810 pessoas) e principalmente pelo fato deste tipo de programas voltados à terceira idade, estarem tentando influenciar a transformação da representação social da velhice, bem como a própria vivência do envelhecimento de muitas pessoas.

A coleta de dados empíricos foi iniciada em outubro de 2013 e teve fim em dezembro de 2014. Das 21 oficinas oferecidas pelas UATI/UEFS (ver Tabela 1- em anexo), seis foram visitadas, quais sejam: 1) Memórias e Leituras; 2) Saúde X Doença; 3) Caminhando para a Transformação; 4) Eu no meio ambiente e; 6) Dança de Salão. Sendo que as atividades desta última oficina foram acompanhadas semanalmente durante o período de março a dezembro de 2014.

Das 810 pessoas que frequentam a UATI, 726 são mulheres (90%), fato que fez com neste trabalho – por uma questão de gênero – não haja gênero “neutro”. Ademais, os dados são expostos de modo a levar em consideração a superioridade numérica das mulheres neste espaço. Sabe-se também que entre as participantes, as faixas etárias que predominam são: 60-69 anos (298 pessoas - 36%) e 70-79 anos (304 pessoas - 37,5%).

No grupo de dança de salão, a participação é majoritariamente de mulheres, das 70 pessoas¹ que frequentam o grupo, apenas sete são homens, e os frequentadores assíduos contabilizam apenas dois. Para efeitos desta pesquisa foram realizadas neste grupo 10 entrevistas com mulheres, com idade entre 62 e 80 anos, e uma entrevista com um homem de 70 anos. Das 11 pessoas entrevistadas, cinco são viúvas, quatro são separadas e 2 são casadas; a maior parte se auto declarou negra (5 pessoas); quatro se auto declararam pardas e duas brancas. As perguntas da entrevista tratavam de questões sociodemográficas, do relacionamento familiar, de gênero e de raça, da convivência na UATI, do processo de envelhecimento, da representação social da velhice, de sexualidade, bem como das relações afetivo/sexuais (ver Tabela 4 - em anexo).

Para a realização da pesquisa adotou-se o método qualitativo, com ênfase na observação “participante” nos cursos, no acompanhamento das viagens e das apresentações públicas. Considerando o grande número de cursos oferecidos pela UATI, o relato etnográfico presente neste texto resultou da escolha pelos cursos que mantinham relação com o tema da investigação, a saber, dança de salão, memórias, eu no meio ambiente, por entender que esta metodologia possibilita extrair o máximo de conhecimento acerca dos sujeitos pesquisados.

Malinowski (1978), sobre este método de pesquisa, argumenta que a etnografia possibilita a reconstrução e a transmissão de experiências de vida que embora sejam diferentes das “nossas”, não são nem menos ricas e tampouco menos humanas. O referido autor acrescenta ainda a importância da prática da “sinceridade metodológica” ao manipular os fatos, segundo ele, é preciso fazer um relato detalhado dos acontecimentos presenciados, de modo que não se apresentem ao leitor como extraídos do nada.

A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro lado, as interferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica (MALINOWSKI, 1978, p. 18).

¹ Número aproximado

Neste sentido, Geertz (1989) explica que existem três características da descrição etnográfica, quais sejam: 1) é interpretativa; 2) o que ela interpreta é o fluxo do discurso social; e 3) a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” de modo tal que na possibilidade dele ser extinto, ainda fica fixo em formas pesquisáveis, a exemplo da pesquisa de Malinowski acerca do *Kula*, como exemplifica o autor: “O *kula* desapareceu ou foi alterado, mas, de qualquer forma, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* continua a existir” (Geertz, 1989, p.15). O autor acrescenta ainda a possibilidade de existência de outra característica, qual seja: fato de a descrição etnográfica ser microscópica, não no sentido de interpretações antropológicas em larga escala, tal qual civilizações inteiras, mas sim interpretações feitas de modo mais amplo diante de extensivo conhecimento de assuntos extremamente pequenos.

Com o intuito de obter melhor qualidade dos dados duas técnicas de pesquisa foram utilizadas, quais sejam: entrevista e observação participante. No que concerne à entrevista, MINAYO (2010, p. 64) argumenta que:

Entrevista, em sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores realizadas por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo (MINAYO, 2010, p. 64).

Contudo, Gaskell (2002) aponta que “o entrevistador pode não compreender plenamente a ‘linguagem local’”, bem como “por diversas vezes o entrevistado pode omitir detalhes importantes”, além do fato de o entrevistado poder, “por ver as situações por meio de lentes distorcidas, fornecer uma versão que seja enganadora e impossível de ser testada ou verificada”. Deste modo, as limitações inerentes à entrevista podem, por vezes, levar o pesquisador a fazer falsas interferências. Com a finalidade de evitar tais equívocos foi que se adotou também neste estudo à observação participante, uma vez que ela possibilita uma maior amplitude e profundidade de informação (Gaskell, 2002, P.72). No que tange à observação, Becker (1994) afirma que esta produz um montante imenso de descrições detalhadas. Ademais, seu objetivo primeiro é adquirir a confiança

do grupo e “fazer os indivíduos compreender a importância da investigação, sem ocultar seu objetivo ou sua missão” (MARCONI & LAKATOS, 2007, p.91).

Sabemos, pois, que a escolha por realizar uma pesquisa dentro de um espaço institucional não significa reduzir a vivência dos sujeitos desta investigação aos limites deste espaço, trata-se, portanto, de um recurso para encontrar um número maior de participantes, bem como para buscar entender como estes programas adquiriram visibilidade por preconizarem a busca da auto-expressão, da exploração das identidades e a desconstrução das imagens tradicionalmente associadas às pessoas de mais idade.

Para a melhor compreensão das entrevistas aqui transcritas é preciso estar atenta a alguns símbolos utilizados durante a transcrição, são eles: 1) Frases em negrito – corresponde à ênfase dada pela entrevistada no momento da fala, ou seja, um aumento no tom de voz; 2) Frases em itálico, momento em que a entrevistada baixa o tom de voz durante a fala; 3) .. Uma pausa curta; 4) ... Uma pausa mais longa; 5) [...] conteúdo da fala retirado por não ter relação com o que estava sendo dito pela entrevistada; 5) palavras acrescentadas entre chaves - [] - visam uma melhor compreensão do leitor.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos, no primeiro é apresentada a etnografia de algumas oficinas frequentadas na UATI/UEFS, principalmente o grupo de dança de salão, na qual são narradas histórias e momentos compartilhados com o grupo. A dinâmica do grupo é analisada sem perder de vista, as questões que se referem especialmente a gênero, geração e sexualidade.

O segundo capítulo refere-se à discussão acerca da periodização da vida e ao fato da juventude ter deixado de ser apenas uma etapa da vida, transformando-se em um “bem” a ser adquirido por todos. Aborda ainda o tema da representação social, especialmente da velhice, o surgimento da categoria “Terceira Idade” e dos programas a ela direcionado e, por fim, é feito um panorama acerca da UATI/UEFS. Ressalta-se que a análise acerca da representação da velhice e dos programas voltados à terceira idade é feita tendo por base os dados obtidos na pesquisa de campo.

O último capítulo, busca compreender de que modo as diferenças relativas ao gênero, à raça, à sexualidade afetam o processo de envelhecimento, para isto apresenta-se uma discussão acerca do conceito de gênero, sobre as teorias das relações raciais e sobre os estudos de sexualidade, somado a isto são apresentados os dados obtidos na pesquisa de campo.

1. Observando algumas Oficinas da UATI/UEFS: a tentativa de uma análise etnográfica

Neste primeiro capítulo apresentarei as minhas impressões acerca do campo estudado, bem como dos sujeitos da minha pesquisa e do meu objeto de análise, tais informações que aqui serão apresentadas foram colhidas mediante a convivência semanal com idosas da UATI/UEFS, durante o período de um ano e dois meses, ocasião na qual realizei esta pesquisa de campo.

Este capítulo trata-se da tentativa de realizar um relato etnográfico, fruto de uma pesquisa autorizada, uma vez que contou com o aval da coordenação da instituição competente, além da autorização de todas as pessoas envolvidas diretamente na realização desse estudo. Em busca de autorização para a realização da pesquisa em questão, o meu primeiro contato com a UATI, enquanto pesquisadora – isto porque anteriormente eu já havia participado de alguns eventos promovidos pela instituição, especialmente aqueles que acontecem com regularidade na “Semana do Idoso” –, foi com a coordenadora da instituição. Para ela eu apresentei meu projeto, falei dos objetivos da pesquisa e solicitei autorização para iniciar os trabalhos de campo. A autorização me foi dada sem muitas burocracias, mediante a exigência de que eu obtivesse também autorização dos responsáveis de cada oficina em que eu fosse realizar a pesquisa. Recebi então, neste primeiro dia, duas planilhas, uma com o quadro de aulas e outra com contato dosicineiros².

Em meio a um quadro com 21 oficinas³, algumas ofertadas na própria UEFS e outras ofertadas CUCA (Centro Universitário de Cultura e Arte), naquele segundo semestre de 2013, tive que optar pelas oficinas que não coincidiam com os dias e horários de aulas das disciplinas do mestrado, uma vez que eu ainda estava no segundo semestre de curso quando resolvi – em acordo com minha orientadora – ir a campo.

² Pessoas que ministram as oficinas, alguns são professores da UEFS, outros não. Há também alunos de graduação da referida universidade que desenvolvem atividades na instituição. Alguns desses profissionais são remunerados, outros fazem um trabalho voluntário.

³ Foram elas: Alongamento, Ginástica com Música, Saúde X Doenças, Memórias e Leituras, Hidroginástica, Yoga, Flexibilidade e Alongamento, Teatro, Espanhol, Dança de Salão, Caminhando para Transformação, Clicar na 3ª Idade, Tai Chi Chuan, Coral, Criando Artes, Mãos e Criação, Encontros Interativos, Medicamentos, Treinamento de Força, Espanhol e Eu no Meio Ambiente.

Entrei em contato via e-mail com as professoras e os professores de algumas oficinas e obtive algumas respostas muito receptivas, de outras (os) não obtive resposta. Então decidi que alguns contatos eu iria estabelecer pessoalmente, no dia das oficinas, antes do horário das mesmas.

1.1 Os primeiros contatos com o “campo”

Foi nessa empreitada de consegui às autorizações necessárias para a realização da pesquisa que, em uma quinta-feira, dia 09 de outubro de 2013, resolvi ir a UATI/UEFS, na tentativa de assistir, pela primeira vez, uma oficina do grupo. No referido dia a oficina seria de “Encontros Interativos”, cuja professora eu não consegui entrar em contato em período anterior aquela data.

A sensação naquele dia de manhã era um misto de muita ansiedade e receio pelo modo como os objetivos da minha pesquisa seriam recebidos, especialmente por abordar um assunto que eu imaginava ser um grande tabu para esta fração da população, qual seja: sexualidade. Fui então preparada para me apresentar e explicar melhor os meus objetivos. Para minha surpresa e frustração, ao chegar ao prédio da UATI, que fica na UEFS, obtive a informação de que não estava tendo aula porque os alunos estavam participando dos “Jogos Olímpicos da Terceira Idade da UATI/UEFS⁴”. Informe-me então acerca destes jogos olímpicos e de onde eles estavam acontecendo. O segurança do prédio, muito cordialmente, me explicou que as atividades ocorriam no Pavilhão de Educação Física (PEF) da universidade, local onde as participantes da UATI rotineiramente realizavam parte das atividades físicas, dividindo este espaço com os alunos regulares da referida Instituição de Ensino Superior. Dirigir-me então para lá.

Ao chegar ao PEF me deparei com uma enorme quantidade de idosas, a maior parte delas aparentava não ter mais de 70 anos, uma conclusão bastante imprecisa tendo em vista os inúmeros aspectos que influenciam as aparências físicas das pessoas, bem como a complexa relação que envolve idade e aparência física. De todo modo, elas se mostravam bastante ativas ao realizarem as inúmeras atividades que estavam sendo ofertadas naquele local, entre elas presenciei uma disputa de arremesso de peso, uma de

⁴ Era o último dia da sexta edição do evento promovido pela instituição.

natação e uma marcha atlética (embora não possa precisar exatamente a quantidade de metros percorridos). As disputas ocorriam ao mesmo tempo e em diversos lugares do PEF, fato que dificultava bastante a minha observação diante do tamanho do ambiente e da quantidade de pessoas que ali se encontravam, não só das idosas, de familiares, público, professoras, inclusive a imprensa local⁵.

FIGURA I - Jogos Olímpicos da Terceira Idade da UATI/UEFS – Edições Anteriores



Fonte: Site da UEFS

No que tange aos participantes oficiais do evento (as idosas que frequentam a UATI), é possível afirmar que a presença era majoritariamente feminina e nesse quantitativo havia uma parcela significativa de mulheres negras e pardas, embora fosse impossível precisar a porcentagem. Essa presença predominante das mulheres no evento pode ser fator explicador da participação delas em todas as modalidades esportivas presenciadas, inclusive no arremesso de peso, modalidade em que elas foram numericamente superiores.

Outra modalidade esportiva observada nesse primeiro contato com as atividades da UATI foi a natação, esta prova foi dividida em uma disputa masculina e outra feminina. Na primeira havia mais homens brancos e pardos do que negros e todos eles pularam da borda da piscina, enquanto que na disputa das mulheres todas já saíram de dentro da piscina. Esse fato me chamou bastante atenção e, no entanto, não obtive propriedade suficiente para compreendê-lo, haja vista que, no decorrer do trabalho, eu não dispus de tempo suficiente para também acompanhar as oficinas de natação, de modo que o questionamento acerca dos motivos que fizeram com que os homens

⁵ A TV Subaé que é responsável pela transmissão de jornais locais em Feira de Santana a TV Olhos d'Água, da referida universidade.

pulassem da borda da piscina, e as mulheres não, ainda permanece e quiçá poderá ser objeto de pesquisas futuras.

A marcha atlética ocorreu depois, já no finalzinho da manhã, fato que fez com que algumas pessoas não a esperassem, haja vista que esta foi uma das últimas atividades. Entre os participantes reclamava-se do calor e do horário, já bem próximo ao meio dia. Terminada a disputa a maioria dirige-se ao ponto de ônibus. Não vi ninguém receber medalhas, não deu para perceber se a competição era por equipes.

No ponto de ônibus havia aproximadamente 15 idosas esperando o transporte coletivo, conversavam muito entre si, a conversa girava em torno da dificuldade em chegar a UEFS utilizando esse meio de transporte. No decorrer da pesquisa ficou perceptível que essa era uma temática cotidiana na dinâmica do grupo, fosse pela pouca quantidade de linhas de ônibus ofertada pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana com destino àquele ambiente (apenas três linhas de ônibus partiam dos diversos pontos da cidade para a referida instituição, quais sejam: UEFS via Sobradinho, UEFS via Maria Quitéria e UEFS direta), fazendo com que, muitas vezes, as idosas que frequentavam a UATI tivessem que pegar mais de um ônibus; fosse pelas inúmeras situações de preconceitos e de violação de direitos vivenciadas pela população idosa dentro desse meio de transporte. Como foi, por exemplo, o caso relatado por dona Amarílis, uma senhora de 68 anos e de uma sabedoria indescritível.

Já sofri no ônibus, o motorista me levou até o ponto final, não quis me deixar no ponto onde eu ia descer. Aí eu fui, perguntei o nome dele, ele me disse, anotei a placa do carro, cheguei em casa, chorei feito uma doida, na presença dele não chorei, aí voltei no outro dia, que já era a última viagem dele no outro dia, eu fui, entreguei um Estatuto do Idoso a ele. Aí falei pra ele: - ‘olha aqui senhor M.’. Que o nome dele é M. – ‘Olha aqui senhor M., isso aqui é pra o senhor aprender a conviver com os seus familiares, com sua mãe, sua vó, se o senhor tiver, comigo. Entendeu? Agora senhor M., eu espero que amanhã o senhor nunca envelheça pra passar a humilhação que o senhor me fez passar ontem’. Ele ficou branco feito papel, aí eu peguei ele e botei na justiça. Aí dei queixa dele. Aí me perguntaram se eu queria que ele fosse preso, eu disse que não, era só pra ele receber um susto. Até hoje, hoje em dia quando ele me vê de longe ele me chama pra entrar no ônibus (AMARÍLIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS).

A situação de violação de direitos vivenciada por dona Amarílis se mostra uma realidade muito comum nas cidades que dispõem de transporte coletivo. Existe ainda entre os funcionários deste tipo de transporte, a ideia de que os idosos não deveriam ocupar aquele espaço, uma vez que a velhice seria um período da vida que não mais condiz com a experiência da vivência pública, além de muitas vezes reproduzirem a lógica preconceituosa de que os idosos, ao ocuparem esses espaços, atrapalhariam a vida daqueles sujeitos que seriam economicamente ativos. Todavia, nem todas as pessoas idosas adotam posturas de enfrentamento análogas a de dona Amarílis, que ao ter conhecimento de seus direitos procura maneira de efetivá-los.

No que tange especificamente aos direitos à liberdade, ao respeito e à dignidade da população idosa, o Estatuto do Idoso, em seu artigo décimo estabelece que:

Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.

§ 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II – opinião e expressão;

III – crença e culto religioso;

IV – prática de esportes e de diversões;

V – participação na vida familiar e comunitária;

VI – participação na vida política, na forma da lei;

VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

§ 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

§ 3º É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor (BRASIL, Lei 10.741/2003).

O tratamento despeitoso, vexatório e constrangedor a que, muitas vezes, a população idosa é submetida, faz com que algumas pessoas de mais idade não se sintam seguras nesse tipo de transporte, comprometendo o seu direito à liberdade de ir e vir. Tal fato se mostrou bastante significativo na pesquisa realizada, uma vez que levou algumas idosas a desistirem de participar de atividades na UEFS, justamente por conta

da necessidade de utilizar o transporte público, ainda sendo este gratuito para a maior parte delas. Como é o caso de dona Tulipa, uma senhora de 77 anos, que por ver nos noticiários casos frequentes de acidentes envolvendo pessoas idosas, em virtude especialmente da pressa dos motoristas nas paradas de ônibus, opta por não utilizar esse tipo de transporte, mesmo sentindo que sua vivência em comunidade estava sendo prejudicada.

Pra lá [UEFS], eu não vou não. Eu moro aqui [no centro de Feira de Santana], pra pegar transporte minha filha, pra tá descendo do ônibus, pegando outro, sozinha. Pode numa hora a gente ter um negócio, escorregar. Não, não vou não. Até que eu me matriculei pra fazer [a oficina de] Memórias. E é de tarde e eu vou desistir, eu não vou lá, não vou não. E ainda mais de tarde (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

O discurso de dona Tulipa traduz bem essa insegurança no que concerne ao uso do transporte coletivo, mas também pontua a questão das poucas linhas de ônibus existentes para contemplar o transporte até a UEFS, mesmo no caso dela, que mora no centro de Feira de Santana, precisa pegar dois ônibus diferentes para chegar ao seu destino. Entenderemos melhor essa logística um pouco mais adiante. Importa ressaltar, que nesse momento, durante uma das nossas muitas conversas, dona Tulipa falava de sua vontade de fazer natação, atividade que é ofertada pela UATI, todavia a atividade acontece no já citado Pavilhão de Educação Física (PEF), na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Retomemos a situação antes descrita, o fim dos “Jogos Olímpicos da Terceira Idade”. Ainda no ponto de ônibus, onde todas aguardavam seus referidos ônibus para retornar às suas casa, uma senhora se mostra angustiada diante da urgência em chegar em casa para poder fazer a comida para seu filho almoçar, ela fala com muita satisfação do tipo de comida que ele gosta de comer e que por isso ela precisava logo ir para casa. Em resposta a sua fala, outra idosa que parece conhecer bem a realidade da família, argumenta que o filho só escolhia o que queria comer porque era a casa da mãe dele, porque caso fosse a esposa dele quem fizesse a comida, ele comeria qualquer coisa.

Durante o período em que acompanhei as atividades na UATI, discussões sobre estas questões foram bastante comuns. Discutia-se acerca dos cuidados com a família,

com filhos e, quando convinha, com o marido. As posições eram, às vezes, bastantes contrárias, algumas relatavam que não mais cuidavam de netos, ou mesmo que não se preocupavam com os aspectos relacionados ao cuidado com a casa. Outras entendiam tais cuidados como fundamentais para o andamento da família, especialmente para que as filhas, ou mesmo os filhos, pudessem trabalhar.

Além das atividades físicas que estavam sendo desenvolvidas pelos “Jogos Olímpicos da Terceira Idade”, havia no pátio do PEF uma enorme mesa em se vendia produtos artesanais, resultado de trabalhos executados em oficinas como: “Bordados e Vagonite” e “Criando Artes”. Vendiam-se bonecas de panos e vários tipos de panos de prato com diversos bordados, havia também exemplares do livro “Conhecendo Feira”, um livro cuja organização foi da professora da oficina de Memórias e Leituras, o livro foi fruto desta mesma oficina.

Muitos questionamentos surgiram após esse primeiro contato com o campo e mesmo não obtendo meios suficientes para realizar uma análise profunda desse contexto inicial, algumas observações se confirmaram no decorrer da pesquisa, uma delas dizia respeito à tamanha expressividade da UATI/UEFS. Para melhor entender essa afirmação, apresentarei aspectos relevantes da instituição.

1.2 UATI/UEFS – Espaço e Estrutura

Criada em 1992, a UATI/UEFS está vinculada à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e representa o compromisso desta universidade com a comunidade externa, tendo por finalidade assegurar às pessoas idosas a garantia de direitos sociais, educativos e afetivos. Segundo informações obtidas na instituição durante o período da pesquisa, a UATI/UEFS recebe pessoas com idade igual ou superior a 50 anos, que desejam atribuir outros sentidos à sua vida e constituírem-se como sujeitos de sua história. A instituição recebe ainda integrantes da comunidade universitária, interna e externa, que estudam e pesquisam sobre o envelhecer. Atribuo a este fato a aceitação da minha proposta de pesquisa. Ao realizar buscas virtuais sobre trabalhos acadêmicos produzidos com base em pesquisas

realizadas na instituição, muitos foram encontrados, no entanto, a maior parte deles tratava-se de estudos na área de saúde.

Em um desses estudos sobre a UATI/UEFS, Aguiar et. all. (2006) argumenta que:

Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) é um Programa da Universidade Estadual de Feira de Santana, criado em 1992, através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), visando à integração do idoso no contexto universitário, ao propiciar-lhe um espaço de educação e de participação social na ótica da construção da cidadania, da produção de cultura e do lazer (AGUIAR et. all., 2006, p. 117).

Quando questionada sobre os objetivos que moveram a implantação da UATI/UEFS, a atual coordenadora da instituição, que desde os primeiros contatos para realização desta pesquisa mostrou-se bastante receptiva, argumentou que o principal objetivo foi motivar a população da cidade de Feira de Santana a compreender melhor sobre o processo de envelhecimento, a partir de uma perspectiva mais acadêmica e menos assistencialista.

A Universidade Aberta à Terceira Idade - UATI, da Pró-Reitoria de Extensão, foi criada no dia 04 de agosto de 1992, com Resolução CONSEPE 013/92, definido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Um dos fatos relevantes para a implantação da Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI/UEFS, acontecer foi aceitar o desafio de instigar a população feirense, a compreender o processo do envelhecimento, a partir da experiência que essa demanda apresentava, sem cair no assistencialismo, mas com caráter de indissociabilidade entre – extensão – ensino – pesquisa, com responsabilidade social e expressão política pertinente às questões do idoso, consolidando uma consciência da autonomia e da possibilidade de transformação das condições históricas, educacionais e sociais, a partir da terceira idade (COORDENADORA DA UATI/UEFS)

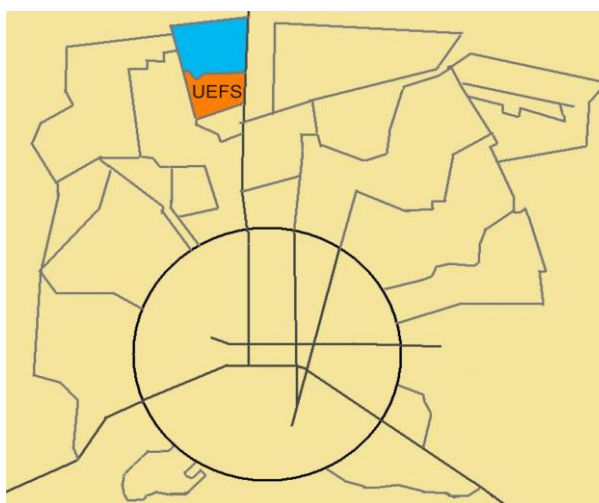
Ao estabelecer os primeiros contatos na UATI, deparei-me com uma instituição de porte inimaginável, eram 810 idosas matriculadas regularmente no programa. Um total de 21 oficinas eram oferecidas pela instituição em diferentes espaços ocupacionais, sendo a própria UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e o CUCA (Centro de Cultura e Arte) os dois principais ambientes em que aconteciam as atividades. Cabe

ressaltar que ambos os espaços eram cotidianamente partilhados entre alunos de graduação e pós-graduação da UEFS e idosas da UATI, e embora eu nunca tenha presenciado situações de desentendimento entre as referidas partes, os relatos das participantes da UATI apontavam para o fato de que tal convivência nem sempre era amistosa.

No que se refere à UEFS, é importante atentar que, numa escala temporal, esta é a terceira universidade mais antiga da Bahia. Foi a primeira universidade estadual a ser implementada no Estado, em um contexto de expansão e interiorização da educação superior. A UEFS conta com um campus central que possui uma infraestrutura considerável, tal o campus é composto por sete pátios de aula, creche e centro de educação básica, laboratórios, biblioteca central, restaurante universitário, prédio da reitoria e administração centralizada, centros de unidades administrativas, cantinas e áreas de convivência, museus, auditórios, parque desportivo, serpentário, herbário, residência universitária e residência indígena⁶. A universidade ainda conta com outras unidades extra campus, quais sejam: o Horto Florestal, o Observatório Antares, o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) e o avançado da Chapada Diamantina.

Esse campus central fica localizado na Avenida Transnordestina (Br. 116 Norte). Espaço bastante afastado do centro da cidade de Feira de Santana, como podemos ver no mapa abaixo, onde o círculo separa os espaços que ficam dentro, e fora, do anel rodoviário.

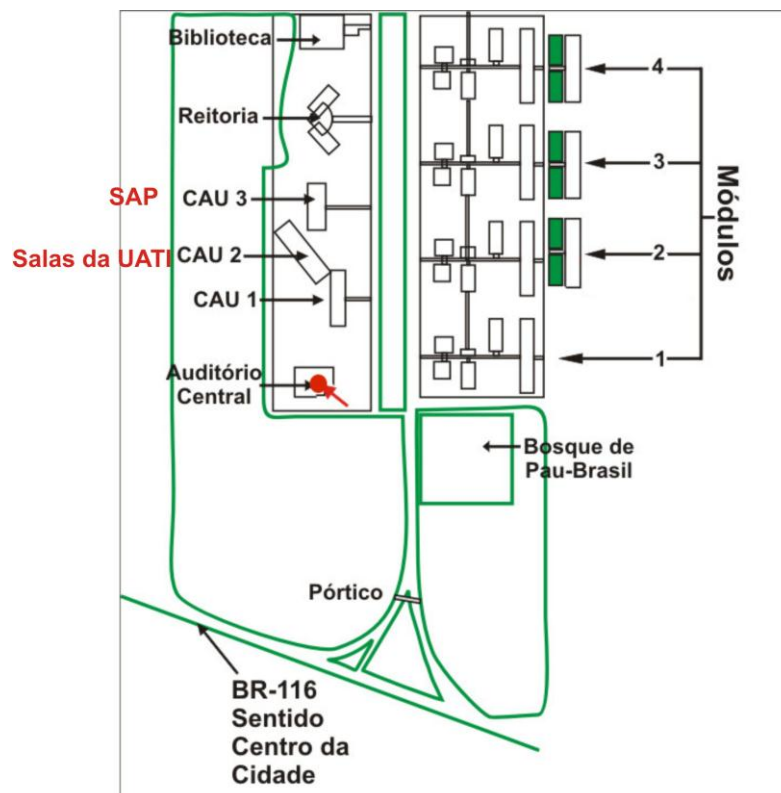
Figura I – Localização da UEFS



Fonte: Google Imagens

⁶ Informações disponíveis em <http://www.uefs.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=13>

Figura II – Mapa Parcial da UEFS



Fonte: Google Imagens

Em um dos prédios administrativos citados funcionam as salas da UATI, duas no total (uma sala de aula e uma secretária). No período em que ocorreu a pesquisa, funcionavam na UEFS as seguintes oficinas: Tai-Chi-Chuan, Ginástica com Música, Espanhol, Criando Artes, Clicar na 3ª Idade, Memórias e Leituras, Saúde X Doenças, Treinamento de Força, Encontros Interativos, Hidroginástica, Alongamento e Flexibilidade, Bordados e Vagonite, Saúde no Envelhecer, Massagem Relaxante e Medicamentos.

Tais oficinas funcionavam nos espaços que se segue: Auditório Central da UEFS (Tai-Chi-Chuan); Pavilhão de Educação Física – PEF (Ginástica com Música, Treinamento de Força, Hidroginástica, Alongamento e Flexibilidade); Sala de aula da UATI (Espanhol, Criando Artes, Memórias e Leituras, Saúde X Doenças, Bordados e Vagonite, Saúde no Envelhecer, Medicamentos); Centro Digital de Cidadania – CDC (Clicar na 3ª Idade); Sala do Serviço de Apoio Pedagógico – SAP (Encontros Interativos); e Laboratório de Enfermagem (Massagem Relaxante).

Figura III– UEFS: Estrutura

Auditório Central



Sala de Aula da UATI



Pavilhão de Educação Física - PEF



Fonte: Google Imagens

De modo diferente da UEFS, o CUCA está situado bem no centro da cidade. Fundado em 15 de setembro de 1995, o Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) é a unidade responsável pela gestão da política cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana junto à comunidade acadêmica e a sociedade da região sob sua abrangência direta⁷. O espaço dispõe de 14 salas; um Teatro Arena (espaço ao ar livre) que possui palco e arquibancada com capacidade para cerca de 100 adultos; e um Teatro Universitário que está equipado com palco italiano, camarins, som, ar condicionado central, coxias, bilheteria, sanitário, foyer de entrada e possui capacidade para 220 pessoas. Aconteciam no CUCA as oficinas de Dança de Salão, Yoga, Coral, Teatro e Eu no Meio Ambiente.

⁷ Informações disponíveis em: http://www.cuca.uefs.br/?page_id=32

Figura IV– CUCA: Estrutura

Fonte: Pesquisa de Campo e Site (<http://www.cuca.uefs.br/>)

Durante a realização da pesquisa eu frequentei algumas oficinas na UEFS e outras no CUCA, porém o acompanhamento do grupo se deu através de sistemática observação participante realizada na oficina de Dança de Salão que ocorria neste último espaço. A escolha por essa última se deu, entre outros motivos, por pensar a dança como uma atividade que, por envolver o corpo, possuíse alguma relação com a questão da sexualidade. Ademais, nesse grupo havia a presença de homens e mulheres, ainda que elas fossem maioria absoluta.

O grupo de dança, ou grupos de dança, que melhor descreverei a seguir, era bastante heterogêneo em diversos aspectos, fosse quanto aos objetivos individuais dos sujeitos (alguns queriam apenas realizar uma atividade física, enquanto outros tinham como ideal se apresentar em espaços públicos), fosse quanto à habilidade motora. Nesse grupo foram realizadas 11 entrevistas, com pessoas que frequentavam assiduamente a oficina e que possuíam idade igual ou superior a 60 anos. As perguntas da entrevista tratavam de questões sociodemográficas, do relacionamento familiar, de gênero e de

raça, da convivência na UATI, do processo de envelhecimento, da representação social da velhice, de sexualidade, bem como das relações afetivo/sexuais.

1.3 Os sujeitos da pesquisa

Ao começar frequentar a oficina de dança de salão, a primeira pessoa que chamou minha atenção foi Dona **Magnólia**, uma senhora muito alegre e comunicativa. Foi a primeira pessoa do grupo a se aproximar de mim e questionar acerca da minha presença naquele espaço. No auge dos seus 80 anos, é separada e teve um relacionamento muito complicado com seu ex-companheiro, pai de seus filhos, uma vez que sofreu durante muito tempo os mais diversos tipos de violência doméstica. Teve 23 gestações das quais nasceram 16 filhos, desses, apenas oito estão vivos. Natural da cidade de São Gonçalo dos Campos, de um distrito chamado Mercês, atualmente mora na cidade de Feira de Santana Mora com uma filha e uma neta. A casa é própria, mas tem apenas um quarto, de modo que ela dorme na varanda. Autodeclara-se negra, mas ressalta que o cabelo “é meio solto”, comumente faz diversas brincadeiras com relação a sua idade e à sua raça. É católica e quando o assunto é religião não admite brincadeiras e nem desrespeitos. É aposentada e recebe um salário mínimo, as despesas de casa são rateadas entre ela, sua filha e sua neta, mas confessa que a maior parte de seu dinheiro é para despesas pessoais, tais como viagens. Alega ter uma boa relação com sua família, mas por vezes entra em conflito com a filha e com a neta, em virtude do controle excessivo delas, controle esse que, segundo ela, se justifica pelo fato da mesma ter diabetes. Casou-se com 15 anos e posteriormente foi abandonada pelo marido. Orgulha-se por ter criado os filhos, os netos e os bisnetos praticamente sozinha e principalmente pelo fato de “*nenhum ser envolvido com coisa errada*”. Frequenta a UATI há três anos.

Outra entrevistada foi dona **Gardênia** que tem 68 anos e considera uma dádiva de Deus ter essa idade. Casou-se apenas uma vez, aos 17 anos, ficou viúva ainda jovem, aos 45 anos, mas nunca mais teve relacionamento amoroso de qualquer espécie. Atribui esse fato a todo sofrimento vivenciado no seu casamento, sofreu violência doméstica praticada pelo marido, chegando ao ponto de ter apontada para sua cabeça uma arma de fogo. A morte de seu marido se traduz em um momento libertador para sua vida. Se

autodeclara branca. É evangélica e costuma dividir seu tempo entre as atividades da UATI e da Igreja. Teve 8 filhos, mas, por opção, mora sozinha. Ressalta que tem uma ótima relação com os filhos e netos. É aposentada e possui uma renda individual de dois salários mínimos. Frequenta a UATI há 5 anos.

O senhor **Lírio** é um dos poucos homens frequentadores da oficina de dança. Possui 70 anos. É casado, mas fica sozinho boa parte da semana, uma vez que encontra sua mulher em Lauro de Freitas apenas aos finais de semana, local onde construiu um village para a família. Possui três filhos e três netos, demonstra muito orgulho ao falar dos mesmos. Teve uma história de vida bastante difícil, sofreu muitos preconceitos de natureza racial. Autodeclara-se negro. É católico. É aposentado e possui alguns imóveis alugados, recebe em média 2 mil reais. Fala com muito carinho da relação que mantém com seus filhos, netos e esposa. Frequenta a UATI há 7 anos.

Tulipa tem 77 anos. É viúva, tem cinco filhos e mora só, com frequência queixa-se da solidão e, não raro, chama as amigas da UATI para ficarem em sua casa. Afirma que a relação com os filhos é até boa, mas poderia ser melhor. Queixa-se especialmente do tratamento dado pelos filhos homens, que por muito tempo ficam sem manter contato com ela. É católica. Fala com muita alegria sobre seu casamento. De condição financeira bastante favorável, é aposentada, tem uma renda mensal individual de aproximadamente 5 mil reais e com periodicidade empresta dinheiro as colegas do grupo. Frequenta a UATI há mais ou menos um ano.

Rosa possui 62 anos e é muito vaidosa. É separada. Tem quatro filhos, mora com um filho e duas netas. Não é aposentada, mas recebe ajuda dos filhos, especialmente de uma filha que mora na Europa. Ressalta o desejo de trabalhar e queixa-se das dificuldades que as pessoas idosas possuem para conseguir um emprego. Tem uma relação muito boa com a família, especialmente de filhos e netos. Autodeclara-se parda e com grande identificação com a cultura. Casou-se aos 15 anos, após ter inventado para os pais que tinha perdido a virgindade, com o casamento achava que ia ter a liberdade que não tinha na família. Todavia, teve um casamento, segundo ela, horrível. Posteriormente, casou-se novamente, mas o segundo marido era ciumento, separou-se há três meses. Frequenta a UATI há 8 anos.

Margarida possui 69 anos. É separada e se autodeclara parda. A renda individual mensal é de um salário mínimo em virtude de sua aposentadoria. Por muito tempo exerceu a atividade de costureira, mas atualmente não exerce mais. Mora com a

filha, que além de ajudar nas tarefas domésticas também contribui para as despesas de casa. O relacionamento com a filha é definido por ela como maravilhoso, haja vista que também é sua amiga e companheira. Frequenta a UATI há aproximadamente 7 anos.

Hortênsia possui 67 anos, tem três filhos e se autodeclara negra, embora tenha tido forte influência do catolicismo, declara não ter religião alguma. Ficou viúva quando o marido, ao tentar separar uma briga em um jogo de futebol, levou um tiro. É aposentada, recebe um salário mínimo, e por vezes, ainda exerce a profissão de costureira para poder complementar a renda. Mora com dois filhos, nora e netos. A casa é própria e fala muito bem da relação com a nora. Gosta muito de dançar, fato que faz estar presente em muitos bailes de final semana. Frequenta a UATI há 1 ano.

Amarílis possui 68 anos e se diz muito feliz em relação à sua idade. Está casada há 38 anos, sendo esse seu segundo casamento. Tem cinco filhos do primeiro casamento e atualmente mora com o marido, uma filha divorciada e um neto. A casa que mora é própria. Autodeclara-se parda e já sofreu violência doméstica. É evangélica. É aposentada e recebe um salário mínimo, mas as despesas de casa são pagas pelo marido que é aposentado pelo ministério da agricultura e, segundo ela, possui excelente situação financeira. Tem uma relação muito boa com sua família (esposo, filhos, netos e irmãos). Frequenta a UATI há 9 anos.

Jasmim possui 68 anos. É viúva, ficou casada durante 39 anos e 5 meses e afirma ter tido um excelente casamento. Ela e o marido desejavam muito ter um filho, mas por um problema de ordem biológica não lhes foi permitido engravidar, por isso tem alguns irmãos que considera como seus filhos. Perdeu a mãe ainda com 16 anos. Autodeclara-se parda. É católica. Mora sozinha e não tem nenhum parente na cidade, uma vez que é natural de Sergipe. É pensionista, recebe um salário mínimo, mas deste valor é abatido o empréstimo por ela solicitado ao banco. Já teve alguns relacionamentos amorosos após a morte do marido, mas atualmente está sozinha. Frequenta a UATI há seis anos.

Verônica possui 64 anos e é separada, mas afirma manter um ótimo relacionamento com o ex-marido. Não possui qualquer tipo de renda própria, de modo que conta com o auxílio dos filhos e do ex-marido, que mesmo separado, nunca deixou de ajudar. Também possui uma boa relação com filhos e netos. Mora com uma filha, um filho e neto que cria desde pequenininho. Declara-se católica e negra. Frequenta a UATI há aproximadamente 4 anos.

Dona Violeta possui 74 anos. Declara-se viúva, mas quando o marido morreu já estavam separados em virtude dos sofrimentos vividos durante o casamento. Alega ter passado muita necessidade e diz nunca ter se casado novamente por acreditar que outro homem não lhe daria o devido valor, haja vista que *“se o primeiro, que era o pai dos meus filhos, não me deu valor, outro vai me dar?”*. É aposentada, recebe um salário mínimo, mora com uma filha, um filho e dois netos. Apenas um dos netos não trabalha e, por isso, depende dela, os demais membros contribuem para a despesa de casa. Declara-se católica e se autodeclara negra. Frequenta a UATI há 26 anos.

1.4 Analisando algumas oficinas

Memórias e Leituras foi a primeira oficina que de fato eu comecei a frequentar. Já no primeiro dia em campo e após a minha apresentação em sala, uma aluna chegou até mim questionando o meu interesse pelo estudo do envelhecimento e ao fim me disse em tom aconselhador *“– Deixe para entender dessas coisas [da velhice] quando não tiver mais jeito, enquanto tiver nova, aproveite!”*. Afirmações deste tipo são comuns e até mesmo compreensíveis, uma vez que o processo de envelhecimento ainda é entendido na sociedade contemporânea através de construções bastante preconceituosas.

Inquietações a respeito do meu interesse pelo estudo do processo de envelhecimento eram constantes, algumas não entendiam a minha necessidade de frequentar a UATI. Como algo muito comum em outros ambientes e em outras faixas de idade, a rotina acaba nos impedindo de ver muitas coisas e para algumas das idosas ali presentes, a rotina não lhes deixava ver riqueza dos encontros, ainda que o convívio entre os diversos grupos das diferentes oficinas fosse sempre valorizado pela instituição.

Nos encontros em que pude estar presente, participaram dessa oficina cerca de 20 pessoas, todas mulheres. As aulas começam sempre com um exercício de alongamento e de respiração, nesses momentos eram comuns piadas acerca do *“enferrujamento das articulações”*, que segundo elas, seria próprio do processo de envelhecimento. A professora (que além de ministrar a oficina, também é professora de graduação da UEFS) também é idosa e concorda com a brincadeira, ela também brinca com a dificuldade em realizar os exercícios de alongamento.

Nesses momentos de realização de exercícios era comum uma disputa para ver quem tinha maior flexibilidade e, portanto, quem conseguia realizar os exercícios com maior facilidade. Posteriormente, verificarei que a disputa é um elemento bastante presente em todas as oficinas por mim frequentada e que, nem sempre, ela tem um cunho benéfico.

Certa vez, em um desses encontros, a professora iniciara uma discussão de gênero. Tal discussão perpassava basicamente pelas tarefas domésticas e isso causou um enorme burburinho, fruto da vontade de se expressar por parte da maioria delas. A questão da desigualdade de gênero se mostrava uma realidade muito próxima de suas vivências, de modo que falam das suas experiências em casa, da pouca ajuda que recebiam dos filhos homens, bem como dos maridos, principalmente quando se tratava dos afazeres domésticos. Nesse dia, uma idosa relatou a experiência de seu filho na Alemanha, dizia com orgulho que ele tinha ido para o referido país por motivos de trabalho e estudo, e que lá teve que desempenhar diversas tarefas de casa, tarefas essas que até então ele não fazia aqui no Brasil, de modo que, quando o filho chegou da Alemanha, passou a ajudar nas tarefas de casa. Ao colocar a mudança de atitude do filho, enfatiza com veemência: “– **mas ele não é gay!**”.

A necessidade desta afirmação advém de construções machistas ainda vigentes na sociedade que atribuem a responsabilidade das tarefas domésticas e do cuidado com a casa à mulher, assim a execução de tais atividades por parte dos homens acabaria por trazer implicação a sua sexualidade. Sabemos que tais ideias não passam de construções sociais que apenas servem para legitimar o poder dos homens sobre as mulheres e que as duras penas o movimento feminista vem buscando desconstruir.

A oficina trabalha bastante a leitura e interpretação de textos. Fato que chama atenção é que todas as mulheres que frequentam sabem ler e que a todas é dada a oportunidade de leitura durante a execução da oficina. O entendimento do texto é sempre acompanhado de relatos de suas vivências pessoais, ou seja, de suas memórias individuais e coletivas. Um elemento a ser ressaltado foi que durante toda a discussão elas falavam olhando para mim, como se esperassem minha aprovação ou reprovação.

Há uma turma desta mesma oficina ministrada por outra professora. Nesta outra turma há a participação de alguns homens, mas eu só estive com esta turma uma única vez. Nesta única vez que estive presente com a turma presenciei uma discussão acerca de vestimentas, a discussão perpassava pela lógica do binarismo adequado/inadequado

para a idade. Assim prosseguia a conversa entre duas idosas: “– *eu não uso camisa regata porque me sinto nua, mesmo dentro de casa não gosto de mostrar os braços*”, dizia uma delas. A outra que estava vestindo uma camisa regata, farda da UATI, prontamente responde: “– *eu não gosto de mostrar a barriga*”. “– *Eu não gosto de mostrar os braços, quem dirá a barriga. Tem gente que faz questão de mostrar, eu não acho bonito em jovem, imagine em velho*”, retruca.

Esse tipo de discussão mostrou-se bastante corriqueiro no cotidiano das atividades da UATI e sempre havia opiniões contrárias quando o assunto era o tipo de roupa ideal para cada idade. Os comentários tecidos sobre o fato das pessoas idosas deixarem, ou não, “o corpo à mostra” envolve uma discussão que perpassa pela cultura da “eterna juventude” que, de acordo com Sardenberg (2000), é imperante na sociedade brasileira. A autora assinala que resistir às pressões sociais, no que tange ao combate do processo de envelhecimento, não tem sido fácil. Isto por que:

Não bastasse todo o apelo mercadológico da infinidade de produtos, serviços e novas tecnologias do corpo oferecidas para mulheres de todas as idades e matizes se produzirem como ‘mulheres’ dentro dos mencionados padrões, eis que para nós, as que estão ‘chegando para a idade’, avulta-se ainda o apelo de outras ‘novas tecnologias’, novos produtos e práticas outras que prometem, juram, atestam combater ou disfarçar as indesejáveis marcas e, como em um passo de mágica, devolver-nos aquele corpo jovem que o tempo nos roubou (SARDENBERG, 2000, p.2)

A referida autora, ao fazer uso da famosa frase utilizada pelas feministas “o pessoal é político!”, argumenta que os dilemas que envolvem o corpo não devem ser entendidos como problemas individuais, alertando-nos para o fato de que intervenções singulares (cirurgias plásticas e cremes) são soluções paliativas e provisórias.

Para melhor compreender as representações sociais do corpo que envelhece, especialmente o corpo feminino, é preciso que entendamos, assim como a autora, que este “problema” se constitui, antes de tudo, em uma questão de gênero. Sardenberg (2000) utiliza-se do conceito de “corpos gendrados” para pensar o corpo não como um dado natural, mas como o produto de uma construção histórica, haja vista que concepções historicamente estabelecidas de gênero, raça, etnia, idade, entre outras,

diferenciam e categorizam os corpos. “De sorte que até mesmo um corpo desnudado, sem adornos ou inscrições culturais específicas, não é por assim dizer, um corpo ‘natural’. Ao contrário, esse corpo será submetido a uma leitura culturalmente específica e assim, classificado de acordo com os demarcadores sociais existentes” (SARDENBERG, 2000, p. 5).

Assim, os corpos femininos que frequentam a UATI não possuem marcas de tatuagens, ao menos visíveis, e nem mais de uma marca de brinco em cada orelha, algumas chegam mesmo a nem possuir essa marca, levando-nos a entender que nunca usaram tal adereço, ou há tempos não os usam. Ainda assim estes corpos apresentam a marca do tempo e nem sempre é fácil lidar com a situação, especialmente em um contexto em que a beleza é associada à ausência de tais marcas.

Para lidar com essa questão do corpo que envelhece, muitas ressaltam a importância de estar sempre arrumada e muito cheirosa. De maneira que, era predominante entre as idosas da UATI os bons cheiros de cremes e perfumes. A colocação de dona Gardênia deixa explícito o prazer advindo dessa prática.

Alegria de me vestir bem, de me pintar, saber que vou botar um bom perfume. Que eu gosto de tudo isso, bom perfume, bom sabonete, uma boa roupa, sair arrumada, enfeitada [risos] (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Ainda de acordo com a Sardenberg (2000), a vida em sociedade nos ensina desde pequenas como comer, o que comer. Assim, da mesma forma somos treinados a controlar as necessidades fisiológicas, somos “também adestrados a responder a determinados estímulos sexuais e não a outros, alimentar ou não nossos desejos eróticos por determinadas pessoas de acordo com sexo, idade, raça e relação de parentesco reconhecida, bem assim como disciplinar a externalização de outras emoções e sentimentos, através de choro, do riso ou de gestos” (SARDENBERG, 2000, p. 6). Esse disciplinamento do corpo que na grande maioria das vezes se apresenta como natural, é comumente reproduzido sem qualquer atitude reflexiva. Assim acontece com quando somos submetidos a diversos rituais diários para, nas palavras de SARDENBERG (2000. P. 7), “nos tornarmos mulher”.

É esse disciplinamento do corpo leva as idosas da UATI a frequentemente censurarem as vestimentas de outras idosas que julgam inadequadas à sua idade, tal como no diálogo acima mencionado.

Ainda nesse referido dia de visita a esta segunda turma da oficina de Memórias e Leituras, dois senhores que sentaram ao meu lado conversam sobre a importância da UATI enquanto um espaço que proporciona a socialização e a vivência em comunidade. Um deles argumentava que trabalhou 32 anos e que ao se aposentar estava se sentindo meio “borocochô”, que estava sentido a necessidade de entrar em contato com gente, precisava voltar à ativa e que este teria sido o principal motivo para procurar a UATI.

A importância de trabalhar a memória também foi citada na conversa, segundo um dos dois senhores, manter a memória ativa era importante para que não começasse a esquecer-se das coisas. Ainda de acordo com o mesmo, a memória era mais bem trabalhada em oficinas de música, nesse momento falou também de sua participação no coral da UATI, diz não ter gostado da roupa do coral porque parecia roupa de mulher, “– só tem um buraco na cabeça”, dizia ele.

A distribuição das cores das roupas do coral (cinza e vermelho) também foi alvo de sua crítica, uma vez que acreditava ser um absurdo qualquer um vestir a cor que quisesse. Na sua perspectiva, os homens deveriam vestir cinza, enquanto que as mulheres deveriam vestir vermelho. O colega que ouvia seu desabafo concordou com o que ele dizia e aproveitou o ensejo para recitar um poema cujo título era “o desengano da vida que o tempo leva e não traz”. O poema falava sobre a velhice feminina, e retratava a história de uma mulher que possuía muita beleza na juventude e por isso desprezava os homens e que ao ficar velha, permaneceu sozinha em virtude de ter perdido a beleza, “– ficou velha e solitária”, dizia o fim do poema.

A questão de gênero perpassava grande parte das discussões que corriqueiramente ocorriam nos grupos. Ficou perceptível, ao longo de toda a pesquisa, que as construções sociais e históricas acerca do gênero interferiam significativamente nas representações sociais que estes sujeitos possuíam sobre a velhice.

A sexualidade e as relações amorosas foram outras temáticas que ocuparam espaço privilegiado nas conversas entre as participantes da UATI, especialmente nas oficinas de Dança de Salão e de Saúde X Doença. Esta última era ministrada por dois estudantes de medicina da referida instituição. Em um dos muitos encontros frequentados por mim nessa oficina, eu encontrei duas senhoras sentadas que

aguardavam o início do encontro. Elas falavam acerca de um casal de idosos que também frequentam a UATI/UEFS e que uma das duas encontrara no centro da cidade. Falavam sobre o fato desse casal ter casado na velhice. Quando uma das idosas indagou: “– *que graça tem os dois velhos? Logo, logo fica viúva!*”.

A sexualidade na velhice ainda é permeada por muitas ideias preconceituosas, algumas delas notadamente relacionadas às construções de gênero, haja vista que a sexualidade das mulheres esteve historicamente associada à lógica reprodutiva, nessa linha de raciocínio, a vivência da sexualidade na velhice não seria uma prerrogativa das mulheres, haja vista não estarem mais em idade reprodutiva.

Nesses encontros era trivial que as idosas falassem de suas vidas, do cotidiano e hábitos alimentares. As questões de ordem clínica/médica também eram alvo de muitas conversas, preocupação com doenças como a diabetes, comum entre as idosas que frequentavam as oficinas. Esta foi doença, muitas vezes, foi apontada como uma das piores doenças existentes, uma vez que não tem cura, “– *pior mesmo que o câncer, a infeliz da diabetes não tem o que se faça*”, dizia uma idosa que possuía a doença. Críticas quanto aos valores de medicações, de exames e de consultas médicas também eram comuns. Muitas vezes me vi em meio às discussões orientando acerca de políticas públicas, bem como de direitos garantidos à população idosa.

Certo dia, o tema dessa oficina foi à campanha do “Outubro Rosa⁸”, também nesta oficina a maior parte das pessoas que participavam eram mulheres, mas havia homens, ainda que poucos. A importância do auto-exame e da mamografia foi bastante ressaltada e muitas dúvidas foram elucidadas. Ações deste tipo são de importância ímpar, especialmente porque as mulheres idosas não têm sido alvo das políticas públicas de saúde.

Ainda durante essa referida oficina, duas idosas que estavam sentadas ao meu lado, comentavam em baixo tom acerca da vestimenta que seria o tipo ideal para pessoas idosas, elas comentavam o quanto era feio uma pessoa de mais idade usando blusa decotada e roupas curtas que deixariam “as carnes” à mostra. “– *Um dia eu vi uma cena triste, uma mulher velha de vestido de alça e com a bainha do vestido feita, e*

⁸ O movimento conhecido como Outubro Rosa nasceu nos Estados Unidos, na década de 1990, para estimular a participação da população no controle do câncer de mama. A data é celebrada anualmente com o objetivo de compartilhar informações sobre o câncer de mama e promover a conscientização sobre a importância da detecção precoce da doença.

curta!” dizia ela apavorada. Esse cochicho foi motivado mediante a entrada de uma idosa que vestia uma blusa de alça fina.

Os encontros desta oficina continham conteúdos sempre do interesse de todos, teve-se oficina sobre câncer de próstata, diabetes e hipertensão. O assunto era sempre transmitido da forma mais clara possível e investia-se muito no conteúdo relacionado à prevenção. Por vezes, durante os encontros aferia-se pressão arterial das participantes, elas gostavam deste cuidado. Pesquisas de outra natureza também eram feitas, a exemplo da aplicação de questionários de cunho clínico, contendo perguntas acerca de doenças preexistentes, cirurgias já realizadas, histórico de doença na família e da medicação da qual faziam uso. Nesses momentos era comum que eu tivesse uma participação mais ativa, favorecendo o andamento da atividade, esse fato fez com que, algumas vezes, eu fosse vista pelos participantes dessa oficina também como “oficineira”.

A questão da raça e da idade era, muitas vezes, abordada de maneira interseccional quando se discutia assuntos ligados a arrumação dos cabelos, as idosas questionavam a importância de alisar e pintar os mesmos. Algumas defendiam a necessidade da pintura, outras do processo de alisamento, outras tantas dos dois processos concomitantemente, enquanto outras ressaltavam, orgulhosamente, a não utilização de nenhum dos dois processos “– *eu tenho cabelo ruim mesmo, vai ficar assim, peguei da minha vó que veio da África, aí ficou um pouquinho pra mim*”.

A temática é emblemática, especialmente em virtude das inúmeras construções sociais racistas elaboradas historicamente. A questão racial foi objeto de intervenção da oficina de dança de salão, por meio de uma das apresentações de final de ano. Essa foi última foi a oficina que eu acompanhei mais de perto.

Antes de ir, pela primeira vez, à aula de dança tentei vários contatos com o professor da disciplina, todos eles sem sucesso, nem por email, nem por celular. Então resolvi tentar contato com ele no dia da aula que estava no cronograma que me foi dado pela coordenadora no início da pesquisa. Foi então que, em uma segunda-feira, dia 31 de março de 2014, pela manhã, me dirigi ao CUCA, lugar onde as aulas aconteciam.

Ao chegar ao CUCA havia cerca de 20 idosas esperando no pátio, todas conversavam com bastante intimidade, pareciam já se conhecer há algum tempo. Um senhor logo veio ao meu encontro, se apresentou e pediu para que eu me apresentasse,

falei então da minha pesquisa e ele me aconselhou esperar o professor chegar para conversar com ele, mas que de antemão era para eu me sentir bem vinda.

Começamos a conversar e ele me falou sobre sua vida, sobre seus filhos, o orgulho que tinha deles, especialmente do mais novo que era professor de estatística, que namorava uma garota, e que juntos tinham aberto uma financeira. Falou sobre o engarrafamento na cidade e também sobre a possibilidade de criação de um shopping popular na Rua Salles Barbosa, com intuito de retirar as inúmeras barracas que ficam no lugar impedindo a circulação dos pedestres. Ele falou sobre política, religião, viagens, especialmente sobre aquelas que eram realizadas pelas oficinas da UATI, ao final ele mesmo se intitulou de conversador, mais adiante eu perceberia que este já era um estereótipo que vigorava no grupo. Contou-me ainda muitas coisas sobre seu casamento, falou que conheceu sua esposa quando ela ainda era criança e ele já adulto, que ele frequentava o hotel de sua mãe e lhes trazia balas com frequência, mas não com outras intenções. Apenas gostava mesmo da garotinha, depois de muito tempo a vida se encarregou de juntá-los novamente, a garotinha já era uma mulher e eles se casaram; sua esposa é 18 anos mais nova que ele e raramente aparece nas atividades promovidas pelo grupo de dança. Eles já possuem 39 anos de casado.

Posteriormente eu perceberia a importância de chegar antes da aula começar. Aquele era um momento de muita interação entre os participantes, falava-se de tudo. Muitas vezes utilizei esse espaço para realizar as entrevistas com as idosas.

Quando o professor chega, eu vou até ele e lhes digo das minhas tentativas iniciais de manter contato. Explico-lhe sobre a minha pesquisa e ele prontamente me autoriza a realizá-la, diz-me que existem dois grupos, um maior, que é esse que se encontra às segundas-feiras e outro menor que também vem às sextas-feiras. Incentivou-me a comparecer aos dois. Falou-me que não havia velhos com ele, que todas ali eram jovens e muito ativas.

Inicialmente não compreendi bem a divisão do grupo, nem a metodologia adotada pelo professor, tão pouco a sua afirmação de que não existiam velhos naquele local, posteriormente todas essas questões seriam esclarecidas. Todas as idosas estavam muito ansiosas pelo início da aula, tão logo o professor a iniciou, eu me fixei mais ao fundo da sala para não atrapalhar. Não houve tempo para que eu me apresentasse ao grupo.

O grupo era bastante heterogêneo e numeroso também, havia cerca de 90 pessoas inscritas na oficina. Cabe atentar que a UATI possui cerca de 900 pessoas inscritas, 10% delas são matriculadas na dança de salão, este é um dado que se torna significativo se analisarmos a quantidade de oficinas oferecidas pela instituição, muito embora as alunas possam se matricular em mais de uma atividade. Ainda assim a procura pela oficina é grande e a cada dia de aula aumenta. Não raro aparecem alunas novas pedindo ao professor autorização para participar da oficina. A média de alunas por aula neste grupo que se reúne às segundas-feiras é de 50 pessoas, a quantidade de idosos, varia entre 3 e 7 homens. As idades variavam entre 50, 60, 70 e 80 anos.

Um dado importante é a ocorrência de diversos casos em que as pessoas eram registradas com datas erradas, como o caso de dona Jasmim e dona Margarida, a primeira foi registrada com 13 anos a mais do que na realidade possuía e a segunda foi registrada com três anos a menos que sua idade real, para efeitos da pesquisa a idade considerada foi a que as entrevistadas relataram ter, independente do documento de identificação. Atentemo-nos aos seus relatos.

Olhe, nos meus documentos diz que eu nasci em 14 de setembro de 33, mas diz que meu pai era doido, porque nós morávamos no interior, aí quando nasciam os meninos todos da vizinhança, da família dele, ele era quem levava tudo e ia registrar na cidade, invés de botar um sobrinho, me botou, mas pela data que deu ao meu marido eu tenho 68, fiz no dia 14 de setembro (JASMIM, PARDA, VIÚVA, 68 ANOS)

Na verdade mesmo eu vou fazer 70, mas como meu documento foi feito errado, diminuíram três anos, então eu fiz agora mesmo, eu fiz em 21 de setembro eu fiz 67. Mas na verdade eu vou fazer em dezembro 70 (MARGARIDA, PARDA, SEPARADA, 69 ANOS).

Outro elemento de grande relevância é a pouca participação dos homens em grupos para a terceira idade, este fato não é uma peculiaridade da UATI/UEFS, esta é uma realidade comum nos grupos intitulados “de terceira idade”. Britto da Motta (2013) argumenta que esses programas tiveram uma maior aceitação social nas décadas de 1980 e 1990 e por idosos mais jovens, sobretudo por mulheres de classe média com

disponibilidade de tempo e dinheiro para gastar, pairava sobre a sociedade um ideário feminista que incentivava as mulheres a saírem da vida privada.

As participantes de tais programas são comumente “mulheres que completaram o *ciclo reprodutivo* e, mais liberadas das demandas familiares – filhos criados, adultos ou casados; maridos menos exigentes ou envolventes, rotina doméstica consolidada –, entram no afã do ‘agora, afinal, pensar em mim’” (Britto da Motta, 2013, p. 94). Cabe ressaltar que o ciclo reprodutivo a que a autora se refere como: casar, ter filhos e atingir a menopausa, é uma realidade compartilhada por quase a totalidade das mulheres idosas e de meia idade que frequentam a dança de salão na UATI/UEFS.

Para as idosas que frequentam a UATI, a ausência masculina nestes espaços se daria por dois motivos principais, quais sejam: o primeiro porque os homens, ao envelhecerem, ficam mais caseiros, sofrem mais com a velhice e por isso não querem sair de casa, como afirma dona Gardênia no trecho abaixo:

A mulher é mais dinâmica, o homem fica logo apagado num canto, não é? A mulher tem mais fogo, você vê pela dança, quantas mulheres tem ali e são contados os homens, uns gatos pingados de homens. Aí [na oficina] meio ambiente agora tinha era mulher, se tinha cinco homens era muito. Então, o homem acha que ele vai caindo e não presta mais pra nada, né? (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

A segunda refere-se à negação da velhice por parte dos homens, segundo dona Violeta, os homens têm mais dificuldade em aceitar o processo de envelhecimento e por tal motivo se recusam a participar deste programas e “se misturar com as velhas”.

Eles [os homens] não querem ser velhos. E tem deles que não querem ser velhos. Eles, muitos deles não frequentam a terceira idade porque não querem ser velhos. Não querem se misturar com os velhos porque eles não querem ser velhos. E as mulheres não. As mulheres não têm isso, viu? E eles mesmo eu canso de dizer, eu canso de ver – ‘eu mesmo que não sou velho, vou me misturar mais esses velhos pra ta pra cima e pra baixo? Vou nada’. Preferem andar bebendo, jogando dominó debaixo dos pés de paus do que frequentar a terceira idade [risos] (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS)

No intuito de melhor compreender a organização dos grupos de dança de salão, chamaremos o grupo maior de Grupo Informal e o menor de Grupo Formal, no sentido de que, como veremos adiante, o Grupo Formal é o que comumente se apresenta nos eventos como o grupo de Dança de Salão da UATI.

Às segundas-feiras as pessoas chegam antes do horário da aula e ficam aguardando o professor chegar, algumas chegam cedo demais. É o caso de dona Magnólia (80 anos), figura ímpar nas oficinas que frequenta. Sempre bem humorada e simpática, conversava com todas as pessoas do momento em que chega até o momento em que vai embora. Ao chegar pede logo ao zelador, em tom de brincadeira, para que ele providencie abrir a sala e algumas cadeiras.

As cadeiras são, de fato, fundamentais para algumas participantes, uma vez que no decorrer das aulas o cansaço faz com que elas se sentem, descansam um pouco e depois voltem a dançar. Dona Magnólia faz piada de tudo e de todas, sempre que quer conseguir algo para os grupos dos quais participa não poupa esforço para isto, vai a quem tem que ir, fala com quem tem que falar; com o decorrer do tempo passou a me chamar de modo muito carinhoso de “minha menina”. Quando eu chegava, logo providenciava uma cadeira para que eu pudesse me sentar e fazer as anotações necessárias.

A aula começava sempre com alguns exercícios de alongamento que eram realizados em colchonetes. Havia uma pilha deles no canto direito da sala, as alunas utilizavam durante a aula e elas mesmas se encarregavam de arrumar. O ritmo musical variava conforme o período. No primeiro semestre a turma se preparava para a apresentação da festa de São João promovida pela UATI e no segundo semestre, para a festa de final de ano também promovida pela instituição. Portanto neste primeiro semestre de 2014 muitas aulas foram embaladas pelo ritmo do forró.

Na aula do grupo informal normalmente formavam-se 5 filas, a primeira do canto esquerdo era comumente composta pelos homens que variavam numericamente entre 3 a 7 homens, todavia a presença constante era de dois, seu Lírio e seu Cravo. As demais filas eram de mulheres e geralmente variavam numericamente entre 30 e 40 participantes por dia. Havia uma rotatividade muito grande das pessoas, fato que fazia com que a cada semana eu me deparasse com pessoas que eu achava não conhecer.

No começo da aula, cada pessoa ocupava a fila e o lugar que queria, mas o grupo que ficava à frente era comumente o mesmo. O professor que ficava à frente das filas,

ensinava o primeiro passo e todas repetiam. Enquanto todas estavam executando o passo ensinado pelo professor, ele saía circulando no meio do salão para auxiliar àquelas que não estavam conseguindo realizar de maneira correta. Depois de supervisionar um a um, o professor começa então a separar em grupos, segundo a facilidade de reprodução do passo de dança por cada pessoa. Assim o grupo da frente é o que tem maior facilidade e harmonia também. Os grupos do fundo são de pessoas que realmente não estão conseguindo reproduzir o passo. É importante atentar que esses grupos não são fixos e que a formação deles dependerá da facilidade/dificuldade no passo executado a cada semana, portanto, uma pessoa que em uma semana teve dificuldade para aprender um passo, na outra não necessariamente o terá.

Figura V – Aula do Grupo Informal



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014

A metodologia de divisão proposta pelo professor se justifica pelo fato dele poder dar mais atenção aos grupos que possuem algumas dificuldades. No fundo e nas laterais da sala – onde ficam as cadeiras – porém, são comuns conversas entre as participantes. Conta-se piada, fala-se do noticiário da semana, de algum acontecimento que abalou a sociedade, discute-se política, religião e família; a sexualidade é um tema constantemente abordado.

Relatos sobre a liberdade obtida após a morte do marido ou mesmo a separação eram comuns. Estes fatos constituíam marcadores importantes para decisão de ingressar em grupo de dança de salão, muitas afirmam que durante todas suas vidas foram

impossibilitadas de dançar. Esta realidade também é abordada por Britto da Motta quando a autora retrata a dinâmica desses grupos de terceira idade.

As mulheres se declaram, quase unanimemente, mais livres e satisfeitas do que quando eram jovens. Referem-se muitas vezes, à condição de liberdade. Estabelecem cronologias curiosas quando expressam a satisfação em frases como a de uma setentona: ‘Agora eu sou jovem, porque quando estava jovem eu não podia fazer nada do que do que eu desejava’ (Lembre-se de que, na juventude, muitas delas passaram da dura regulação do pai severo para o comando de um marido típico ‘do tempo antigo’) (BRITTO DA MOTTA, 2013, p. 95).

As mulheres que participam do grupo de dança de salão possuem uma história de vida que não dista desta realidade, uma vez que muitas delas sentem-se mais novas do que em sua própria juventude, isto porque a liberdade adquirida mediante os motivos mencionados lhes possibilita fazer coisas que jamais imaginariam poder, a exemplo: participar de um grupo de dança de salão.

As diferenças de classe também são perceptíveis, especialmente nas vestimentas e adereços. Embora a instituição tenha uma farda, nem sempre as pessoas vão fardadas, e ainda que fardadas elementos outros, como adornos, bolsas, aparelhos celulares deixam claro as diferenças socioeconômicas.

A atividade tem um caráter de divertimento e exercício do corpo. Embora as conversas paralelas aconteçam em todos os espaços da sala, no fundo e nas laterais elas são visivelmente perceptíveis. Desde que não atrapalhe o andamento da aula, o professor não interfere muito nestas questões, de modo que as pessoas ficam bem à vontade, algumas chegam quando a aula já está na metade, outra saem ainda no meio da aula. Há que ressaltar que no momento em que estão executando os passos de dança existe uma atenção grande da parte do professor que o tempo todo circula pela sala.

Danças em pares (Homem- Mulher) são praticamente impossíveis pela desproporção numérica, por vezes o professor fazia pares entre os homens presentes no dia e as mulheres; e entre mulheres e mulheres. Ao contrário do que se possa imaginar, não havia uma disputa entre as mulheres para dançar com os homens, em conversas informais elas demonstravam não possuir interesse em dançar com eles, primeiro por

não considerá-los muito atraentes e, em segundo, por não estarem naquele ambiente em busca de relacionamentos amorosos, e sim de diversão, como afirmam muitas, mesmo pouquíssimas sejam as casadas (grande parte é viúva ou mesmo separada). Os homens que mais frequentam as aulas são todos casados, mas apenas um vai acompanhado da mulher, haja vista que ela também participa da aula. Há entre eles um carinho e um cuidado muito especial que era notório durante a aula.

No que tange ao grupo formal, este se reúne às sextas-feiras. Embora todas participem da aula de segunda, essa reunião é para ensaiar a coreografia de alguma apresentação. É importante atentar para o fato de que para participar deste grupo menor, basta querer participar das apresentações e ter tempo disponível para frequentar os ensaios. Deste modo que qualquer pessoa que frequenta as aulas às segundas-feiras, independente da habilidade para dançar, pode participar.

Todavia, este é um grupo que requer mais comprometimento e atenção. A coreografia é inúmeras vezes repetida em uma só manhã. Quando se aproxima de algum evento, há ensaios também às quartas-feiras. A seriedade com que o grupo encara o trabalho desempenhado não faz com que elas também não se divirtam. Como estão juntas pelo menos dois dias da semana, este é um grupo muito entrosado, em que já se estabeleceram muitas relações de amizade. Conversa-se muito sobre problemas pessoais e familiares, sejam eles de ordem amorosa ou financeira. Há uma grande solidariedade nesse grupo, de modo que não é incomum ver uma idosa emprestando dinheiro a outras até que receba seu benefício e/ou aposentadoria. Dona Tulipa, por possuir ótimas condições financeiras, está entre as que mais emprestam dinheiro.

Nesse grupo, geralmente composto por 20 ou até 30 pessoas, apenas 3 homens participam, sendo que os dois acima mencionados são mais assíduos; esses três homens são idosos com idade superior a 70 anos. Já as mulheres possuem idade bem variada, uma vez que a idade também atinge pessoas de meia idade com idade igual ou superior a 50 anos. Aproximadamente 50% das mulheres desse grupo têm idade igual ou superior a 60 anos.

Os ensaios do primeiro semestre do ano foram para a apresentação da “Quadrilha da UATP”. Envolvidos com o clima de copa do mundo, a coreografia foi toda inspirada no futebol; os ensaios eram longos e desgastantes. Na véspera da apresentação a ansiedade era inevitável, entre elas só se falava dessa apresentação.

Figura VI – Ensaio do Grupo Formal para a apresentação de São João



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014

No dia da apresentação, que aconteceu no CSU (Centro Social Urbano), onde a UATI tem parceria com grupo de convivência de idosos denominado Alegria de Viver, houve um ensaio geral antes da apresentação. Estava tudo perfeito, o lugar estava repleto de familiares e amigos das participantes da UATI, a apresentação foi linda, conforme o ensaiado, todas ficaram satisfeitas com o desempenho que tiveram.

Figura VII– Apresentação da Quadrilha de São João



Fonte: Pesquisa de campo, 2014

Ao findar a apresentação, uma banda continuava a festa, todas dançavam e se divertiam muito, porém um imprevisto antecipou o fim da festa. No meio da multidão que dançava um senhor passou mal e caiu desmaiado, teve um pequeno corte na cabeça no momento da queda, mas que sangrou bastante. Os primeiros socorros foram prestados ali mesmo pela equipe de saúde da UEFS, enquanto se esperava a chegada do SAMU, que levou um tempo considerável para chegar ao local. O pânico foi geral, e mesmo ele não sendo aluno da dança de salão, todas se abalaram com a situação. Um dos alunos da dança ficou tão abalado que a sua glicemia elevou-se a tal ponto que também levado pelo SAMU. Quando da chegada do socorro, a festa acabou e todos foram embora. Notícias quanto à saúde do senhor que caiu foram obtidas na aula seguinte, em que já se comentava que ele passava bem.

A integração entre as idosas da dança de salão extrapolava o ambiente de aula e as viagens eram muito comuns entre elas. Uma das viagens muito esperada era a que se destinava a Mercês, sob forte influência das vontades de dona Magnólia. Todavia, essa viagem teria um motivo especial, era a para comemorar a recuperação do professor.

Quando eu comecei a frequentar a oficina de dança notei que uma conversa muito comum era a respeito do infarto sofrido pelo professor. Diante do que se comentava, o fato ocorreu quando da chegada da turma de uma viagem para a Lavagem em Mercês. A turma havia feito uma viagem para, para fazer uma apresentação de dança que, segundo os comentários, teria sido um sucesso. Depois dessa apresentação, ao chegar a Feira de Santana, alguns boatos chegaram até o professor, que ficou muito chateado diante do ocorrido, mas que ainda assim optou por acompanhar a turma em uma viagem a Mercês, viagem esta já agendada por dona Magnólia, que queria levar a turma para a Festa da Lavagem de sua terra.

Lá, após a missa, teve uma banda e começou a lavagem; o professor, que durante todo o percurso já vinha sentido dores no coração, ao final não suportou e pediu ajuda, foi então levado ao hospital especializado em doenças do coração e lá passou por procedimentos cirúrgicos. Com recuperação lenta, várias de suas alunas o visitavam durante o período de repouso. Prestes a completar um ano do ocorrido, dona Magnólia resolveu realizar uma missa em ação de graças pela recuperação do professor, a missa ocorreu no dia da Lavagem da Cidade. A saída de Feira de Santana foi marcada para as 7 horas; o ônibus foi lotado e durante a viagem todas conversavam e se divertiam muito. O tema mais presente nas brincadeiras era o da sexualidade. Seu Cravo, único aluno

homem presente na viagem, era o maior alvo de todas as brincadeiras, tratado como um galã, todas as mulheres na viagem brincavam de disputar a sua companhia.

Durante a viagem, dona Gardênia falou de sua relação com o marido, falou que inúmeras vezes foi vítima de espancamentos, mas que ao morrer, ele ao menos lhe deixara uma casa e uma pensão. A morte do marido foi interpretada por ela como uma carta de Alforria. Cabe ressaltar que essa realidade elencada por dona Gardênia também é compartilhada por muitas das mulheres que frequentavam a instituição.

Ao chegar a Mercês, o padre já nos esperava para a celebração da missa; esse foi um momento de grande emoção, especialmente para o professor e sua família, também foi um momento de muitos agradecimentos.

Figura VIII – Missa em Mercês



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Dona Magnólia fez as honras da casa, e quando acabou a missa, nos levou para almoçar em um restaurante, que ela já havia reservado para nós. Lá foi um momento de festa e descontração, todas comeram, beberam e dançaram bastante. Dona Magnólia nos apresentou à sua família e, posteriormente, nos entregou a chave de uma escola na qual nós nos arrumaríamos para a lavagem, uma vez que era uma festa para ir fantasiada. Todas foram para o colégio e se fantasiaram para assim sairmos às ruas, depois de feito o percurso, diante de muita música e alegria, voltamos para Feira de Santana com a sensação de um ótimo dia vivido. Na viagem de volta já se falava acerca da viagem para Fortaleza.

Figura IX – Lavagem em Mercês



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

Assim que as aulas retornaram após a apresentação de São João, o grupo começou a se preparar para a apresentação de final de ano cujo tema era “África: Terra de Todos os Ritmos”. Essa foi uma preparação que exigiu muito esforço de todas diante da quantidade de ritmos e passos diferentes que a coreografia possuía, do samba-reggae ao tango (tangano, na cultura africana). Um das grandes apresentações aconteceria em um teatro em Fortaleza para qual o grupo foi convidado.

Foram muitos os ensaios para que tudo desse certo; para mim a viagem a Fortaleza seria o momento para analisar quais os serviços seriam oferecidos pela empresa que estava organizando a viagem para esta dita “Terceira Idade”. No entanto, as coisas não saíram como planejadas, na véspera da viagem, descobri que uma das provas da seleção do doutorado ao qual eu estava me submetendo aconteceria exatamente no meio da viagem, de modo que, com o coração apertado, optei pela seleção.

Para as alunas da UATI a frustração se deu no que tange ao público esperado no momento da apresentação. Pelos relatos que me foram feitos, na hora da apresentação do grupo de dança havia outra apresentação de um ator global na sala ao lado, no mesmo teatro, fato que reduziu significativamente o público no evento de dança. Este ocorrido causou bastante chateação entre as idosas, no entanto, os demais aspectos da viagem foram todos agradáveis. Dona Violeta falava com bastante empolgação acerca da viagem.

Ao chegarem de Fortaleza era o momento de se preparar para a apresentação de fim de ano no CUCA. O professor aproveitou a apresentação em Fortaleza para ajustar alguns equívocos acontecidos. Foram muitos ensaios até que tudo se ajeitasse; a quantidade de participantes agora era maior, uma vez que nem todas tiveram dinheiro para fazer a viagem a Fortaleza, mas a apresentação foi um sucesso.

Figura X – Apresentação no CUCA



Fonte: Pesquisa de Campo, 2014

Diferente do que aconteceu em Fortaleza, o teatro do CUCA estava lotado e o grupo de dança foi ovacionado pelo belíssimo trabalho apresentado; neste dia conheci muitos familiares das idosas que faziam questão de me levar até suas famílias para que eu pudesse entender melhor as muitas histórias contadas.

Na segunda-feira que seguiu a apresentação foi o último dia de aula na dança, neste dia que era apenas para que se comentasse acerca do ocorrido ao longo do ano, o professor já falava de suas ideias para a apresentação da quadrilha, de antemão todas já ficaram motivadas. Foi um momento de muita reflexão, em que todas puderam se posicionar, mesmo as idosas que pouco falavam durante as oficinas, neste momento, sentiram-se motivadas a falar. Também foi uma ocasião oportuna para motivar as idosas para permanecer nas atividades do ano seguinte.

1.5 À guisa de conclusão

A vivência ao longo de quase um ano e meio na UATI/UEFS nos proporciona repensar algumas questões envolvendo o processo de envelhecimento e os programas destinados à dita Terceira Idade. Embora sabendo do caráter mercadológico que há por trás da criação desta categoria, especialmente por movimentar um mercado de bens e consumo direcionado a esta fração da população, é inegável reconhecer esse espaço enquanto um espaço de convivência que favorece uma maior integração social entre as pessoas de mais idade, além de ser um espaço de reinserção do idoso na comunidade. Segundo Britto da Motta (2013), é preciso reconhecer que estes programas, ao propor uma reinserção social das pessoas idosas, acabam por propiciar uma circulação das pessoas de mais idade.

2. Representação Social do Envelhecimento e da Velhice

Entender o modo pelo qual a vida é periodizada e a relação entre diferentes faixas etárias constitui, de acordo com Debert (1999), uma dimensão central para que se compreendam as formas de produção e reprodução da vida social, isto porque “do ponto de vista da Antropologia, as formas pelas quais a vida é periodizada, as categorias de idade presentes em uma sociedade e o caráter dos grupos etários nela constituídos são um material privilegiado para pensarmos na produção e reprodução da vida social em diferentes contextos culturais” (DEBERT, 2004, p. 2).

O argumento de Debert (2004) corrobora a ideia de Lins Barros (2007) de que não há, ou há pouco interesse das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia, em estudar os processos de envelhecimento e a própria velhice. É sobre esta temática que se ocupará este capítulo, apresentado a idade e suas diferentes categorizações como objeto de estudo, de forma que tanto o modo pelo qual se costuma dividir as faixas etárias quanto a própria noção de tempo são aqui compreendidas como socialmente construídas.

Neste contexto, analisaremos ainda como as representações sociais acerca da velhice se relacionam com esta cronologização da idade, fazendo para isto uma análise acerca deste conceito de representações sociais. Por fim, trataremos da criação da categoria Terceira Idade como relativamente nova, muito propagada pelos programas assim denominados; estes também serão objeto do nosso estudo ainda neste primeiro capítulo.

2.1 Envelhecimento e a cronologização das idades

Os estudos acerca do processo de envelhecimento ganharam maior importância no século XX, este fato não se deve apenas a uma tendência do crescimento de interesse nas pesquisas sobre tal processo, mas, sobretudo, ao aumento do número de idosos em todo o mundo. Conforme a Organização das Nações Unidas no Brasil (ONU), o mundo está passando por uma transição demográfica irreversível, as estimativas desta organização

são de que a fração da população que possui 60 anos ou mais, deverá duplicar no período entre 2007 e 2050, podendo chegar à marca de 2 bilhões de idosos no mundo, sendo que as mulheres com idade igual ou superior a 80 anos poderão atingir a expressão de 400 milhões (PAPALÉO NETTO, 2006).

No Brasil, dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, mostraram que a população brasileira totalizava 190.755.799 pessoas, dentre as quais 20.590.597 possuíam 60 anos ou mais. Do total desta população considerada idosa tinha-se que 9.156.111 eram homens e 11.434.486 eram mulheres. Ainda conforme informações do referido órgão, a população do Brasil ultrapassou, em 2013, pela primeira vez, a marca de 200 milhões de pessoas.

A análise das informações nos mostra que a população brasileira segue uma tendência que já é mundial, qual seja: de aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais; constata-se ainda que, no Brasil, a quantidade de mulheres velhas é superior à quantidade de homens da mesma faixa etária.

A análise demográfica é fundamental, uma vez que é notório o aumento do número de pessoas envelhecidas no Brasil e no Mundo. Todavia, uma abordagem puramente demográfica acerca do processo de envelhecimento deverá ser considerada incompleta porque as questões que envolvem o envelhecimento são bem mais complexas, “tem a ver, também, com outros fatos ou acontecimentos sociais importantes; e que ultrapassam a verificação simples matemática ou por cálculos atuariais. Que têm que ser também conhecidos, discutidos e, na medida do possível, revistos” (BRITTO DA MOTTA, 1999, p. 11). Estes fatos estão intimamente relacionados com as categorias analíticas, a exemplo do gênero, da classe, da raça e da sexualidade, como veremos ao longo deste trabalho.

Contudo, estudos mais densos acerca da velhice e do processo de envelhecimento encontram algumas barreiras; a realização de pesquisas nesta área costuma destacar os seguintes problemas: 1) categorias culturalmente produzidas tendo por base aspectos biológicos universais (a exemplo da infância, juventude e velhice); 2) questões que passaram a ser consideradas como um problema social nas sociedades ocidentais contemporâneas (como o próprio fenômeno do envelhecimento) e; 3) referem-se a temas que são institucionalizados por um discurso científico especializado (tais como o gerontológico e o geriátrico) (DEBERT, 2007).

Data de 1903 a tentativa de criação de um campo de investigação de cunho científico e especializado, cujos estudos estivessem estritamente voltados ao envelhecimento, à velhice e aos idosos. Proposta por Elie Metchnikoff, a nomenclatura desta nova especialidade se dava a partir das seguintes expressões *gero* (velhice) e *logia* (estudo), resultando assim no termo *gerontologia*. Mesmo diante de todo o compromisso com tais pesquisas, Metchnikoff não obteve o apoio necessário da comunidade científica para a consolidação imediata do campo de estudo. Na mesma ocasião, criou-se uma especialidade médica que tinha por objetivo tratar de doenças que eram consideradas como características da velhice, esta especialidade foi denominada por Ignatz L. Nascher, em 1909, como *geriatria* – estudo clínico da velhice (PAPALÉO NETTO, 2006).

De maneira análoga a Metchnikoff, Nascher também encontrou dificuldades para divulgar suas ideias entre os médicos; tentava, pois, disseminar suas proposições acerca dos aspectos biomédicos da velhice, todavia sem se empenhar com os aspectos relativos às ciências sociais, mesmo considerando-os fundamentais para uma melhor compreensão sobre o processo de envelhecimento (PAPALÉO NETTO, 2006).

Até a década de 1930, ano de divulgação do trabalho de Marjory Warren, os estudos gerontológicos se restringiram aos dados biológicos do processo de envelhecimento. Não que estas pesquisas de cunho biofisiológico não tenham importância, ao contrário, estes estudos foram responsáveis por importantes descobertas na construção de conhecimentos acerca do fenômeno do envelhecimento, visto que “pesquisas de caráter biofisiológico puderam estabelecer que, com o avançar dos anos, vão ocorrendo alterações estruturais e funcionais que, embora variem de um indivíduo a outro, são encontradas em todos os idosos e são próprias do processo de envelhecimento” (PAPALÉO NETTO; PONTES, 1996 apud PAPALÉO NETTO, 2006, p. 3).

O trabalho de Marjory Warren, em Londres, foi inovador por apresentar uma perspectiva interdisciplinar ao implementar a avaliação geriátrica especializada sob a ótica multidimensional, fato que permitiu que muitos dos idosos do asilo pertencente à Isleworth Infirmary, seu local de trabalho, pudessem se locomover. Antes de tal iniciativa, a maioria destes idosos era obrigada a viver institucionalizada por muito mais tempo devido à falta de diagnósticos e tratamentos de reabilitação. Foi justamente a partir desta década de 1930 que diferentes trabalhos, em diversas áreas, foram

elaborados sobre o processo de envelhecimento. Como fruto deste interesse científico sobre a velhice e diante das projeções demográficas norte-americanas, foi criada, em 1942, a Sociedade Americana Geriátrica (American Geriatric Society) e, em 1946, a Sociedade Gerontológica da América (Gerontological Society of America).

Enquanto campo de conhecimento científico, “a ciência do envelhecimento” tem como fundamento o estudo acerca do processo de envelhecimento, estudo este que se dá sob a ótica da interdisciplinaridade. Tal ciência tem sido comumente subdividida entre: Gerontologia Social, Gerontologia Biomédica e Geriatria. Todavia, é preciso ressaltar a relevância dos estudos científicos que vem sendo realizado no âmbito das Ciências Sociais, especialmente por sua contribuição no entendimento de muitos dos aspectos do envelhecimento enquanto socialmente construídos.

A Gerontologia Social compreende os aspectos não-orgânicos, abordando assim os aspectos antropológicos, psicológicos, legais, sociais, ambientais, econômicos, etc. A Gerontologia Biomédica ocupa-se do estudo do envelhecimento segundo o ponto de vista molecular e celular, portanto, busca compreender como e por que envelhecemos, seu foco de atenção ultrapassa, pois, o limite da simples abordagem de doenças. Já a Geriatria abrange os aspectos curativos e preventivos da atenção à saúde, de modo que possui uma estreita relação com disciplinas da área médica (PAPALÉO NETTO, 2006).

Debert (1997) conceitua a Geriatria e a Gerontologia da seguinte maneira:

A Gerontologia, como um campo de saber específico, aborda cientificamente múltiplas dimensões que vão desde a Geriatria como especialidade médica, passando pelas iniciativas da psicologia e das ciências sociais voltadas para discussão de formas de bem-estar que acompanham o avanço das idades, até empreendimentos voltados para o cálculo dos custos financeiros que o envelhecimento da população trará para a contabilidade nacional. Como abordagem multidisciplinar, a Gerontologia contribuiu para a constituição do idoso em um problema social e se empenhou na sensibilização da sociedade brasileira para os dramas do envelhecimento. A tendência do discurso gerontológicos, entretanto, é hoje desconstruir seu objeto de estudo e intervenção, transformando os gerontólogos em agentes no combate à velhice (DEBERT, 1997, p. 2).

A tendência de combate à velhice por parte dos gerontólogos apontada pela autora fundamenta-se no fato de que, diante das novas representações que a velhice vem

adquirindo na sociedade contemporânea, houve transformações no discurso gerontológico. Este discurso, por muito tempo, adotou uma abordagem da velhice enquanto uma fase de dependência e abandono, todavia, diante da emergência dos ideais contemporâneos que apresentam a juventude como um bem a ser conquistado, os gerontólogos passaram a difundir a imagem de envelhecimento ativo e a defender as tecnologias de rejuvenescimento, concebendo, por vezes, o “envelhecimento com dependência” como consequência de um descuido pessoal; este processo de culpabilização do indivíduo é entendido e denominado pela autora como uma verdadeira “reprivatização da velhice” e será melhor estudado ao longo do texto.

Destarte, fica explícito que esta mudança no discurso dos gerontólogos acaba por negar a própria velhice, seu objeto de estudo. Como podemos observar no escrito abaixo:

Os gerontólogos traçaram o perfil do idoso como vítima da miséria; entretanto, o idoso pesquisado e divulgado no meio de comunicação é um ser ativo, lúcido, participante, pronto para viver um dos momentos mais felizes de sua vida, em que o único dever é a realização pessoal. A perspectiva da miséria foi, sem dúvida, fundamental para a transformação do idoso em um ator político, tornando a sociedade brasileira mais sensível aos problemas relacionados com o envelhecimento e com a aposentadoria [...], mas não é esse o perfil dos velhos que essas ações sociais mobilizam e que ganham visibilidade na mídia. O contraste entre representações distintas do envelhecimento e o interesse social pelas tecnologias de rejuvenescimento leva os gerontólogos a negarem seu próprio objeto de estudo e intervenção. De participantes ativos na transformação do idoso em um ator político, vêem-se transformados, especialmente pela mídia, em divulgadores de uma parafernália de receitas a indicar como os que não querem ser velhos devem agir (DEBERT, 2007, p. 13).

Estes novos tratamentos dispensados ao campo do envelhecimento apresentam novas formas de exclusão para aqueles que não podem, ou mesmo não querem, enquadrar-se nestes novos padrões de envelhecer, passando a ser vistos como descuidados e desleixados.

Se a tentativa de instituição de discursos científicos especializados acerca do envelhecimento data de aproximadamente 1900, foi somente há poucas décadas que as Ciências Sociais se ocuparam em desenvolver estudos nesta área, “a antropologia ou

sociologia do envelhecimento constituiu-se como campo específico de investigação a partir do surgimento de um novo fenômeno – o rápido aumento da população de mais de 60 anos –, que virou um ‘problema social’” (PEIXOTO, 2007, p. 70).

No que tange a esse aspecto, Lenoir (1998) argumenta que:

A velhice como problema social surgiu, antes de tudo, na classe operária pelo fato da extensão rápida, sobretudo a partir de meados do século XIX, da organização capitalista do trabalho e do sistema de atitudes que lhe está associado. Presume-se que o salário remunera apenas a força investida no trabalho [...]; além disso, tal força tende a ser reduzida a força física. A velhice dos operários é, então, assimilada, pelo patronato capitalista, à ‘incapacidade para produzir’ (LENOIR, 1998, p. 79).

Percebemos, pois, que o problema social da velhice não se restringe apenas ao aumento do número de pessoas de mais idade, como tende a aparecer na abordagem demográfica do envelhecimento. É justamente pelo fato do envelhecimento ser um fenômeno composto por múltiplos aspectos e por diferentes áreas do conhecimento que estamos realizando esta discussão, pois a melhor perspectiva para compreendê-lo é a baseada na interseccionalidade e na interdisciplinaridade, aí incluídas as ciências sociais.

Neste contexto dos estudos sobre a velhice, Featherstone (1994) argumenta que nenhuma disciplina possui o monopólio do estudo sobre o tema e que é necessário analisar os vários aspectos dos seres humanos nos diferentes contextos sociais e culturais, tornando-se fundamental uma abordagem interdisciplinar. Deste modo, “a interlocução entre os distintos saberes e práticas sociais tem sido a tônica dos debates sobre o tema. Nas discussões interdisciplinares, a antropologia comparece sistematicamente, trazendo para a reflexão a apreensão dos fenômenos da velhice e a partir de uma análise cultural” (LINS DE BARROS, 2007, p. 10).

É comum também neste cenário a criação de novos termos para designar esta categoria etária, vejamos alguns destes termos cujos conceitos (ou mesmo a tentativa de conceituá-los) são fundamentais na compreensão do envelhecimento.

2.1.1 Envelhecimento, Velhice, Velho e Idoso

Sob uma ótica biologizada, o envelhecimento é considerado como “a fase de um todo *continuum* que é a vida, começando esta com a concepção e terminando com a morte. Ao longo desse *continuum* é possível observar fases de desenvolvimento, puberdade e maturidade” (PAPALÉO NETTO, 2006, p. 9). Segundo esta perspectiva teórica, o indivíduo envelhece continuamente a partir do momento em que é gerado. Todavia, os fatores biológicos são apenas uns dos aspectos que marcam o envelhecimento, uma vez que tanto os elementos socioeconômicos quanto os aspectos legais são importantes para a demarcação entre maturidade e envelhecimento.

Destarte, existe uma tendência nos estudos sobre esta temática a generalizar o fenômeno do envelhecimento, tratando-o como uniforme em sujeitos distintos, desconsiderando, assim, na maioria das vezes, trajetórias de vida individuais. Este é um dos grandes equívocos em relação ao trato do envelhecimento, esta “tendência para considerar todos os membros de uma mesma faixa etária como iguais [...] envelhecimento é um processo e a velhice é um período cujos limites nem sempre são nítidos” (GUIMARÃES, 2006, p. 83).

Não é, portanto, a homogeneidade que caracteriza este fenômeno social, e sim a heterogeneidade que assinala o envelhecimento. Sujeitos envelhecidos diferem-se segundo o sexo, a classe social, o gênero e a raça⁹, entre outras variáveis. Portanto, a velhice não existe singularmente, como bem expressa Britto da Motta (2006):

A velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Isto é, não existe a velhice, existem ‘velhices’, o que também significa que não existe velho; existem velhos; ‘velhos e velhas’ em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo de vida. (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 78)

⁹ O conceito de raça adotado neste texto é o formulado pelo autor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães no livro *Classes, Raça e Democracia*, de 2002, tratando-se de uma categoria social e que será abordada de modo mais completo no segundo capítulo deste texto.

Desde muito tempo os indivíduos são agrupados por meio de critérios de classificação, critérios estes que quase sempre se baseiam na existência de características comuns entre todos os membros, mas também acabam por deixar de lado dimensões outras, de modo que “o grupo social ‘idoso’, mesmo quando definido apenas pela idade, não se refere apenas a um conjunto de pessoas com muita idade, mas a pessoas com determinadas características sociais e biológicas” (CAMARANO; MEDEIROS, 1999, p. 5).

Desta maneira, a idade cronológica não deve ser adotada como um critério universal de classificação da categoria idoso, pois se corre um sério risco de afirmar que indivíduos de diferentes épocas e em diferentes espaços são homogêneos. Em oposição a esta lógica de homogeneização, Britto da Motta (2006) elucida que a diferença existente entre as classes sociais se manifesta até mesmo semanticamente, por meio de designações, tais quais: “pobres velhos”, “senhores idosos”, “pessoa de terceira idade”, de modo que cada lugar social está claramente representado.

Contudo, não é somente o aspecto econômico-financeiro que interfere na vivência do envelhecimento, uma vez que a velhice apresenta uma multiplicidade de aspectos que são irredutíveis uns aos outros. Segundo Néri (2001, p. 30-31), “o envelhecimento é uma experiência heterogênea que pode ocorrer de modo diferente para os indivíduos (...) essa diferenciação depende de circunstâncias histórico-culturais, de fatores intelectuais e de personalidade”. Destarte, o processo de envelhecimento vivenciado pelas mulheres é distinto do vivenciado pelos homens, principalmente em virtude das bases da sociedade contemporânea ocidental ser construída em cima de conceitos e/ou preconceitos *sexistas*.

Ainda que haja críticas com relação à demarcação etária, é válido ressaltar que este critério é de extrema importância no que tange à garantia de direitos, especialmente quanto à alocação de recursos para a execução de políticas públicas, uma vez que o critério de idade possibilita definir com alguma exatidão o público-alvo (CAMARANO; MEDEIROS, 1999). No que concerne aos marcos legais¹⁰, é preciso considerar que o limite de idade adotado para separar adultos e idosos é de 60 ou mesmo 65 anos, dependendo do nível de “desenvolvimento” do país. O limite de 60 anos é geralmente

¹⁰ No Brasil, o Estatuto do Idoso e a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.

adotado por países considerados ainda em estágio de desenvolvimento e 65 para aqueles tidos como já desenvolvidos. No caso brasileiro, Camarano (2013) expõe que:

Em 1994, a esperança de vida ao nascer da população brasileira foi estimada em 68,1 anos. Entre 1994 e 2010, este indicador aumentou 5,3 anos e entre 2003 e 2010, 2,1 anos; alcançando 73,4 anos em 2010. Já a esperança de vida aos 60 anos foi estimada em 23,1 anos para 2010. Esse aumento tem sido acompanhado por uma melhoria das condições de saúde física, cognitiva e mental da população idosa bem como de sua participação social. Por exemplo, em 2011, 57,2% dos homens de 60 a 64 anos participavam das atividades econômicas. No entanto, 60 anos continua sendo a idade que classifica a população como idosa (CAMARANO, 2013, p. 10).

Mesmo no âmbito das classificações por idade, a cronológica é apenas uma delas; vejamos outras formas de categorizações.

2.1.2 Classificação das idades

Ao falar sobre idades é preciso atentar para o fato de que há uma divisão conceitual desta categoria, de maneira que existem idades que são cronológicas, funcionais, biológicas, psicológicas e sociais. A idade cronológica refere-se à quantidade mensurável de tempo, este conceito, segundo Philippe Ariès, é oriundo do mundo da exatidão e do cálculo, uma vez que no mundo antigo-medieval “a idade do homem era uma categoria científica da mesma ordem que o peso ou a velocidade são para os contemporâneos” (ARIÈS, 1998, p. 34)

De acordo com Papaléo Netto (2006) existe uma grande dificuldade no que tange à definição da idade biológica; esta dificuldade é fruto, principalmente, da inexistência de marcadores de cunho biológico que sejam eficazes na definição do envelhecimento, bem como das visões contraditórias que permeiam os estudos acerca do início do processo de envelhecimento, existindo correntes teóricas que defendem que tal processo tem início logo após a concepção do indivíduo, outras que argumentam que o envelhecimento começa na idade próxima aos 40 anos e ainda aquelas que afirmam

que o processo só acontece próximo do final da vida. É justamente devido a este problema de demarcação da idade biológica que os trabalhos científicos comumente adotam como critério a idade cronológica.

A idade funcional possui estreita relação com a idade biológica, todavia é definida tendo em vista o grau de conservação do nível de capacidade de adaptação quando comparada com a idade cronológica; não raro são os casos em que o envelhecimento funcional antecede o envelhecimento cronológico.

No que concerne à idade social, entende-se que esta possui relação com o nível de adequação para o desempenho de papéis e comportamentos esperados para indivíduos segundo sua idade cronológica e, principalmente, o momento histórico de cada sociedade. Papaléo Netto (2006, p. 9) argumenta que “as experiências de envelhecimento e velhice podem variar no tempo histórico de uma sociedade, dependendo das circunstâncias econômicas”, todavia ressalta-se que além da circunstância econômica, a experiência do envelhecimento pode variar de acordo com os aspectos de raça, gênero e sexualidade, que teremos a oportunidade de observar ao longo do segundo capítulo.

Já o conceito de idade psicológica envolve capacidades tais como: percepção, aprendizagem e memória, pelo fato destas apontarem para um futuro potencial de funcionamento do indivíduo, portanto, “a idade psicológica tem sido relacionada também com o senso subjetivo de idade, isto é, como cada pessoa avalia a presença de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento, comparando-se com os outros indivíduos da mesma idade” (PAPALÉO NETTO, 2006, p. 9).

Contudo, ao analisar a idade enquanto uma categoria analítica é preciso atentar para algumas questões; uma delas consiste exatamente em desnaturalizar as divisões em faixas etárias, pois os princípios de classificação do mundo social, embora algumas vezes se apresentem como estritamente naturais, sempre se referem a fundamentos sociais, como bem expõe Lenoir (1998):

Sem falar de ‘raça’ – é conhecida a implicação social dessa noção e das categorias utilizadas por ela – os estigmas físicos, e de forma geral, as particularidades biológicas como o sexo e a idade, servem, quase sempre de critérios de classificação dos indivíduos no espaço social. Em geral, a elaboração de tais critérios está associada ao aparecimento de instituições e agentes especializados que encontram

nessas definições força-motriz e o fundamento de sua atividade. Por conseguinte, esses princípios de classificação não têm sua origem na ‘natureza’, mas em um trabalho social de produção das populações elaborado, segundo critérios juridicamente constituídos, por diferentes instituições – as mais conhecidas e estudadas são o sistema escolar, o sistema médico, os sistemas de proteção social, o mercado de trabalho, etc. (LENOIR, 1998, p.64).

É acerca desta desnaturalização da categoria idade, bem como do processo de valorização de algumas idades que trataremos a seguir, uma vez que “o objeto da sociologia da velhice não consiste em definir quem é e não é velho, ou em fixar idade a partir da qual os agentes das diferentes classes sociais se tornam velhos, mas em descrever o processo através do qual os indivíduos são socialmente designados como tais” (LENOIR, 1998, p. 71).

No que tange a esta cronologização das idades, Bourdieu (1983), em uma entrevista cedida a Anne-Métailié¹¹, argumenta que as divisões entre as idades são arbitrárias e que o reflexo profissional do sociólogo é precisamente lembrar-se disto. Segundo o autor, a fronteira entre a juventude e a velhice consiste em um objeto de disputa presente em todas as sociedades, como demonstram as relações entre os jovens e os notáveis na Florença do século XVI, apontadas pelo autor.

Os velhos propunham aos jovens uma ideologia da virilidade, da virtú e da violência, o que era uma maneira de se reservar a sabedoria, isto é, o poder. Da mesma forma, Georges Duby mostra bem como, na Idade Média, os limites da juventude eram objeto de manipulação por parte dos detentores do patrimônio, cujo objetivo era manter em estado de juventude, isto é, de irresponsabilidade, os jovens nobres que poderiam pretender à sucessão. (BOURDIEU, 1983, p. 112)

Nota-se que esta delimitação das idades envolve diretamente uma disputa pelo poder, que geralmente ocorre entre gerações distintas, isto porque a definição de poderes associa-se a diferentes faixas etárias. Segundo Lenoir (1998), o motivo principal das lutas entre gerações está justamente na determinação da idade a partir da

¹¹ Entrevista publicada originalmente em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, Association des Ages, 1978.

qual as pessoas tornam-se velhas demais para o exercício de algumas atividades ou para ter acesso de modo legítimo a posições sociais, uma vez que nesta ocasião as gerações mais novas obrigam as mais velhas a retirarem-se das posições de poder com vistas a ocupá-las.

Portanto, não raro eram as tentativas de manipulação dessas faixas etárias com vistas a reduzi-las ou ampliá-las, tal como é o caso do surgimento da noção de adolescência em algumas cidades grandes da Itália, no período da Renascença. O aparecimento desta nova faixa etária se deu em virtude do retardamento da idade de casamento dos filhos pelos próprios pais, pois os mesmos desejavam a manutenção do poder sobre a gestão do patrimônio até o momento de sua morte (HERLIHY, 1972; TREXLER, 1974 apud LENOIR, 1998).

Nesta mesma perspectiva surge a categoria juventude na França, referindo-se muito mais a uma idade que variava segundo a sucessão familiar, especialmente em virtude da morte do pai, do que à idade biológica propriamente dita, como nos mostra Lenoir (1998) ao mencionar o trabalho de Georges Duby.

Da mesma forma, Georges Duby mostrou que, no século XII, na sociedade aristocrática francesa, a constituição de uma nova etapa bem determinada da existência designada como 'juventude', momento compreendido entre a cerimônia que marcava a saída da infância e o casamento, que definia o adulto realizado, era produto de estratégias familiares de conservação de poder e de preservação do patrimônio das linhagens [...]. Ao prolongar a 'juventude' dos filhos, isto é, afastando-os do feudo (cruzadas, torneios, etc.), os pais recuavam da mesma forma a idade em que eram considerados como 'velhos'. Assim, os jovens eram cavaleiros celibatários votados à errância e aventura, esperando o momento em que poderiam assumir a sucessão dos pais e se casar (DUBY, 1964 apud LENOIR, 1998, p. 70).

Diante do exposto, fica nítido que a idade não é apenas um dado natural, de modo que tampouco pode servir de explicação para comportamentos, nem para definir um grupo social, do mesmo modo que o estabelecimento das faixas etárias também não é natural, já que é fruto "desse antagonismo latente e dessa luta surda, cada um reclamando seu lugar ao sol" (HALBWACHS, 1972 apud LENOIR, 1998, p. 70).

Ainda assim, a idade é quase sempre tratada com uma extrema naturalidade, mesmo que esta sirva como um instrumento propício à avaliação da evolução biológica.

A idade não deve, portanto, “dar corpo àquilo que mede”, uma vez que a idade nem sempre teve a importância que conseguiu atingir na modernidade, ainda neste período, “um indivíduo humano isolado, privado de qualquer relação com seus semelhantes e que não se apoiasse na experiência social, nem chegaria a saber que deve morrer” (HALBWACHS, 1972 apud LENOIR, 1998, p. 65).

Debert (1999) argumenta que, ao se pensar nas mudanças que ocorrem no curso da vida nas sociedades ocidentais contemporâneas, é comum que autores a considerem como marcada por três etapas específicas, quais sejam: pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade. A pré-modernidade consistiu em um período cujo valor dado ao status da família, no que concerne ao controle dos recursos de poder, seria maior que o dado à idade cronológica. Já na modernidade, houve uma verdadeira cronologização da vida, foi neste período em que se ampliou a distância entre adultos e crianças, principalmente por se considerar a infância como a fase da dependência em oposição ao adulto, que deveria ser independente e detentor de direitos e deveres de cidadania. A pós-modernidade atuaria justamente na desconstrução deste curso de vida adotado na modernidade, buscando um estilo de vida unietário.

Percebe-se que a consciência de idade é fruto desta experiência social, sendo impossível tal consciência consistir em um aspecto natural da vida. Neste sentido, Lenoir (1998) argumenta que:

A própria noção de idade – a que é designada em número de anos – é produto de determinada prática social: medida abstrata cujo grau de precisão – reconhecimento em certas sociedades – é explicado, sobretudo pelas necessidades da prática administrativa (na medida em que já não é suficiente para a identificação dos indivíduos, o nome e o lugar de moradia). Como critério de classificação, a idade cronológica apareceu na França, no século XVI, no momento da generalização da inscrição do nascimento nos registros paroquiais (LENOIR, 1998, p.65)

A ideia de Lenoir (1998) corrobora a de Ariès (1978) na medida em que este último revela que foi durante a Idade Média que o uso do primeiro nome dos indivíduos foi considerado como impreciso, de modo que foi preciso completá-lo por meio de segundo nome, um sobrenome de família, ou mesmo um nome de lugar. Mais adiante, o

critério número também ganhou destaque, em virtude da necessidade de acrescentar a idade, deste modo, o que temos na contemporaneidade é que “o nome pertence ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome pertence ao mundo da tradição. A idade, quantidade legalmente mensurável com uma precisão quase de horas, é produto de um outro mundo, o da exatidão e do número. Hoje nossos hábitos de identidade civil estão ligados ao mesmo tempo a esses três mundos” (ARIÈS, 1978, p. 30).

Como bem expressa Lenoir (1998) na citação anterior, a idade cronológica surgiu na França, mediante a inscrição de nascimento nos registros paroquiais. Tal iniciativa, segundo Ariès (1978), foi imposta aos párocos da França por Francisco I. Todavia, para que tal medida fosse respeitada, fez-se imperativo a adesão pelos costumes, que durante muito tempo se negaram a incorporar o rigor contábil das idades. Ainda de acordo com este autor, religiosos foram importantes para que a noção de idade obtivesse valor pessoal, como podemos observar no trecho abaixo:

A importância pessoal da noção de idade deve ter-se afirmado à medida que os reformadores religiosos e civis a impuseram nos documentos, começando pelas camadas mais instruídas da sociedade, ou seja, no século XVI, aquelas camadas que passavam pelos colégios. Nas memórias dos séculos XVI e XVII que consultei para reconstituir alguns exemplos de escolaridade, não é raro encontrar no início da narrativa a idade ou a data e o lugar de nascimento do narrador. Em certos casos, a idade chega a tornar-se objeto de uma atenção especial. É inscrita nos retratos como um sinal suplementar de individualização, exatidão e de autenticidade (ARIÈS, 1978, p. 30-31).

Os retratos do século XVI demonstram bem como os números adquiriram importância neste período, as datas contidas nos retratos de família integravam o conjunto de documentos da história familiar. Adotando uma perspectiva histórica, Ariès (1978) também chama atenção para outra forma muito utilizada para datar acontecimentos domésticos, nascimentos e morte, que foi justamente o diário de família, neste documento havia tanto o sentimento familiar quanto a preocupação com a exatidão cronológica.

Além de retratos e diários, outro meio de datar momentos históricos familiares foi a pintura e/ou gravação em camas, cofres, baús e até mesmo em colheres e copos.

Este hábito de colocar data nos objetos e na mobília foi bastante difundido no século XVII, tal gosto permaneceu até meados do século XIX, ao menos nas camadas médias da população, quando passou a ser considerado como uma postura provinciana. Mesmo diante deste contexto em que a idade ganhou importância peculiar, Ariès (1978) ressalta que era costumeiro que as pessoas não se recordassem de sua idade e, quando a relembavam, não era de bom tom que a confessassem. Segundo o autor ora citado, este hábito de responder com reserva sobre a idade fica explícito na história de vida do humanista e pedagogo Thomas Platter, contada pelo próprio Thomas, em que, mesmo sabendo e informando com precisão a data e o local de seu nascimento, vê-se obrigado a introduzir o texto com ressalvas, como nota-se na citação de Ariès (1978):

E, para começar, não há nada que eu possa garantir menos do que a época exata do meu nascimento. Quando tive a ideia de me informar sobre a data do meu nascimento, responderam-me que eu tinha vindo ao mundo em 1499, no domingo da Quinquagésima, no exato momento em que os sinos chamavam para a missa. (ARIÈS, 1978, p. 33)

Esta reserva com que Thomas Platter trata de seu nascimento reflete um costume que é fruto de um tempo em que nunca se sabia uma data exata, de modo que era assim, de forma reticente, que as boas maneiras da época recomendavam falar da idade. É válido ressaltar que já havia na idade média uma categorização acerca das idades da vida, cuja divisão consistia em: “infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então adotamos algumas dessas noções abstratas como puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções” (ARIÈS, 1978, p. 30).

Embora esta categorização se pareça com a adotada na contemporaneidade, ao se falar em grupos sociais divididos por faixa etária, é preciso contextualizá-los, pois, como afirma Lenoir (1998), pode acontecer destas divisões aritméticas da escala de idade não serem mais que categorias nominais, não designando grupos sociais definidos. Neste sentido, as categorias infância e puerilidade, apontadas por Ariès (1978), no período Idade Média, referiam-se a:

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquele que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras, pois ainda não tem seus dentes bem ordenados nem firmes, como dizem Isidoro e Constantino. Após a infância, vem a segunda idade ... chama-se *pueritia* e é assim chamada porque nessa idade a pessoa ainda é como a menina do olho, como diz Isidoro, e essa idade dura até os 14 anos¹² (ARIÈS, 1978, p. 36)

Após a *pueritia* que dura até quatorze anos de idade, segue-se a adolescência e a juventude, grupos etários que apresentam um desacordo por parte dos autores da época quanto à delimitação das idades, como nos mostra Ariès (1978):

Depois segue-se a terceira idade, que é chamada de adolescência, que termina, segundo Constantino em seu viático, no vigésimo primeiro ano, mas segundo Isidoro, dura até 28 anos... e pode estender-se até 30 ou 35 anos. Essa idade é chamada de adolescência porque a pessoa é bastante grande para procriar, disse Isidoro. Nessa Idade os membros são moles e aptos a crescer e receber a força e vigor do calor natural. E por isso a pessoa cresce nessa idade toda a grandeza que lhe é devida pela natureza [...]. Depois segue-se a juventude, que está no meio das idades, embora a pessoa aí esteja na plenitude de suas forças, e essa idade dura até 45 anos, segundo Isidoro; ou até 50, segundo os outros. Essa idade é chamada de juventude devido à força que está na pessoa, para ajudar a si mesma e aos outros, disse Aristóteles. (ARIÈS, 1978, p. 36)

A variação do limite de idades apontada pelo autor ao citar os escritos de autores do Império Bizantino, tais como Isidoro e Constantino, mostra que desde já não havia um consenso acerca da delimitação destas categorias de faixas etárias. Esta variação de limites de idade também está presente na definição do que seria a senectude e a velhice, como podemos observar na citação abaixo:

¹² Informações retiradas por Philippe Ariès da edição de 1556 do *Le Grand Propriétaire de toutes choses*, uma compilação latina do século XIII, que retomava todos os dados dos escritores do império Bizantino, era uma espécie de enciclopédia de todos os conhecimentos.

Depois segue-se a senectude, segundo Isidoro, que está a meio caminho entre a juventude e a velhice, e Isidoro a chama de gravidade, porque a pessoa nessa idade é grave nos costumes e nas maneiras; e nessa idade a pessoa não é velha, mas passou da juventude, como diz Isidoro. Após essa idade segue-se a velhice, que dura, segundo alguns, até 70 anos e segundo outros, não tem fim até a morte. A velhice, segundo Isidoro, é assim chamada porque as pessoas velhas já não têm os sentidos tão bons como já tiveram, e caducam em sua velhice. (ARIÈS, 1978, p. 36)

Estas categorizações da vida desde a Idade Média já não correspondiam apenas a etapas biológicas, mais que isso, estavam diretamente relacionadas às funções sociais. Dizer que a categoria *idades da vida* versa sobre uma ideia socialmente construída não implica dizer que a idade cronológica não tenha qualquer realidade social, ou mesmo que não seja uma espécie de padrão abstrato, até porque, como argumenta Lenoir (1998), a fixação de idades, reconhecida legalmente, tal como a maioridade aos dezoito anos e a aposentadoria aos sessenta e cinco, tem efeitos concretos sobre a luta geracional, pois tende a construir uma espécie de norma oficial que deve ser considerada, inclusive pelo fato de que a estas idades estão associados alguns direitos.

Todavia, nota-se que é possível manipular estas idades segundo interesses outros, como é o caso da idade da aposentadoria. Este fato é exemplificado por Lenoir (1998) ao expor dados de uma pesquisa elaborada em 1961, realizada com 100 empresários e diretores de recursos humanos de grandes e médias empresas particulares na França. A pesquisa em questão revelou que existiam hierarquias no grau e nas formas de envelhecimento no campo das profissões, este fato ocorreu porque os empregadores acreditavam que a grande deficiência das pessoas que estavam envelhecendo consistia, exatamente, na pouca capacidade de adaptação a novas tarefas, métodos e técnicas, além das questões de perda de força, perda de velocidade, perda da vivacidade intelectual e a inaptidão para comando, ou seja, os empregadores acreditavam que, com o avançar da idade haveria, em oposição, uma redução das qualidades necessárias para o exercício de algumas atividades profissionais, isto por que:

A idade a partir da qual as diferentes categorias sociais começam a envelhecer, é mais precoce para os membros das classes mais baixas:

para os empresários, os trabalhadores braçais são considerados como '100% produtivos' somente até a idade média de 51,4 anos; os operários sem qualquer qualificação até 53,5; os contramestres até 55,9; os executivos até 57,9; e nenhuma idade é fixada para os empresários (LE HAUT-COMITÉ CONSULTATIF DE LA POPULATION ET DE FAMILLE, 1962 apud LENOIR, 1998, p. 72)

É fato, pois, que o envelhecimento foi avaliado de maneira a não restringir-se a uma escala de idade, uma vez que depende da conjuntura das lutas envolvendo patrões e empregados, tendo em vista, sobretudo, que esta avaliação acerca do diferencial de produtividade foi realizada por pessoas que estavam socialmente interessadas nesta definição de envelhecimento, quais sejam: os empresários.

As categorias de idades tais como a juventude e a velhice refletem estas relações de classe e geração, sem falar de categorias outras que serão abordadas mais adiante a exemplo de gênero e raça, de modo que estas relações estão intimamente associadas à distribuição de poder e privilégios.

Estas relações de poder que a luta geracional envolve estão diretamente relacionadas com a representação social que as categorias etárias apresentam, pois, as mudanças que ocorrem no curso da vida no que tange aos diferentes tratamentos dados à velhice são reflexos das variações da representação social dessa velhice. Entendamos melhor sobre estas representações.

2.2 Representação Social da Velhice

É diante da necessidade de conhecermos mais sobre o mundo no qual vivemos, de sabermos como nos comportar nele, ou mesmo como, em alguma medida, dominá-lo, que criamos representações, pois elas interferem nos processos de assimilação do conhecimento, no desenvolvimento individual e coletivo, bem como na definição de identidades e nas transformações sociais. Portanto, tais representações são importantes na vida cotidiana na medida em que “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses

aspectos, tomar decisões, e eventualmente, posicionar-se frente a elas de forma defensiva” (JODELET, 2001, p.17).

2.2.1 Teoria das Representações Sociais: revisitando alguns autores clássicos

O primeiro autor a conceituar de fato as representações foi Émile Durkheim. Em sua obra “As Regras do Método Sociológico”, publicada pela primeira vez em 1894, ele faz uma distinção entre representações coletivas e representações individuais; esta obra também é considerada responsável pela institucionalização da sociologia enquanto uma ciência autônoma. Tendo por base o positivismo de Comte, Durkheim se empenhou na formulação da sociologia como ciência, desta forma, criticou Comte por considerar sua postura contemplativa e filosófica, sendo, pois, insuficiente para o estudo do fenômeno social, especialmente por não dispor de um método científico.

Diante deste contexto, Durkheim desenvolveu regras de um método sociológico para a análise do comportamento humano, tal método apresentava aspectos do racionalismo científico que até então estavam presentes apenas nas ciências naturais, isto devido ao fato do referido autor acreditar que “a realidade social é também uma realidade natural, o que possibilitava a utilização de um método proveniente das Ciências Naturais” (DURKHEIM, 2012, p. 9).

Todavia, não é acerca de tal método sociológico que dedicaremos nosso estudo, mas sobre as representações individuais e coletivas abordadas pelo autor supracitado com o objetivo de melhor compreender o fato social. Neste sentido, o autor considera que as maneiras de agir, de pensar e de sentir são exteriores ao indivíduo, ao tempo em que também são dotadas de um poder coercitivo, ainda que, por vezes, este poder não apareça de modo explícito, como podemos observar no escrito que se segue:

O fiel, ao nascer, já encontra prontas as crenças e as práticas de sua vida religiosa; se elas existem antes dele é porque existem fora dele. O sistema de signos do qual me sirvo para exprimir meu pensamento, o sistema monetário que emprego para pagar minhas dívidas, os instrumentos de crédito que utilizo em minhas relações comerciais, as

práticas que sigo em minha profissão etc., funcionam independente do uso que eu faço deles. (DURKHEIM, 2012, p. 32)

Durkheim (2012) argumenta ainda que quando aceitamos tais condutas e/ou pensamentos por vontade própria, o poder coercitivo delas não se faz sentir, todavia, é no momento em que se tenta violá-las que este poder se afirma. Deste modo, nós seríamos “vítimas de uma ilusão que nos faz crer termos elaborado nós mesmos aquilo que se impôs a nós a partir de fora. Mas por mais que a complacência com a qual nos entregamos a essa força a oculte, ela não a suprime” (DURKHEIM, 2012, p. 34)

No entender do autor em questão, a coerção deixa de ser sentida quando surgem os hábitos, estes hábitos são definidos por Durkheim (2012) como tendências internas que inutilizam a coerção, porém não a substituem, uma vez que derivam dela. O autor exemplifica bem esta ideia ao refletir acerca do modo como educamos as crianças, argumentando que desde seu nascimento, ensinamo-las a comer, beber e dormir em horários determinados. Com o passar do tempo, tais práticas deixam de ser sentidas enquanto coercitivas, em virtude, especialmente, destes fenômenos terem se tornado habituais.

O autor ressalta que o fato de um movimento ser repetido por todos os indivíduos não faz dele um fato social, haja vista que os fatos sociais são constituídos pelas “crenças, as tendências, as práticas de um grupo tomado coletivamente; quanto às formas que assumem os estados coletivos ao se refratarem nos indivíduos, são coisas de outra espécie” (DURKHEIM, 2012, p. 35). Todavia, pode ocorrer de maneiras de agir antes caracterizadas como individuais adquirirem, por meio da repetição de sua ocorrência, consistência de consciência coletiva, como nos mostra o autor:

De fato, algumas dessas maneiras de agir ou de pensar adquirem, por causa da repetição, um tipo de consistência que as precipita, por assim dizer, e as isola dos eventos particulares que as refletem. Elas adquirem assim um corpo, uma forma sensível que lhes é própria, e constituem uma realidade *sui generis*, muito distinta dos fatos individuais que a manifestam [...] Tais são a origem e a natureza das regras jurídicas, morais, dos aforismos e dos ditos populares, dos artigos de fé, nos quais as seitas religiosas ou políticas condensam suas crenças, dos códigos de gosto elaborados pelas escolas literárias etc. Nenhuma delas se encontra por inteiro nas aplicações que os

particulares fazem delas, uma vez que elas podem existir mesmo não sendo realmente aplicadas. (DURKHEIM, 2012, p. 36)

É notória, pois, a distinção feita pelo autor entre as representações que seriam coletivas daquelas que seriam de cunho individual; esta dualidade é justificada pelo fato de Durkheim (2012) acreditar que estados de consciência (coletiva e individual) seriam de naturezas diferenciadas. No dizer do autor:

Mas os estados da consciência coletiva são de outra natureza que os estados da consciência individual; são representações de outro tipo. A mentalidade dos grupos não é a mesma dos indivíduos; os indivíduos têm suas próprias leis. As duas ciências são, portanto, tão claramente distintas como duas ciências podem ser, por mais que se possa haver relações sobre elas (DURKHEIM, 2012, p. 21).

Durkheim (2012) aponta para a existência de possíveis semelhanças entre as consciências individuais e coletivas, mas sempre ressaltando que as diferenças entre elas são bastante acentuadas, pois as coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa em relação aos objetos que o afetam, enquanto que para o indivíduo as coisas que o afetam são de natureza diferenciada.

O autor considera que nem sempre a dualidade por ele apresentada acontece de forma nítida, mas o fato dela existir em numerosos casos é o suficiente para comprovar que o fato social é distinto das representações individuais que ele possa causar. Ademais, “o que demonstra essa dualidade de natureza é que essas duas ordens de fatos se apresentam frequentemente de forma dissociada” (Durkheim, 2012, p. 36). Destarte, o autor propõe que futuramente se pesquise em que medida o pensamento coletivo se assemelha ao pensamento dos indivíduos.

Neste contexto, Serge Moscovici foi um dos grandes responsáveis por fazer uma releitura das representações em Durkheim. Por volta do início da década de 1960, o autor retoma os estudos das representações e consegue o apoio de um pequeno grupo de psicólogos sociais. Nas palavras de Wachelke et al (2008, p.108): “o estudo das representações sociais na perspectiva teórica inaugurada por Moscovici [...] mostrou-se um paradigma de pesquisa capaz de explicar a natureza e transformação do senso

comum e de diversos processos comunicacionais e comportamentais ligados a grupos sociais”.

Moscovici (2001) reconhece que embora grandes pensadores como Weber e Simmel tenham elaborado conhecimentos acerca das representações sociais, o mérito de tal conceituação deve ser atribuído a Émile Durkheim, uma vez que este teórico reconhece nas representações a capacidade de explicar diversos fenômenos presentes nas sociedades e, para isto, Durkheim estabelece a dupla separação anteriormente abordada.

De acordo com Moscovici (2001), Durkheim diferencia as representações coletivas das representações individuais, especialmente por este considerar que as representações individuais estariam relacionadas às características particulares de cada indivíduo, uma vez que aludiriam a consciências particulares, enquanto que as representações coletivas estariam relacionadas à ideia de sociedade em sua totalidade, mas não as entendendo enquanto um denominador comum das representações coletivas na sociedade, e sim à forma pela qual a sociedade pensa suas experiências. Nas palavras do próprio Durkheim (2012):

Mas será dito que um fenômeno só pode ser coletivo se for comum a todos os membros da sociedade ou, ao menos, à maioria deles, logo, se ele for geral. Sem dúvida, mas se ele é geral, é porque é coletivo (ou seja, mais ou menos obrigatório), algo muito diferente de ser coletivo porque é geral. É um estado do grupo, que se repete nos indivíduos, porque a eles se impõe. Está em cada parte porque está no todo, antes de estar no todo porque está nas partes. Isto é, sobretudo, evidente nas crenças e nas práticas que nos são inteiramente transmitidas pelas gerações anteriores (DURKHEIM, 2012, p. 37).

Moscovici (2001) critica a dualidade proposta por Durkheim por entender que as atitudes cotidianas dos indivíduos refletem conhecimentos que são compartilhados por um grupo de pessoas e não se tratam de reações singulares. Assim, a noção de representação social se refere a “um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades

tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum” (MOSCOVICI, 1981 apud VELOZ et al, 1999, p. 3).

Segundo Wachelke e outros autores (2008) o funcionamento da Teoria das Representações Sociais de Moscovici está baseado em dois processos principais, quais sejam: o da objetivação e o da ancoragem. O primeiro diz respeito ao processo por meio do qual uma noção abstrata torna-se concreta e o segundo liga as representações sociais a uma memória coletiva, em virtude da capacidade de classificar as informações sobre um determinado objeto social em relação a estruturas de conhecimento preexistentes.

No que concerne à representação coletiva, Moscovici (2001) expõe que:

Compreende-se que tal representação seja homogênea e vivida por todos os membros de um grupo, da mesma forma que partilham uma língua. Ela tem por função preservar o vínculo entre eles, prepará-los para pensar e agir de modo uniforme. Ela é coletiva por isso e também porque perdura pelas gerações e exerce uma coerção sobre os indivíduos, traço comum a todos os fatos sociais (MOSCOVICI, 2001, p. 47)

As representações sociais estão presentes em diferentes ocasiões, aparecem nos discursos propagados tanto por meio de mensagens como através de imagens veiculadas pela mídia, sendo, pois, cristalizadas nas condutas diárias. Um exemplo claro deste fenômeno é apresentado por Jodelet (2001), em seu texto acerca das representações sociais como um domínio em expansão, em que se refere às representações da AIDS. Segundo esta autora, os conhecimentos médicos e sociais acerca desta enfermidade se desenvolveram juntos. A ausência de um conhecimento científico anterior fez com que o senso comum elaborasse proposições que tinham por base os poucos dados que existiam sobre os portadores da doença, sendo a maioria deles drogados, hemofílicos, homossexuais e receptores de transfusões, deste modo, não raro, tais proposições eram extremamente preconceituosas.

É neste contexto que surgem duas concepções sobre a AIDS, uma de caráter especificamente biológico e outra de cunho moral e social, mesmo sendo abordagens diferenciadas, ambas possuíam visões que na atualidade se mostram bastante equivocadas. A primeira ocupava-se dos meios de transmissão, conforme Jodelet (2001) acreditava-se que o contágio se dava através dos líquidos corporais como o esperma e o

sangue, mas não só estes a saliva e o suor também eram entendidos como meios propagadores da doença. A segunda concepção, de maneira diferente da primeira, atribuía à AIDS a uma punição advinda de condutas consideradas degeneradas, um verdadeiro castigo em consequência de uma atitude sexual irresponsável.

A visão moral da doença foi apoiada e até encorajada pelas instâncias religiosas, principalmente em virtude da ideia propagada de que a recompensa para os bons cristãos seria justamente estarem livres do contágio, “esta visão moral faz da doença um estigma social que pode provocar ostracismo e rejeição e, da parte daqueles que são assim estigmatizados ou excluídos, submissão ou revolta” (JODELET, 2001, p.19).

Destarte, estas duas concepções são representações construídas sobre um fato, e mais, “construídas para acolher um elemento novo”, nas palavras de Jodelet (2001):

As representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que as forjam e dão uma definição específica ao objeto por elas representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Esta visão, que pode entrar em conflito com outros grupos é um guia para ações e trocas cotidianas – trata-se das funções e da dinâmica das representações sociais (JODELET, 2001, P. 21).

Percebe-se que a complexidade das representações sociais se dá, entre outras coisas, por englobar elementos diversos, tais como: cognitivos, ideológicos, normativos, além de crenças, valores e opiniões. Neste sentido, uma caracterização bastante aceita na comunidade científica acerca da representação social dá conta de que tal representação “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada, partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como senso comum” (JODELET, 2001, p.19).

2.2.2 Representação Social do Envelhecimento

As representações sociais da velhice que predominavam no Brasil na década de 1990 compunham-se de um misto de imagens aparentemente antagônicas que se

alternavam entre representações dos idosos nas longas filas à espera da aposentadoria, ou mesmo abandonados nos asilos, e as imagens de uma velhice produtiva, vibrante e gratificante. Esta última está especialmente associada aos programas destinados à “terceira idade”, pelo fato deles terem adquirido visibilidade por preconizarem a busca da auto-expressão, da exploração das identidades e a desconstrução das imagens tradicionalmente associadas às pessoas de mais idade. Debert (1999, p. 72), contudo, alerta-nos acerca desta “terceira idade”, “ênfatizando que esta não é um marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida e divulgando uma série de receitas como técnica de manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos, bailes e outras formas de lazer que procuram mostrar como os que não se sentem velhos devem se comportar, apesar da idade”.

A representação social da pessoa envelhecida conheceu, assim, uma série de modificações ao longo do tempo, uma vez que as mudanças sociais reclamavam políticas sociais para a velhice, políticas essas que pressionavam pela criação de categorias classificatórias adaptadas à nova condição moral, assim como a construção ética do objeto velho (PEIXOTO, 2007, p. 70).

Martins e Rodrigues (2004) argumentam que para os idosos, as representações sociais acerca da velhice, especialmente aquelas de caráter gerontofóbico, influenciam na imagem que eles possuem de si mesmos. Os autores concordam que uma representação social sobre determinados aspectos de um grupo, ou de uma categoria, pode ser considerada um estereótipo. Por sua vez, o estereótipo é conceituado enquanto “uma imagem mental muito simplificada de alguma categoria de pessoas, instituições ou acontecimentos que é partilhada, nas suas características essenciais por um grande número de pessoas” (CASTRO, 1999 apud MARTINS; RODRIGUES, 2004, p. 251).

De acordo com os autores em questão, os estereótipos podem ser positivos, quando atribuem características positivas a pessoas de determinados grupos ou categorias, e negativos, quando, de modo inverso, as características atribuídas são negativas.

Um estudo realizado por Araújo e Carvalho (2004), com o objetivo de verificar as representações sociais da velhice em dois grupos de convivência de idosos, um de

baixa renda e outro de alta renda, localizados na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, revelou que as representações acerca da velhice são predominantemente negativas, sendo comum a associação entre velhice e doença. Neste estudo, os autores atentam para o fato de que a imagem do velho como inútil e excluído está atrelada ao modelo econômico vigente, qual seja: o capitalista, modelo este que valoriza o indivíduo que dispõe de força de trabalho para produzir, conferindo-lhes um maior status na sociedade.

Nesta mesma perspectiva, uma pesquisa realizada por Wachelke e outros autores (2008) com jovens e adultos não-idosos, cujo objetivo central foi caracterizar a representação social do envelhecimento para uma amostra brasileira, por meio de dados coletados via internet, revelou que as categorias mais representadas foram: sabedoria, experiência, cuidados com a saúde, disponibilidade, doença, declínio, hábitos, desvalorização social, sinais físicos, isolamento.

Estas categorias estão relacionadas ao fator que opõe perdas e ganhos decorrentes do envelhecimento. Segundo os autores, o aspecto das perdas foi marcado pelo enfraquecimento, desgaste físico, declínio, tristeza, surgimento de enfermidades, desvalorização social, solidão e proximidade com a morte. No que tange aos ganhos obtidos com o envelhecimento, destacou-se o acúmulo de sabedoria e experiência, a tranquilidade, a proximidade familiar, descanso, bem como novas atividades e novas rotinas.

Wachelke e outros autores (2008, p. 112) expõem que “a contraposição entre perdas e ganhos é o principal princípio organizador da representação social sobre o envelhecimento, e segundo esse critério de segmentação as pessoas adotam posicionamentos mais específicos a seus grupos”. A pesquisa mostrou ainda que as representações sociais acerca do envelhecimento distam-se de acordo com o grupo geracional, de modo que existe um contraste entre a representação de um envelhecimento altamente estereotipado, professada pelas pessoas mais jovens, e a representação de uma realidade próxima enunciada pelas pessoas de mais idade. Esta realidade ocorre de modo tal que “quando o envelhecimento torna-se um objeto social mais próximo e a velhice se apresenta, há inclusive uma negação por parte dos idosos do papel social destinado pela sociedade e pelos não-idosos às pessoas mais velhas” (WACHELKE et al 2008, p. 114)

Deste modo, Araújo e Carvalho (2004) dissertam que:

Diante das representações negativas relacionadas à velhice, se estabeleceram conceitos sobre os termos velho, idoso e terceira idade. 'Velho' ou 'idoso' refere-se a pessoas idosas (com 60 anos de idade); 'velhice' seria a última fase da existência humana e 'envelhecimento' estaria atrelado às mudanças físicas, psicológicas e sociais (ARAÚJO; CARVALHO, 2004, p. 5)

Em sentido oposto a estas representações negativas do envelhecimento estão as representações advindas da criação da categoria terceira idade. Segundo Debert (1997) a invenção desta categoria é fruto de um processo de gestão da velhice, de maneira que exprime uma nova situação, qual seja: esta fase da vida passa a ser caracterizada como um período privilegiado para a realização de atividades que não mais se restringem ao âmbito familiar e do trabalho, ao tempo em que também abandona os aspectos da decadência, pobreza e doença.

Percebe-se, pois, as transformações ocorridas no que tange à representação do processo de envelhecimento, visto que:

Até muito recentemente, tratar da velhice nas sociedades industrializadas era traçar um quadro dramático de perda de status social dos velhos; a industrialização teria destruído a segurança econômica e as relações estreitas entre as gerações na família, que vigoravam nas sociedades tradicionais. Dessa perspectiva, a situação atual, em que os velhos se transformam em um peso para a família e para o Estado, opunha-se a uma Idade de Ouro em que eles, dada sua sabedoria e experiência, eram membros respeitados na família e na comunidade. O empobrecimento, a perda de papéis sociais e os preconceitos marcariam a velhice nas sociedades modernas, que abandonam os velhos a uma existência sem significado (DEBERT, 1997, p. 3).

A autora argumenta que a ideia de uma Idade de Ouro não se sustenta nem em épocas distantes, nem em períodos relativamente próximos, tal conclusão tem por base o estudo de algumas etnografias de sociedades antepassadas que revelaram a experiência do envelhecimento nestes períodos não pode ser reduzida ao aspecto da

solidão, tampouco a uma experiência gratificante para todos os idosos, como estabelecia a ideia da Idade de Ouro.

Todavia, essas transformações carecem de uma reflexão mais profunda acerca dessa “nova” categoria. De acordo com Debert (1997), a invenção da terceira idade acarretou um processo que a autora denomina de “reprivatização da velhice”, uma vez que a partir deste momento os indivíduos passam a assumir a responsabilidade pela sua própria aparência, de modo que as imperfeições do corpo não são compreendidas como naturais, sendo possível alcançar a aparência desejada. Destarte, “as rugas ou a flacidez transformam-se em indícios de lassitude moral e devem ser tratadas com a ajuda dos cosméticos, da ginástica, das vitaminas, da indústria do rejuvenescimento” (DEBERT, 1997, p. 4).

2.2.3 Representações acerca do envelhecimento para os sujeitos da pesquisa

Na pesquisa realizada com o grupo de Dança de Salão da UATI, há uma identificação das entrevistadas com a categoria “idosa” que, todavia, não se percebem como “velhas”. Existe em suas falas uma clara distinção entre os termos; e a imagem associada à pessoa “velha” aproxima-se muito da representação tradicional da velhice, ao tempo em que dista-se das imagens propostas ao que seria a terceira idade.

Quando perguntadas sobre as representações da velhice, indagando de modo mais direto sobre o que é a velhice, as respostas ressaltam principalmente as perdas relacionadas ao processo de envelhecimento. Como podemos perceber nas falas abaixo:

A velhice é uma coisa boa e que nós temos que aceitar, né? Os tempos não são todos de flores, nós temos que passar pelo jardim e pelo espinho, né? A bíblia diz que há tempo pra chorar, tempo cansar, há tempo pra sorrir, há tempo pra plantar e há tempo pra arrancar. Então, há tempo pra todas as coisas. A minha fase de 15 anos, de 20, de 30, de 40, de 50 passou. Então agora eu tenho que assumir a minha velhice e assumo com muito amor. Assumo com muito amor, eu não me acho velha não. Velho é aquilo que a gente usa e joga fora porque não presta mais, porque tá velho, né? Uma sandália, por exemplo, quebra, eu não vou mandar consertar, eu jogo fora, porque ta velha e

não presta mais, eu já usei tanto, eu já dancei tanto que não presta mais (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Pra mim .. feliz daquele que consegue ser velho, feliz daquele que consegue ser velho. E chegar ao auge que eu to chegando, mas eu não me considero uma pessoa assim de da trabalho. Dou trabalho a ninguém não, desde a alimentação .. de andar, eu .. me considero uma pessoa jovem (LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS).

A velhice pra mim é um pouco incomoda, porque eu gosto de tudo. Eu gosto de atividade, de movimento e na velhice a gente fazer tudo, e principalmente sozinha. Não agir sozinha em tudo e eu sou muito independente (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

A velhice. O que é a velhice pra mim? Pra mim a velhice é no dia que eu não puder fazer mais nada, aí a velhice chegou mesmo. **Acabou**, “- Rosa isso não pode, não pode fazer não”. “Eu não posso fazer isso, não posso, não posso”. Aí a velhice chegou. Entendeu? Aí isso aí é **a velhice é você não puder fazer mais nada** (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS).

Ô meu Deus, a velhice é uma coisa muito triste minha filha, é muito triste, porque a pessoa vive assim não tem um amigo, não tem ninguém pra conversar, não tem uma companhia, aí, não pode fazer nada e depender dos outros é triste (MARGARIDA, SEPARADA, 69 ANOS).

Há nos discursos acima uma constante contradição, uma vez que ressaltam com positividade a possibilidade de viver muitos anos, porém quase sempre negam a velhice por considera-la associada ao conceito de inutilidade, dependência, solidão ou mesmo da ausência de valor; este é um dos motivos que levam a afirmação de que não se está na velhice, porque a representação social da categoria não condiz com o estilo de vida que levam. Tal diferenciação se manifesta também semanticamente, uma vez que para a maioria das entrevistadas existem diferenças entre ser velha e ser idosa; e a imagem comumente associada a ‘velha’ é de inutilidade, como podemos observar nas falas abaixo:

Ah! Velho é velho, não aguenta mais nada e o idoso ainda aguenta muita coisa [...] Sou idosa sim, to com 77 anos, sou mais que idosa, agora sou uma idosa **boa. Ainda forte**, aguento um bocado de coisa, oxem. **Sambo**, oxem. Subo em casa, desço escada, ora, ora (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

O velho é aquele cara que .. se entrega .. se deixa levar, ‘ô eu to com isso, ô eu preciso daquilo’. Já o idoso não, ele vai, ele anda, ele procura ler, ele procura fazer arte [...] Tem essa diferença, o velho é aquele que se acomoda com tudo (LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS).

No que concerne à conotação negativa que o termo ‘velho’ possui nas falas das entrevistadas, Peixoto (2007) expõe que, no Brasil, até a década de 1960, o termo que se referia à pessoa envelhecida era “velho”, na época seu uso ainda não possuía um caráter pejorativo. De acordo com a autora foi mediante os ecos oriundos da Europa acerca da mudança na imagem da velhice, ao final desta década, que recuperam a noção de idoso. Ao tempo em que idoso marca, neste período, um tratamento mais respeitoso, “o termo ‘velho’ tem assim uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio” (Peixoto, 2007, p. 78). Essa ideia ainda tem suas consequências na contemporaneidade quando, não raro, a representação associada à terminologia “velha” é esta de decadência e declínio, tal como mostram as falas das entrevistadas.

As entrevistadas consideram ainda que existe diferença entre as pessoas velhas/idosas de hoje em dia e as velhas/idosas de gerações anteriores, tal diferença remete a uma valorização da geração de idosas atuais, em detrimento de uma desvalorização da vivência do envelhecimento por gerações anteriores. Consideram-se mais enérgicas, ativas, além de, em suas concepções, cuidarem mais de sua saúde. Nas palavras delas:

Porque os de hoje tem mais assim, energia. Sei lá. E os de antes não, acho que é devido à criação, ninguém saia muito, porque cada qual tem sua época, aí do jeito que aí vai ficando velho, sem animação. Do meu tempo vai ficando velho animado. *E tudo vai da criação* (HORTENSIA, NEGRA, VIÚVA, 67 ANOS).

Ah! Existe, muita. Existe e muita. Oxem. O velho antigamente era quá, quá, quá. Hoje não, o velho, o idoso é mais diferente. Ele anda, ele conversa, ele dança e antigamente não era assim (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Tem. A diferença é muito grande, os idosos de antigamente eles não se cuidavam, eles não iam no médico, eles não tomavam remédio, eles

não se davam valor, só davam valor a roça. Só trabalhavam, só pensavam em trabalhar. E viver não viviam, por quê? Porque não tinham o que nós temos hoje. Por exemplo, a UATI, não tinha, né? Um idoso só ia pra uma festa, se gostasse, nas quatro festas do ano. E hoje não, a gente tá na idade, a gente já trabalhou muito, mas tem a nossa liberdade de subir e descer, né? Se a gente quiser ir pra uma seresta hoje vai, minha filha mesmo cansa de me chamar. Se a gente quiser ir pro cinema hoje de noite vai. Se quiser ir pro shopping vai, então é a diferença (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Existe, porque hoje, os idosos de hoje são bem diferentes do de atrás. Os de atrás eram tudo acabado, não queriam sair, não queriam mais fazer [nada], acham que já ficaram velhos não prestava mais pra nada, eles se entregavam e hoje não. Por causa desses movimentos, dessa liberdade que deram a gente, graças a Deus. Só mesmo quem não quer mesmo, quem é mal humorado e não quer. Porque tem gente que é muito mal humorado mesmo, não quer mesmo ‘- Ah, eu vou nada, tenho minha casa, tenho que fazer dentro de casa’. Eu mesmo canso de chamar alguém ‘-ah não, eu, eu que tenho o que fazer menina’. Eu digo ‘- e quem é que não tem o que fazer? Todo mundo tem’. ‘- ah, mas eu tenho neto pra olhar, minha filha trabalha, eu tenho meus netos pra olhar’. Eu digo ‘- olhe, pois eu não olhe neto não. Quem trabalha, eu só tenho uma nora que tem filho, minha filha não tem filho e minha nora que tem filho, ela paga gente pra tomar conta, porque eu não vou ficar dentro de casa tomando conta de neto não, eu fico, fim de semana, quando eu não vou sair, lá de vez em quando, ela leva lá pra casa ou eu venho pra casa dela, se eu quiser eu fico, mas pra eu deixar minhas atividades, deixar de sair pra ficar com neto minha filha, não fico não, não fico de jeito nenhum’. E hoje elas que ficam ‘- não minha filha, eu tenho que ficar, trabalha, não sei o quê, eu tenho que ficar’. Aí eu ‘- pois eu não, não fico não’ (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS)

Percebemos nas falas acima a forte influência do discurso gerontológico e geriátrico abordado teoricamente no início deste capítulo, especialmente do cuidado com a saúde e com o corpo. Envelhecer parece ser um processo individual, uma escolha, como já nos alertava Debert (1997, 1999); deixar-se envelhecer é também o não querer participar de atividades voltadas ao dito “envelhecimento ativo”.

As principais diferenças geracionais apontadas estão no âmbito da movimentação e cuidado com o corpo, a representação dos idosos de gerações anteriores está associada à passividade e a ausência de atividade física, bem como ao não cuidado com a saúde. É preciso mencionar que, no que tange aos aspectos sociais, a liberdade e a independência também são apontadas enquanto quesitos diferenciadores das gerações.

Foram apontadas ainda diferenças no que tange a vivência do envelhecimento para o homem e para mulher. A questão dividiu opiniões:

Existe. Existe sabe por quê? Porque a mulher é mais dinâmica. A mulher é mais dinâmica, o homem fica logo apagado num canto, não é? A mulher tem mais fogo, você vê pela dança, quantas mulheres tem ali e são contados os homens, uns gatos pingado de homens. Aí [na oficina] meio ambiente agora tinha era mulher, se tinham 5 homens eram muitos. Então, o homem acha que ele vai caindo e não presta mais pra nada, né? (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Oxem, existe sim. Porque a mulher nunca fica velha derrubada e o homem tem o tempo dele se decair, né? Ele [o homem] tem o tempo dele, mas a gente sempre é mulher, sempre é aquela mulher de sempre, porque a mulher não decaí, decaí assim, porque a pessoa tem que se considerar que não é jovem, que não tem mais aquela vida que já teve, mas é a mesma mulher. Agora o homem, um homem de oitenta anos, meu Deus do céu, ele já ta muito deprimido e a mulher não, a mulher é sempre mulher (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS)

Tem, porque os homens são .. eles não querem ser velhos. E tem deles que não querem ser velhos. Eles, muitos deles não freqüentam a terceira idade porque não querem ser velhos. Não querem se misturar com os velhos porque eles não querem ser velhos. E as mulheres não. As mulheres não têm isso, viu? E eles mesmo eu canso de dizer, eu canso de ver “- eu mesmo que, bla,blá,blá. Não sou velho, vou me misturar mais esses velhos pra ta pra cima e pra baixo, vou nada”. Preferem andar bebendo, jogando dominó debaixo dos pés de pau do que frequentar a terceira idade [risos] (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS).

Existe, existe muita .. o homem que se considera, ele é mais. É, vamos dizer assim, sadio, as complicações são menores. Aquele é .. as mulheres tem, já ta dizendo, sexo frágil. E quando chega na idade ela, se ela não se cuidar mesmo, ela debreia [adoece] mais que homem (LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS).

As mulheres idosas são apresentadas pelas mulheres entrevistadas como mais dinâmicas e ativas. No campo da sexualidade a mulher é vista com certa superioridade, haja vista que “*a mulher é sempre mulher*”, em uma clara referência a maior dificuldade do homem idoso manter-se ativo sexualmente. O envelhecimento masculino é visto

pelas entrevistadas como o que gera mais depressão e inutilidade. Dona Violeta ressalta ainda a dificuldade dos homens aceitarem o processo de envelhecimento, fato que faria com que o número de pessoas do sexo masculino fosse reduzido em ambiente tal qual a UATI/UEFS.

Em oposição a estas imagens relatadas pelas mulheres, o único homem entrevistado argumenta que o homem idoso é mais forte e sadio, de modo que teria menores problemas na velhice. Já as mulheres, o sexo frágil, tenderiam a adoecer mais e que por isto elas têm mais necessidade de ir ao médico e de se cuidarem, pois tendem a adoecer mais rápido.

Ambas as imagens estão repletas de estereótipos que permeiam o entendimento acerca da velhice e das relações de gênero. Não se pode afirmar que apenas os homens têm dificuldade em aceitar o envelhecimento, especialmente diante do contexto atual que preza pela beleza como sinônimo de juventude. Nem tampouco que as mulheres são mais frágeis que os homens, uma vez que, como veremos no capítulo 2, esta ideia é fruto de construções sociais sexistas que tinham por objetivo uma inferiorização da mulher.

As atitudes preconceituosas em virtude da idade avançada também foram objeto deste estudo. No que tange a este aspecto o transporte coletivo foi o lugar em que o mesmo aconteceu este tipo de preconceito, como podemos observar na comovente fala de Dona Amarílis.

Eu já sofri assim, eu ta em filas e pessoas me xingarem, entendeu como é? Você ta em filas e pessoas te xingarem, uma vez mesmo eu tava na fila da C&A e o caixa de idoso estava fechado, aí a gente tem que, quando o caixa ta fechado, a gente tem que ir naquele primeiro caixa, ficar lá e vai. Aí um jovem lá me xingou, disse ‘esses velhos não tem o que fazer’, que ficava pela rua atrapalhando a vida do outros, entendeu? E não foi só lá, vários jovens fazem isso. Mas isso são pessoas ignorantes que não sabem, entendeu? [...]. Outro dia no ônibus também, uma moça tava sentada, aí falando ‘esses velhos só vem pegar o ônibus, pra gente da o lugar pra eles, é porque eles não têm o que fazer, a vida é o mundo’. Eles falam muito isso, então existe, existe muito preconceito. Eles dizem, e aqui daqui da UATI também existe ‘esses velhos a vida é o mundo, **nunca vi um fogo** que esses velhos tem que a vida é o mundo’ (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS)

As histórias relatadas por dona Amarílis eram comumente comentadas durante o período de pesquisa de campo, foram muitos os relatos desta natureza, o desrespeito aos mais velhos nos mostra um verdadeiro despreparo da sociedade contemporânea brasileira em lidar com um fenômeno, apontado pelos demógrafos como irreversível, que é justamente o aumento de número de pessoas idosas e sua consequente maior presença em todos os espaços, especialmente naqueles que se dedicam a atividades voltadas à “terceira idade”. Vejamos um pouco acerca desta “nova” categorização de faixa etária que é a terceira idade.

2.3 A invenção da “Terceira Idade” e dos programas para a “Terceira Idade”

Ariès (1978) nos mostrou que algumas etapas intermediárias entre a infância e a vida adulta surgiram na modernidade, assim, acompanhamos na contemporaneidade o aparecimento de outras etapas que são consideradas como intermediárias entre a vida adulta e a velhice, etapas estas denominadas de: “meia idade”, “terceira idade”, “quarta idade”, “aposentadoria ativa”, etc.

Debert (1999) argumenta que é preciso olhar com mais atenção para as últimas mudanças ocorridas nos grupos e categorias etárias, especialmente pelo fato de estar acontecendo um verdadeiro embaçamento das diferenças de idade; ao mesmo tempo e em direção oposta estão se estabelecendo privilégios de idade no que concerne à criação de atores políticos e na demarcação de mercados de consumo. Neste contexto, nota-se uma verdadeira dissociação entre a juventude e a velhice, bem como a transformação da juventude como valor, um bem a ser conquistado em quaisquer etapas da vida. Tal juventude seria adquirida por meio da adoção de estilos de vida e formas de consumo condizentes com a preconizada para tal etapa da vida.

Diante desta realidade, presenciamos um duplo processo que dilui a ideia de vida adulta, seja pelo fato da juventude ter se tornado um valor a ser perseguido, seja pelo fato dos sinais de envelhecimento do corpo deixarem de ser menos de cunho biológico e passarem a adquirir um caráter de desleixo pessoal, como bem se pode constatar nos escritos de Debert (2004).

Por um lado, a juventude perde a conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados. Por outro lado, a velhice perde conexão com uma faixa etária específica e passa a ser um modo de expressar uma atitude de negligência com o corpo, de falta de motivação para a vida, uma espécie de doença auto-inflingida, como são vistos hoje, por exemplo, o fumo, as bebidas alcoólicas e as drogas. (DEBERT, 2004, p. 3)

Neste sentido, Britto da Motta (2012) expõe que a tendência de juvenização das idades apresenta-se como um movimento contraditório diante da crescente longevidade das populações contemporâneas. Ademais, a juvenização não é exclusiva nas idades mais avançadas, ao contrário disto, é uma disposição presente em todas as idades, haja vista que as crianças juvenizam-se à medida que se tornam adolescentes prematuros, ao tempo em que se juvenizam os maduros e os idosos. Esta tendência confirma-se na maneira de consumir da sociedade atual, “justamente por ser a sociedade de consumo contemporânea especialmente direcionada a modelos de juventude e valores adulto-jovens, alcança-se esse clássico ponto de ambição e encontro geracional ‘jovem’, em cuja direção se mobilizam, ou para onde convergem todas as outras idades” (BRITTO DA MOTTA, 2012, p. 12).

A autora esclarece ainda que tal tendência rejuvenecedora, que por vezes se refere de maneira mais visível às condições de saúde, especialmente no que tange aos cuidados pessoais para que se alcance um “envelhecimento bem sucedido”, também atinge o âmbito simbólico, uma vez que o juvenescimento vem-se dando em diversos aspectos da vida pessoal, especialmente nas formas de lazer e nas atividades pedagógicas. Os ambientes típicos em que são realizadas tais atividades são os grupos e programas para a terceira idade.

A expressão Terceira Idade, segundo Debert (1997), em seu artigo intitulado “A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas”, é recente, uma vez que seu surgimento data da década de 1970, na França, período em que vinham acontecendo uma série de transformações no país. Isto porque ao longo das décadas de 1940 e 1950 os velhos das sociedades européias constituíam um segmento da população cujos recursos econômicos eram escassos, contudo, este

cenário foi se modificando devido, principalmente, à universalização do direito a aposentadoria, que garantiu às pessoas de mais idade uma remuneração, mesmo diante de sua ausência do mercado de trabalho, tal transformação tornou-se mais explícita na década de 1970, quando, de acordo com Debert (1997), os velhos já não eram considerados um dos setores mais desfavorecidos financeiramente da Europa.

A universalização da aposentadoria foi apenas uma das condições existentes que deram uma configuração específica à categoria Terceira Idade. Segundo esta autora, outra condição relaciona-se às reelaborações contemporâneas acerca do corpo e da saúde. Nesta nova configuração, o indivíduo torna-se responsável pela sua própria aparência, não raro, “a publicidade, os manuais de auto-ajuda e as receitas dos especialistas em saúde estão empenhados em mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais nem imutáveis, e que, com esforço e trabalho corporal disciplinado, pode-se conquistar a aparência desejada” (DEBERT, 1997, p.4).

Encoraja-se, assim, a vigilância pessoal mediante a promessa de viverem mais, além da recompensa de uma aparência embelezada e mais aceitável. Diante deste cenário, a indústria do rejuvenescimento adquiriu papel de destaque, especialmente aquelas que se destinam à produção de cosméticos.

Uma parafernália de receitas envolvendo técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, medicamentos, bailes e outras formas de lazer é proposta, desestabilizando expectativas e imagens tradicionais associadas a homens e mulheres em estágios mais avançados da vida. Meia-idade, terceira idade, aposentadoria ativa não são interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice; indicam, antes, estágios propícios para a satisfação pessoal, o prazer, a realização de sonhos adiados em outras etapas da vida (DEBERT, 2004, p. 4).

Os novos padrões de aposentadoria, fruto da ampliação das camadas médias, também consistem em outra condição apresentada pela autora para a configuração da categoria terceira idade, já que os aposentados são cada vez mais formados por populações de idade não tão avançadas, redefinindo assim as antigas formas de consumo.

Destarte, a adoção da categoria Terceira Idade, “seu uso corrente entre os pesquisadores interessados no estudo da velhice não é explicado pela referência a uma

idade cronológica precisa, mas por ser essa uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, que não adquiriu ainda uma conotação depreciativa” (Debert, 1997, p. 3). Esta imagem do idoso enquanto uma pessoa ativa, comumente reproduzida pelos programas para a terceira idade, contrapõe-se à imagem por muito tempo veiculada das pessoas de mais idade como inúteis e dependentes.

Peixoto (2007) atenta para o fato de que, desde 1962, uma política de integração da velhice introduzida na França objetivava modificar as imagens das pessoas envelhecidas, principalmente em virtude da nova condição dos aposentados do país. Isto aconteceu de modo tal que foi preciso criar um novo vocábulo para representar os jovens aposentados, eis que surge a “*terceira idade*” como “sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo” (PEIXOTO, 2007, p. 76).

Assim sendo, criou-se neste período, na França, um leque de serviços que preconizavam a sociabilidade na velhice. Nas palavras desta autora:

Entretanto, a invenção da terceira idade – nova fase do ciclo de vida entre a aposentadoria e a velhice – é simplesmente produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do conseqüente surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice, e que prescrevem a esse grupo etário maior vigilância alimentar e exercícios físicos, mas também necessidades culturais, sociais e psicológicas. (PEIXOTO, 2007, p. 76)

No Brasil, de modo muito parecido com o caso francês, o vocábulo “velho” também adquiriu conotação negativa, embora mais recentemente. Assim, sob a influência francesa, o Brasil também passou a adotar a categoria idoso para fazer referência aos sujeitos envelhecidos. No que tange ao uso da terminologia “terceira idade” no Brasil, tem-se que esta “constitui simplesmente um decalque do vocábulo francês adotado logo após a implantação de políticas sociais para a velhice na França. E se o movimento de transformação da imagem do velho foi bem-sucedido, a criação de um sistema de proteção à velhice é ainda um esboço inacabado” (PEIXOTO, 2007, p. 80)

Tal categoria se popularizou com bastante rapidez no Brasil, especialmente com os programas voltados à “terceira idade”; tais programas foram, sem dúvidas fundamentais para uma mudança da representação social da velhice, tanto na França como no Brasil.

Segundo Britto da Motta (1999), foi no final da década de 1960, na França, que se organizaram os primeiros programas de universidade voltados às pessoas de mais idade. Sem se ocuparem com práticas de educação permanente, estes programas foram inicialmente intitulados de “Universidade de Tempo Livre”, portanto, voltavam-se a “atividades culturais e para sociabilidade e tinham como objetivo ocupar o tempo livre dos aposentados e favorecer as relações entre eles” (PEREIRA, 2006, p. 44).

A preocupação com o ensino e a extensão nestes espaços esteve presente pela primeira vez em 1973, quando da criação da Universidade da Terceira Idade, em Toulouse. Um pouco depois, em 1981, e de modo diferenciado, a Inglaterra adota a ideia francesa, assim, estes programas foram se expandindo aos poucos por diversas partes da Europa.

Pereira (2006) expõe que, a partir da década de 1980, havia dois modelos diferentes deste tipo de programa, quais sejam: o modelo francês e o modelo inglês. O primeiro baseava-se no sistema universitário tradicional e, por isto, sua proposta incluía aulas e oficinas de trabalho, enquanto que o segundo fundamentava-se na lógica da auto-ajuda, de modo que os participantes poderiam exercer a função tanto de alunos como de professores.

No Brasil, foi a partir da década de 1980 que as universidades começaram a abrir espaço não só para a população idosa, como também para profissionais que se interessavam pelo estudo do envelhecimento. Antes disto, ocorreram iniciativas pontuais, como a do Serviço Social do Comércio (SESC), que convidava os associados idosos para grupos de convivência que propunham atividades de lazer para o preenchimento do tempo livre.

De acordo com Cachioni e Palma (2006), data de 1982 a fundação do primeiro programa brasileiro para idosos com o caráter de extensão universitária. Foi o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI, da Universidade Federal de Santa Catarina. Posterior a esta iniciativa, foi criado em 1984 o Projeto GAFTI (Grupos de Atividades Físicas para a Terceira Idade) na Universidade Federal de Santa Maria, também no Sul. Em 1988, a Universidade Estadual do Ceará instituiu a Universidade Sem Fronteiras. A

Universidade para a Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e a Universidade Aberta a Terceira Idade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UnATI/ UERJ) são, segundo Britto da Motta (1999), experiências bem conhecidas e datam da década de 1990.

Os programas denominados Universidades para a Terceira Idade diferenciam-se de outras formas de grupos de convivência por apresentarem além de possibilidade de sociabilidade, as práticas de educação continuada. Nas palavras de Britto da Motta (1999):

Já não se trata de simples grupo espontâneo, ou de convivência, ou, mesmo, associação como nas classes populares. Encontra-se agora em um nível maior de formalização organizativa. O grupo tem um projeto educacional explícito, pautado na instituição – relativamente recente, porém de difusão mundial crescente – ‘Universidade para a Terceira Idade’. O que tem significado um projeto pedagógico e cultural diversificado, um programa de educação continuada, mas que não exclui o lúdico e proposta de ampliação da sociabilidade, inclusive intergeracional (BRITTO DA MOTTA, 1999, p. 128).

Há nestas universidades para a terceira idade uma clara tendência ao modelo francês. Gomes et al (2005, p. 128) ressalta ainda o fato de que tal abertura de espaços para as Universidades da Terceira Idade “exemplificam o exercício de outra importante missão da universidade, que é a prestação de serviços à comunidade na qual está inserida”.

Segundo Cachioni e Palma (2006), no ano de 2005, o Brasil contava com cerca de 200 grupos desta natureza espalhados por 18 estados brasileiros, todavia, a maior parte deles concentrava-se no estado de São Paulo (37% do total). Diante da quantidade destes programas, as autoras argumentam que existe uma grande diversidade entre eles, “cada instituição toma suas próprias decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades e professores. Atuam exclusivamente a partir de seus recursos humanos e materiais de sua ideologia sobre a velhice e sobre educação na meia-idade e na velhice” (CACHIONI; PALMA, 2006, p. 1461).

As trocas sociais são, pois, características presentes nestes grupos de convivência, de maneira que são formuladores de representações sociais, pois há um

conhecimento que é frequentemente elaborado e compartilhado. Vejamos um pouco acerca da realidade da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana.

2.3.1 Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana (UATI/UEFS)

Ao promover ações que visam a Promoção à Saúde, Arte-Educação e Cultura, Educação Permanente e Lazer, a UATI/UEFS proporciona múltiplas atividades educativas, sociais, científicas e afetivas que incentivam a busca pelo conhecimento, a promoção da saúde, a pesquisa, as relações, a complexidade de saberes, o lazer, a arte, a cultura e a educação permanente.

A UATI/UEFS preza os seguintes aspectos¹³:

- Processo de envelhecimento como fonte geradora de atividades de ensino, pesquisa e extensão;
- Cidadania do idoso enquanto política de inserção da pessoa idosa na sociedade;
- Educação permanente que ajude na transformação e atualização do idoso.

Ademais, as atividades desenvolvidas pela instituição em questão relacionam-se a cinco eixos pedagógicos, quais sejam: 1) Arte-Educação e Cultura; 2) Promoção da Saúde; 3) Educação Permanente; 4) Lazer e 5) Eixos Integradores. O primeiro propicia uma educação com princípios democráticos e participativos, que respeita as diferenças entre os idosos. As oficinas relacionadas a este eixo são: Artes, Teatro, Artesanato, Coral Izabel Trindade, Dança de Salão, Artes Visuais.

O segundo atenta-se aos cuidados básicos para manter o corpo saudável, através de atividades físicas. Este eixo é composto pelas seguintes oficinas: Ginástica com música, Hidroginástica, Jogos recreativos, Flexibilidade e Alongamento, Tai-Chi-

¹³ As Informações acerca da UATI/UEFS estão disponíveis em <http://uati-uefs.blogspot.com.br/p/uati.html>, acessado em 21 de maio de 2014, às 21:02.

Chuan, Treinamento de Força, Massagem Relaxante, Medicamentos, Yoga, Saúde X Idosos, Saúde no Envelhecer, Caminhando para Transformação.

O terceiro entende a Educação como elo integrador que ajuda a provocar mudanças construtivas no idoso. Oficinas que compõem este eixo são: Clicar na Terceira Idade, Memórias e Leituras, Eu no Meio Ambiente, Roda de Leitura, Alfabetização, Espanhol, Encontros Interativos.

O quarto percebe o lazer enquanto possibilidade pedagógica enriquecedora para o idoso, contando com diversas atividades, tais como: Excursões, Visitas, Cinema, Caminhadas, Viagens, Teatro, Trabalho Voluntário, Piquenique, exposição. E o quinto, que conta com as seguintes ações: 1) *Terça Cultural* que debate temas voltados para a melhoria de vida do idoso, além de eventos artísticos e culturais; 2) *UATI Itinerante* que agrega ações sociais nos Grupos de Convivência (Alegria de viver na Cidade Nova, Nova Vida na Queimadinha, Reviver no Feira V, Viver Feliz no Cel. José Pinto, Renascer no Caseb, Esperança no Distrito de Maria Quitéria) e 3) *UATI nas Escolas*, que promove o intercâmbio entre gerações nos seguintes colégios da rede estadual da cidade de Feira de Santana: Colégio Estadual Amélia Dourado, Colégio Estadual Hilda Carneiro, Colégio Estadual Edite Machado, Colégio Estadual Imaculada Conceição, Colégio Estadual Durvalina Carneiro, Colégio Estadual Evandro Matos, Colégio Estadual Wilson Falcão.

As atividades promovidas pela UATI/UEFS acontecem em diversos espaços, quais sejam: nos grupos de convivência de bairros mencionados acima, nos colégios ora citados, na Universidade Estadual de Feira de Santana e no Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA). Na UEFS, as atividades acontecem tanto no prédio que sedia a UATI, como no Laboratório do Curso de Licenciatura em Educação Física (Quadras, Piscina e Academia) da referida universidade. No CUCA, o espaço também é dividido com alunos e professores de diversos cursos da UEFS (Ver APÊNDICE A).

Nem todas as oficinas são oferecidas em todos os semestres, mas nos dois últimos semestres, período em que se iniciou a pesquisa de campo, o quadro de oficinas permaneceu o mesmo (ver Tabela 1 em anexo).

Ainda de acordo com as respostas obtidas em questionário enviado à coordenação da UATI/UEFS, o objetivo principal do programa é:

Mobilizar a comunidade interna e externa para questões voltadas à terceira idade e contribuir com estudos e pesquisas para a construção de uma sociedade mais humana na relação com a velhice. (COORDENADORA DA UATI/UEFS)

E entre os benefícios que a UATI proporciona aos participantes, foram apontados:

Qualidade de vida, promover o convívio e integração social, através do compartilhamento das idéias, projetos de vida, sonhos, desejos e troca de experiências (COORDENADORA DA UATI/UEFS).

O público que o programa abrange é bastante expressivo, em análise do arquivo de cadastro dos alunos, constatou-se a presença de 810 pessoas inscritas regularmente.

2.3.2 A UATI/ UEFS em dados e em números

São poucas as informações que constam no formulário de cadastro dos alunos da instituição, dentre elas foi possível tabular o ano de nascimento/idade dos participantes, o sexo dos mesmos e as oficinas mais procuradas. No que tange ao ano de nascimento/idade, tem-se que na UATI/UEFS a maior parte dos alunos matriculados possui idades de 63 a 68 anos (21% - 168 casos) ou de 73 a 78 anos (20% - 159 casos). Tomando como referência uma maior intervalo de anos, os dados apontam que 38% dos alunos matriculados possuem de 64 a 73 anos de idade; e 30% de 74 a 83 anos de idade. Os extremos de idade variam entre 36 anos (um caso) e 99 anos (um caso) como podemos verificar na tabela 2 abaixo.

TABELA 2 – Idade

Idade	Nº de Casos	%	Sexo	
			F	M
Não Informou	19	2,4	17	2
90-99	13	1,6	9	4
80-89	105	13	86	19
70-79	304	37,5	266	38
60-69	278	34,4	260	18
50-59	78	9,5	75	3
36-49	10	1,3	10	-
36-39	3	0,3	3	-
Total	810	100,0	726	84

Fonte: Cadastro das alunas da UATI/UEFS

A presença de pessoas com idade inferior a 50 anos constitui exceção no programa, uma vez que em questionário enviado à coordenadora da UATI/UEFS, fica claro que um dos critérios de ingresso é justamente a idade. Nas palavras dela:

As vagas são oferecidas de acordo com a desistência dos alunos da casa, eles precisam ter mais de 50 anos e com um acompanhamento de uma cardiologista. (COORDENADORA DA UATI/UEFS).

Ela acrescenta ainda que as inscrições são gratuitas, uma vez que o programa pertence a uma universidade também gratuita, e que devem ser feitas de modo presencial na coordenação da UATI, sendo o principal meio utilizado para divulgar as atividades e informativos dos programa o blog da UATI e o site da UEFS.

No que tange ao sexo, a maioria esmagadora é composta por mulheres, cerca de 90% (726 casos). Essa tem sido uma tendência desses programas, como bem argumenta Britto da Motta (1999, p. 133) “essa grande maioria de mulheres vem sendo encontrada, como tenho assinalado, em todos os grupos de idosos, com quase únicas exceções dos

grupos informais como o dos velhos da praça e os definitivamente formais e referenciados ao mundo do trabalho, das associações e federações de aposentados”.

Um dos aspectos que podem contribuir para a pouca presença de homens na UATI/UEFS são as oficinas oferecidas, algumas destas oficinas dedicam-se a atividades que tradicionalmente foram atribuídas às mulheres. A presença masculina ocorre majoritariamente em oficinas que trabalham o corpo e a mente (Ver Tabela 3).

No que concerne às oficinas, os dados mostram que algumas das oficinas em que as alunas encontram-se matriculadas não foram oferecidas nos dois últimos semestres, (a exemplo das oficinas: Grupo de Oração, Bonecas, Psicoterapias, Envelhecimento Masculino e Filosofia e Artes). Todavia, a maior parte das disciplinas é continuamente oferecida. Cabe ressaltar que um aluno pode se matricular em mais de uma oficina, fato que faz com que o número de procura pelas oficinas seja bem superior ao número de alunos matriculados. Entre as oficinas mais procuradas estão: Hidroginástica (228 alunas matriculadas), Dança de Salão (189 alunas matriculadas), Treinamento de Força (170 alunas matriculadas), Yôga (147 alunas matriculadas), Eu no meio ambiente (127 alunas matriculadas), Clicar na Terceira Idade (117 alunas matriculadas), Memórias e Leituras (104 alunas matriculadas) e Caminhando Para a transformação (101 alunas matriculadas).

TABELA 3 – OFICINAS

OFICINAS	Nº de Casos	%	Sexo	
			F	M
Tai Chi Chuan	67	3,3	62	5
Coral Izabel Trindade	47	2,3	41	6
Xadrez	19	0,9	17	2
Treinamento de Força	170	8,4	146	24
Memórias e Leituras	104	5,2	90	14
Yoga	147	7,3	138	9
Mãos e Criação	36	1,8	36	-
Eu no meio ambiente	127	6,3	120	7
Clicar na 3ª Idade	117	5,8	102	15
Saúde no Envelhecer	34	1,7	30	4

Hidroginástica	228	11,3	208	20
Massoterapia	66	3,4	56	7
Artes Plásticas	22	1,1	21	1
Dança de Salão	189	9,4	162	27
Saúde X Doença	70	3,5	65	5
Flexibilidade e Alongamento	84	4,2	77	7
Encontros interativos	33	1,6	30	3
Jogos Recreativos	50	2,5	45	5
Caminhando para Transformação	101	5,0	93	8
Teatro	38	1,9	38	-
Bordados e Vagonite	44	2,2	43	1
Espanhol	38	1,9	32	6
Moda	1	0,0	1	-
Ginástica com Música	68	3,4	60	8
Alfabetização	12	0,6	9	3
Medicamentos	8	0,4	7	1
Promoção da Saúde e Longevidade	7	0,3	7	-
Artesanato	21	1,0	21	-
Criando Artes	25	1,2	25	-
Nutrição	8	0,4	8	-
Roda de Leitura	8	0,4	8	-
Grupo de Oração	4	0,2	4	-
Bonecas	4	0,2	4	-
Psicoterapias	3	0,1	3	-
Envelhecimento Masculino	1	0,0	-	1
Filosofia e Artes	1	0,0	1	-
Atividades Físicas Diárias	3	0,1	3	-
Artes visuais	3	0,1	3	-
Fisiologia do Envelhecimento	2	0,1	2	-
Rezando o terço	2	0,1	2	-
Total	2016	100,0	1837	179

Fonte: Cadastro das alunas da UATI/UEFS

Nota-se, pois, que as oficinas mais procuradas referem-se ao cuidado com o corpo, ideologia bastante presente neste tipo de programas. Tal ênfase nos aspectos

corporais se justifica nas novas representações sociais acerca de uma velhice mais “ativa” e mais “dinâmica”, na qual se busca um constante disciplinamento do corpo. Há também uma procura por programações que incluem viagens como (Eu no meio Ambiente e Caminhando para a Transformação), além das que trabalham com a cognição.

Na pesquisa de campo realizada com o grupo de Dança de Salão, entre as justificativas apontadas pelas entrevistadas para procurar a UATI/UEFS estava quase sempre à necessidade de sair do espaço privado, do ambiente doméstico. Além do desejo de realizar atividades físicas.

Porque eu precisava fazer exercícios, precisava me exercitar, ficava com a coluna doendo, tudo. Sem falar na influência também. Pronto, sair de dentro de casa, não ficar dentro de casa o dia todo sozinha (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS)

Porque eu não ia ficar em casa sem fazer nada, com a mente vazia, sem fazer nada. Eu achava que eu ia envelhecer mais rápido e ficar doente. Aqui pelo menos tem atividade, eu saio, não to pensando na idade (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS)

Ta vendo eu contando, pra poder .. não sei como foi, as meninas [filhas e netas] viviam falando comigo e arranjando gente pra me chamar pra eu vim aqui. Pra me concertar [risos] (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS)

Preso! Eu vivia trabalhando, trabalhava o dia todo, não, trabalhava um meio turno que se tornava longo, né? Porque passava das duas, quando eu chegava em casa já era três. A vida toda minha foi trabalhando, cuidando de casa sempre. Depois que minha mãe faleceu foi que eu tive a oportunidade de vim pra UATI, porque eu tava muito deprimida que minha mãe tinha falecido, porque era uma coisa que eu não queria perder, era minha mãe. Minha mãe foi assim, tudo, tudo, tudo na vida. Abaixo de Deus foi tudo, tudo, tudo. Tudo, amiga, tudo, tudo o que você pensar. Então quando ela foi embora eu achei que não tinha mais necessidade de eu ficar no mundo. Mas aí foi quando me levaram pra UATI, eu me matriculei e revivi (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

A participação no grupo é vista como um fator gerador de mudanças, entre as mudanças na vida apontadas após a UATI estava: um bem estar advindo da prática de exercícios físicos, uma melhor sociabilidade fruto da convivência com pessoas díspares. De acordo com elas:

Mudou, porque antigamente eu vivia muito estressada, né? Aí a médica dizia que eu tinha que ter mais uma atividade, eu tinha sempre que ter mais uma atividade e tal, aí deu disse ‘-não mas eu faço aula de dança’, ‘-mas isso só não dá, a senhora trabalha, ta estressada do trabalho, aí tem que ter mais uma atividade, fazer uma caminhada, uma hidroginástica, um não sei o que lá’, aí falou lá um bocado de coisa, né? Que era pra fazer (MARGARIDA, PARDA, SEPARADA, 69 ANOS)

Mudou, ave Maria minha filha, se eu não tivesse vindo pra universidade eu já tava no cemitério mais o marido. Pelo desgosto que fiquei, do estado de saúde, você quer saber o que é duas pessoas viverem unidas 39 anos e cinco dias e ficar assim no mundo, sem parente, como um pássaro, isolada num canto, eu fiquei .. minha vida acabou, e quem me levantou foi a universidade (JASMIM, PARDA, VIÚVA, 68 ANOS)

Mudou significativamente, mudou em quase tudo. Hoje eu sou uma pessoa, eu bebia muito, eu bebia muito, praticamente quem me tirou da bebida foi ta vindo **pra aqui**, principalmente frequentando a dança. (LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS)

Ressalta-se o fato de que as entrevistadas geralmente procuraram a UATI em um momento de solidão advinda ou da perda de um ente querido ou mesmo do afastamento do trabalho diante da aposentadoria, bem como do afastamento da família em virtude do crescimento dos filhos.

Percebemos ao longo deste capítulo que as representações acerca da velhice e do processo de envelhecimento têm mudado ao longo dos anos, surgiram novos termos – a exemplo das categorias “terceira idade” e “quarta idade” – novos discursos e novos conceitos acerca da velhice. Todavia, estes “novos conceitos ou discursos produzidos sobre a velhice, continuam construindo modelos de comportamento para a pessoa idosa, estruturados a partir da biologização e homogeneização da velhice, tradicionalmente responsáveis pela criação de formas não inclusivas de viver esta fase da vida” (Belo, 2011, p. 105-106). Deste modo estes novos discursos, especialmente os voltados ao “envelhecimento ativo”, continuam a ser construídos tendo por base o corpo e ignorando diferenças em torno do gênero, da classe, da raça, da sexualidade, entre outros aspectos.

3. O Processo de Envelhecimento sob a Perspectiva Interseccional

Sabemos que as desigualdades operantes nas sociedades contemporâneas estão permeadas pela agregação de diversos aspectos. De acordo com Crenshaw (2002), a associação de fatores que contribuem para a permanência de algumas formas de subordinação tem sido comumente descrita como discriminação composta, cargas múltiplas, ou mesmo, como dupla ou tripla discriminação. Diante desse contexto o conceito de interseccionalidade para a autora se refere à tentativa de:

Capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela se trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Com vistas a obter uma melhor compreensão acerca do conceito de interseccionalidade, a autora se utiliza de uma metáfora em que realiza uma analogia dos eixos de poder (raça, etnia, gênero e classe) com avenidas que estruturam os terrenos sociais, argumentando que é por meio destas avenidas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. “Tais sistemas, freqüentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas, nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas freqüentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Assim ocorre com o envelhecimento, fenômeno biossocial heterogêneo, que também se move por meio dos eixos de poder propostos por Crenshaw (2002), uma vez que as pessoas idosas se diferenciam “segundo a classe social a que pertençam, segundo o seu sexo e as relações de gênero que estabelecem, suas características étnico-raciais e até conforme seus diferentes grupos de idade” (BRITTO DA MOTTA, 2006 p. 78).

É por concordar com a ideia de heterogeneidade como característica do processo de envelhecimento que este capítulo elabora uma a abordagem interseccional,

especialmente por considerar que muitos são os desafios enfrentados pelas mulheres idosas, desafios estes que muitas vezes são frutos de uma sociedade racista, sexista e gerontofóbica, na qual se perpetua o descrédito à mulher velha e que interferem na vivência de sua sexualidade.

Cabe ressaltar que, para efeitos deste estudo, o termo raça aqui utilizado se refere ao conceituado por Antonio Sergio Alfredo Guimarães, no livro *Classes, Raças e Democracia*, no qual raça trata-se de uma categoria analítica e relacional, a exemplo das tantas outras aqui estudadas. O autor reconhece que a raça biológica não existe, do mesmo modo que também entende que a raça - enquanto uma categoria social - varia de uma sociedade para outra. Assim, Guimarães (2002, p.50) defende que a raça, como categoria analítica, é indispensável por ser a única que “revela que as discriminações e desigualdades que a noção brasileira de ‘cor’ enseja são efetivamente raciais e não apenas de ‘classe’”.

3.1 Conceituando Gênero

Joan Scott em seu texto denominado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” argumenta que não é possível codificar os sentidos das palavras, haja vista que elas têm uma história, assim como as ideias e as coisas as quais ela pretende dar significado. Assim acontece com o termo “gênero”, que entre as feministas, parece ter sido utilizado inicialmente por feministas americanas que desejavam enfatizar o caráter social das distinções baseadas no sexo de modo a recusar o determinismo biológico presente na utilização de termos como “sexo” e “diferença sexual”. Em sua utilização mais simples, o termo tem sido empregado como sinônimo de “mulheres”, em certos casos tal substituição busca a obtenção do reconhecimento político deste campo de pesquisa, uma vez que seu uso visa sugerir erudição, além de pretender ter uma conotação mais objetiva e neutra do que o termo “mulheres”.

Enquanto o termo ‘história das mulheres’ proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo ‘gênero’ inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça. Esse uso do termo ‘gênero’ constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de

legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80. (SCOTT, 1995, p. 75).

Todavia, não foi apenas como substituto do termo mulher que o “gênero” foi utilizado. Segundo Scott (1995) o termo também foi utilizado para introduzir uma noção relacional, na qual as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos, de maneira que “qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens”. Ademais, “gênero” também foi utilizado como uma maneira de designar as relações sociais entre os sexos, rejeitando assim quaisquer explicações de cunho biológico para as diversas formas de subordinação das mulheres.

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções culturais’ - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. ‘Gênero’ é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1995, p. 75).

Deste modo, a categoria gênero se tornou útil por possibilitar a distinção entre prática sexual e papéis sexuais atribuídos aos homens e às mulheres, haja vista que “o uso de ‘gênero’ enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p. 76). Faltava, nesse contexto, explicações sobre como as relações entre os sexos eram construídas, cientes deste problema algumas e alguns historiadores empregaram esforços em teorias que pudessem explicar o conceito de gênero, bem como dar conta da mudança histórica. Segundo Scott (1988) tais abordagens teóricas podem ser resumidas em três, quais sejam: a primeira consistia em uma tentativa de explicar as origens do patriarcado; outra que se situava no interior da tradição marxista e buscava um compromisso com as críticas feministas e, uma terceira, que procurava explicar a produção e a reprodução da identidade do sujeito tendo por base diferentes escolas de psicanálise.

Na primeira abordagem teórica algumas autoras do patriarcado encontraram na necessidade masculina de dominar as mulheres a origem da subordinação das mulheres, tal subordinação estaria relacionada com a reprodução da espécie, de modo que “o princípio da continuidade geracional restaura a primazia da paternidade e obscurece o trabalho real e a

realidade social do esforço das mulheres no ato de dar à luz” (Scott, 1995, p. 77). Deste modo, a libertação das mulheres estaria vinculada a uma compreensão adequada do processo de reprodução. Outras teóricas do patriarcado entendiam objetificação sexual como o processo primário de sujeição das mulheres.

Segundo Scott (1995) estas análises teóricas apresentam problemas, primeiro porque não mostram o que a desigualdade de gênero tem a ver com outras formas de desigualdade e, em seguida, porque a análise das diferenças de gênero ainda fundamenta-se na diferença física. “Uma teoria que se baseia na variável única da diferença física é problemática para os/as historiadores/as: ela pressupõe um significado permanente ou inerente para o corpo humano – fora de uma construção social ou cultural – e, em consequência, a a-historicidade do próprio gênero” (SCOTT, 1995, p. 78).

Na segunda abordagem teórica, de cunho mais marxista, tem-se uma análise mais histórica, todavia a exigência de que haja uma explicação “material” para o gênero tem, no entender de Scott (1995), limitado, ou no mínimo retardado, o desenvolvimento de novas linhas de análise. De maneira que as desigualdades de gênero nesta corrente teórica foram explicadas segundo as causas econômicas.

Os primeiros debates entre as/os feministas marxistas giraram em torno dos mesmos problemas: a rejeição do essencialismo daquelas/es que sustentavam que ‘as exigências da reprodução biológica’ determinam a divisão sexual do trabalho sob o capitalismo; a futilidade de inserir ‘modos de reprodução’ nas discussões sobre os modos de reprodução (a reprodução permanece uma categoria de oposição e não tem *status* equivalente ao do modo de produção); o reconhecimento de que os sistemas econômicos não determinam de maneira direta as relações de gênero e que, de fato, a subordinação das mulheres é anterior ao capitalismo e continua sob o socialismo; a busca, apesar de tudo, de uma explicação materialista que exclua as diferenças físicas naturais (SCOTT, 1995, p. 79).

Ainda nesta perspectiva de análise, foi Joan Kelly, segundo Scott (1995), que tentou sair deste ciclo de problemas ao entender que os sistemas de gênero interagiam com os sistemas econômicos produzindo experiências sociais e históricas, todavia, eram comuns os casos em que a autora concebia o “social” nos termos das relações econômicas de produção. Destarte, por algum tempo, o gênero foi tratado dentro do marxismo como “um sub-produto de estruturas econômicas cambiantes”.

Já a perspectiva teórica que tenta explicar a questão do gênero com base na psicanálise (Escola Anglo-americana e Escola Francesa) estava preocupada com a maneira pela qual a identidade do sujeito era criada. Para Scott (1995), as teorias de relação de objeto, cujo principal nome é Nancy Chodorow (Escola Anglo-americana), são problemáticas no que tange ao fato de basearem a produção da identidade de gênero em estruturas relativamente pequenas como a família e a experiência doméstica. Esse conceito limita a relação com outras esferas tais como: sociais, econômicas, políticas e de poder.

Para Scott (1995), é preciso realizar uma historicização da diferença sexual de modo a rejeitar a permanente oposição binária para assim desenvolver o gênero como uma categoria analítica. Neste sentido, ao invés de buscarmos origens únicas, é preciso pensar nos processos como interconectados, “precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social e articular a natureza de suas interrelações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança” (SCOTT, 1995, p. 86). Há nesse contexto espaço para a agência humana, ou seja, uma tentativa, dentro de alguns limites, de construção de identidade.

Para Linda Nicholson (2000) o termo gênero é usado de duas formas diferentes. Na primeira delas o gênero é utilizado de modo oposto ao termo “sexo”, com o intuito de descrever o que é socialmente construído e, portanto, em oposição à ideia de biologicamente dado. Na segunda, gênero tem sido usado em referência a qualquer construção social que esteja relacionada à distinção de masculino/feminino, inclui-se neste uso as construções que têm por objetivo separar corpos “masculinos” e “femininos”.

A autora argumenta que Joan Scott¹⁴, ao afirmar que “gênero é a organização social da diferença sexual”, demonstra de modo claro como o gênero abrange o sexo. Todavia, de acordo com Nicholson (2000), a ideia de que o “sexo” fica de fora da cultura e da história ainda permanece na teoria feminista. Essa ideia é uma espécie de herança, uma vez que durante a segunda fase do movimento feminista, as feministas entenderam corretamente que a noção “sexo” – que tinha fortes associações biológicas e essencialistas - era base do sexismo.

Desta maneira, “por causa dessa assunção implícita no sentido de fincar na biologia as raízes das diferenças entre mulheres e homens, o conceito de ‘sexo’ colaborou com ideia da imutabilidade dessas diferenças e com a desesperança de certas tentativas de mudanças” (NICHOLSON, 2000, p. 10). Assim foi que no final dos anos 1960 as feministas se valerem da ideia de construção social para minar esse conceito de sexo. O termo gênero, que até a

¹⁴ SCOTT, Joan. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.

década de 1960 era usado especialmente para se referir às formas femininas e masculinas, teve seu significado ampliado pelas feministas da segunda fase, que passaram a se referir também às diferenças de personalidade e comportamento de homens e mulheres. A autora atenta para o fato de que, no período supracitado, o gênero não era um substituto do sexo, uma vez que este último parecia essencial à própria elaboração do conceito de gênero.

Nas palavras de Nicholson (2000):

Mas o mais interessante é que o ‘gênero’, naquela época, não era visto pela maioria como substituto para ‘sexo’, mas como meio de minar as pretensões de abrangência do ‘sexo’. A maioria das feministas do final dos anos 60 e início dos anos 70 aceitaram a premissa da existência de fenômenos biológicos reais a diferenciar homens e mulheres, usadas de maneira similar em todas as sociedades para gerar uma distinção entre masculino e feminino. A nova idéia foi simplesmente a de que muitas das diferenças associadas a mulheres e homens não eram desse tipo, nem efeitos dessa premissa. Assim, o conceito de ‘gênero’ foi introduzido para suplementar o de ‘sexo’, não para substituí-lo. (NICHOLSON, 2000, p. 11).

Ainda segundo esta autora, a relação entre sexo e gênero fica particularmente clara no sistema sexo/gênero elaborado por Gayle Rubin¹⁵, o qual consistia em um conjunto de acordos que serviam de base para que a sociedade transformasse a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, nesse sistema “o biológico foi assumido como a base sobre a qual os significados culturais são construídos” (NICHOLSON, 2000, p. 11).

Ao analisar a relação entre biologia e socialização a autora conceitua o “fundacionalismo biológico” com o intuito de apontar as semelhanças e as diferenças com relação ao determinismo biológico. Nesses termos, as semelhanças estariam em uma relação entre biologia e certos aspectos do comportamento e, a diferença consiste no fato de fundacionalismo biológico, diferente do determinismo biológico, possibilitar a coexistência de dados da biologia com aspectos de personalidade e comportamento. Desse modo, o fundacionalismo incluiria alguns elementos do construcionismo social, análise bastante diferente da proposta pelo determinismo biológico em que, como o próprio nome sugere, os aspectos biológicos são determinantes.

¹⁵ RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women*. In: REITER, Rayna R. [ed]. **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975.

Anteriormente a essa lógica binária, prevalecia uma análise da mulher como ser inferior ao homem. Tal pretensa superioridade masculina, por inúmeras vezes, foi justificada diante de conceitos biológicos que buscavam demonstrar a inferioridade feminina, a exemplo do modelo de um único sexo (Telos Masculino), segundo o qual as mulheres teriam internamente, e de modo invertido, os mesmo órgãos sexuais dos homens. Desta forma, “as mulheres eram essencialmente homens nas quais a falta de um calor vital – de perfeição – havia resultado na retenção, interna, de estrutura que nos machos eram visíveis” (LAQUEUR, 1990, p.4 apud LOURO, 2004, p.77).

Assim, na noção antiga, a vagina e o colo do útero não eram algo distinto do pênis, mas constituíam, juntos, uma versão de pênis menos desenvolvida. Do mesmo modo, a menstruação não caracterizava uma especificidade da vida das mulheres, mas era vista simplesmente como mais um exemplo da tendência dos corpos humanos ao sangramento, sendo o orifício por onde o sangue passa percebido como não muito significativo. Assim pensava-se que se uma mulher vomitava sangue iria parar de menstruar. O sangramento era um meio que o corpo encontrava para se livrar dos excessos de nutrientes. Por serem considerados seres mais frios que as mulheres, os homens eram considerados menos propensos a ter tais excessos e portanto menos propensos a ter necessidade de sangrar (LAQUEUR, 1990, p. 148 apud NICHOLSON, 2000, p. 19).

Segundo Nicholson (2000), a consequência do surgimento dessa lógica binária é a nossa ideia de identidade sexual (masculino-feminina), ideia esta que tem raízes profundas na diferenciação dos corpos. Neste sentido, Piscitelli (2002) argumenta que para Nicholson (2000) a identidade sexual não pode ser entendida em termos puramente biológicos, de modo que o fundacionalismo biológico completaria o entendimento de identidade sexual proposto postulado pelo determinismo biológico, isto porque o fundacionalismo “manteve a ideia de que há alguns dados fisiológicos que são usados de forma semelhante em todas as culturas para distinguir mulheres de homens, e são responsáveis, pelo menos parcialmente, por certos aspectos comuns nas normas de personalidade e comportamento” (PISCITELLI, 2002, p. 20).

A autora propõe em seu texto uma retomada da categoria mulher, não mais em seu caráter essencialista, e sim através da elaboração de uma rede complexa de características. Nas palavras da autora:

Assim, sugiro pensarmos o sentido da categoria mulher como capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam. Nesse mapa o corpo não desaparece; ele se torna uma variável historicamente específica cujo sentido e importância são reconhecidos como potencialmente diferentes em contextos variáveis (NICHOLSON, 2000, p. 36).

Segundo Piscitelli (2002), a categoria mulher proposta por Nicholson (2000) atenta a historicidade e não tem um sentido definido, oferecendo uma dupla vantagem, qual seja: a possibilidade do reconhecimento das diferenças existentes entre mulheres, bem como a possibilidade do mapeamento das semelhanças. Desse modo, a prática política não seria inviabilizada, ao tempo em que esta se daria por meio de uma lista de reivindicações composta pelas diferentes necessidades dos grupos, tal prática foi denominada por Nicholson (2000) de “políticas de coalizão”.

Contemporânea de Piscitelli (2002), a autora Cecília Sardenberg (2000) defende a utilização da categoria gênero, todavia, não a definição de gênero que se apóia na concepção dualista (sexo/gênero), que coloca de forma oposta biologia e cultura, por entender que nesta concepção “sexo e gênero aparecem como fenômenos distintos, aparentemente descontínuos, tendo-se, portanto, duas formas de identidade: de um lado, a sexual, ou anatômica, e de outro, a de gênero, associada a papéis sociais e ao que é socialmente construído” (SARDENBERG, 2000, p. 3).

A autora ressalta que a utilização da categoria gênero, tendo por base tal concepção dualista, apresenta o corpo anatômico como desconectado da identidade de gênero, haja vista que este último apresentaria uma configuração imaterial e descorporificada. Contudo, Sardenberg (2000) reconhece a importância dessa primeira conceituação de gênero no combate ao determinismo biológico, mas, observa, que é preciso estar atenta às novas reflexões acerca da relação entre sexo e gênero, especialmente as propostas pelas correntes desconstrucionistas e pós-modernas. A autora se apóia nos pensamentos de Judith Butler¹⁶ para pensar o caráter mutável do sexo e a possibilidade do mesmo também ser uma construção social, tal como o gênero.

Trata-se, pois, de desconstruir a dicotomia sexo/gênero, vez que o gênero se corporifica, isto é, se materializa em sexo – no próprio reconhecimento de diferenças entre machos e fêmeas. Nesse sentido, não temos sexo

¹⁶ BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. London: Routledge, 1990.

(entendido como corpo, o biológico) de um lado e, de outro, gênero (o psicológico e o cultural). Temos, ao invés, corpos gendrados. Ao mesmo tempo, as identidades de gênero e as subjetividades não são imateriais, não são descorporificadas. As consciências viajam soltas pelo mundo. Portanto, assim como o corpo tem que ser entendido não apenas como ‘anatomia’, mas também como produto das representações, as identidades e subjetividades não podem ser entendidas apenas como ‘consciência’ desprendida de corpos (SARDENBERG, 2000, p.5).

A ideia de “corpos gendrados” proposta pela autora remete ao pensamento do corpo não apenas como um dado natural, mas também como produto da história, por entender que o corpo sempre é submetido a uma leitura cultural específica, que varia segundo concepções de gênero, raça, etnia, idades/gerações, entre outras.

Desta forma, este trabalho se apóia neste conceito de gênero formulado por Sardenberg (2000, p.3), no qual o mesmo é uma “categoria analítica que pretende dar conta das variadas elaborações culturais que diferentes sociedades, em diferentes épocas, constroem em torno das diferenças percebidas entre machos e fêmeas e delas se apropriam na prática social”, ao tempo que em tenta desconstruir a dicotomia posta entre sexo/gênero, por entender que o gênero se materializa em sexo e que as identidades de gênero não são descorporificadas, uma vez que o corpo tem que ser entendido também como produto de representações sociais.

Na pesquisa de campo realizada com pessoas que participavam do grupo de dança da UATI, quando perguntadas acerca do que é ser mulher, as respostas variaram em torno da dificuldade de ser mulher devido às responsabilidades que lhes são impostas, entre elas a do cuidado com a casa, com os filhos e com o marido. Contudo, a realização pessoal, ainda que mediante a execução de tais tarefas, foi ressaltada. Há que se atentar para o fato de que a condição de mulher, para as entrevistadas, possui estreita relação com a maternidade e com o casamento. Este fato não se revela inesperado quando entendemos que estas mulheres, nascidas entre as décadas de 1930 e 1950, foram socializadas em um contexto em que prevalecia de forma muito mais imponente o patriarcado e as demais desigualdades de gênero aqui já estudadas.

O que é ser mulher? Pra mim o que é ser mulher é [ter] a responsabilidade como Maria santíssima (JASMIN, PARADA, VIÚVA, 68 ANOS).

Ser mulher é ser amiga. É ser mulher, cuidar das suas obrigações, seus deveres de mulher, cuidar de sua casa, de seus filhos, do seu marido, não

deixar faltar, **nunca lhe dizer não**, nunca dizer não, principalmente ao marido, **não em nada**, [risos]. Aí ta tudo bem. (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS)

Menina, ser mulher. Eu mesmo tenho um orgulho tão grande de ter nascido mulher. Eu sou privilegiada, primeiro em parir, pra mim isso foi um presente extra de Deus pra mim, na minha vida. Eu gostava tanto de criança e contínuo gostando. E Deus me deu logo nove assim de cheio, né? Foi um atrás do outro, assim. Foi igual à linha de carretel. Então pra mim, ser mulher é muito bom, é muito importante. É por isso que muitos homens querem ser mulher, porque mulher é muito bom. É privilegiada, é? [risos]. Não tem outra coisa boa não (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Olhe minha filha, mulher é bom, mas mulher sofre muito, viu? [risos]. Mulher é bom demais! Hoje em dia é que ta bom pra mulher ser mulher e ter voz ativa, bater nos peitos e dizer: “ – sou mulher, honrada, graças a nosso senhor Jesus Cristo, porque tenho todo direito”. O direito que os homens tem as mulheres tem, mas antigamente, ô minha filha, mulher, mulher era pano de chão pra homem, hoje em dia a mulher ta mais alta que os homens, eles não pensam isso não, então mulher é coisa muito importante. E ela [mulher] sabendo se valorizar, mulher ta dando de dez a zero nos homens (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS).

Se realizar em todos os detalhes. Ser mulher é se realizar em tudo, tudo mesmo, sem nada. Ser mulher precisa cozinhar. Ser mulher precisa sentar e consertar uma roupa. Ser mulher precisa ir pra cama muito bem, ser mulher é tudo e hoje aos 62 anos eu sou consciente que ser mulher é preciso ser tudo isso. [...] Não é só você cozinhar, ser Amélia, né? Você cozinhar, não é só lavar uma roupa, não é só tratar o marido a pão de ló (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS)

Ser mulher, minha filha, é fácil e é difícil porque nós mulheres carregamos o mundo nas costas. É. Ser mulher é isso, porque casa, o marido depende de você, porque não adianta dizer que não, que é, porque homem, eles dependem da gente pra tudo. O de lá de casa é assim. Ser mulher é ser [...] ser mulher é a gente ser mãe, ser esposa, namorada, é ser amiga, é ser lavradora, é ser economista, é ser como você é, é ta no social, como é? É ser socióloga, é ser professora. É ser mãe, é ser avó, é ser tia, é ser bisavó. **A mulher é tudo, tem que ser tudo.** Ou ela é ou então não dá pra ser mulher. Porque o mundo gira. Deus fez o homem perfeito, foi a maior perfeição que Deus fez, porque a bíblia quando fala de homem, é homem e mulher. Mas a mulher, eu acho que Ele [Deus] jogou tudo em cima dela, ‘Tu vai e toma conta de tudo! O Homem é o bruto e tu és a sensibilidade’. Ser mulher é isso, tudo está em nossas costas. Porque se você não for uma boa esposa, as vezes, casamento desanda. Se você não for uma boa mãe, os filhos eu não sei nem o que é que acontece. Você tem que ser uma boa avó, uma boa mãe, uma boa amiga, uma boa irmã, uma boa filha. Porque, e, além disso, a sociedade espera isso da gente, **porque o homem faz o que quer ninguém olha, ninguém diz nada. O homem trai, o homem trai. O homem faz aquilo. Se a mulher trai ninguém perdoa, nem as outras mulheres**

perdoam, porque são as primeiras a condenar. Se o homem trair, a mulher volta a perdoar, vai continuar quase tudo. O homem faz o que quer, todo mundo ‘ - ah! É homem’. Porque não adianta dizer que hoje em dia o mundo é moderno, que não tem preconceito, que tem. Continua o mesmo preconceito de mil novecentos e antigamente. Entendeu? Desde que o mundo começou a gente carrega isso nas costas. Não adianta! Se você vai pro bar beber, o homem ta lá, tem mil homens lá bebendo o povo passa nem olha, se for uma mulher o povo já xinga logo de quê? Não presta. Se você vai soltar um palavrão no meio da rua, o que é isso, o homem diz o que ele bem entender. Então ser mulher, eu acho que é tudo. A mulher carrega tudo nas costas. É por isso que dizem aquela frase que atrás de um grande homem sempre tem uma grande mulher [risos]. E é mesmo (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS).

A fala de dona Tulipa deixa explícita a necessidade de subordinação da mulher às vontades os homens, sendo que para ela, ser mulher significa nunca dizer não a esposo. Já dona Gardênia definiu ser mulher a questão da maternidade. Esse não é um dado inesperado haja vista a clara associação, que ao longo dos anos tem sido estabelecida, entre a função social das mulheres e o processo biológico de reprodução, fato que muitas vezes reduz a sexualidade das mulheres a este período reprodutivo. Ainda que de maneira não muito explícita, dona Amarílis e dona Rosa, são as que apresentam uma perspectiva de maior autonomia no que tange a sua realização pessoal. Dona Amarílis, especialmente, possui uma visão muito crítica em relação aos papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

Nas falas mencionadas acima fica claro a noção dos direitos conquistados pelas mulheres ao longo das últimas décadas, embora em nenhum momento da pesquisa fosse mencionada a importância do movimento feminista para tais conquistas; as entrevistadas nem mesmo se chegaram a mencionar a existência dele. As mudanças, por vezes, são atribuídas às graças de Deus. É notório como as crivações de gênero influenciam a vivência do processo de envelhecimento na sociedade contemporânea.

De modo muito diferente das mulheres que, na maioria dos casos, associaram - com toda a razão - o fato de ser mulher a algum sofrimento, o único homem entrevistado associou o fato de ser homem a algo extremamente positivo.

O que é ser homem? **É o máximo**, é .. ser homem é uma pergunta assim que até eu ao sei nem explicar [risos]. Ser homem é cumprir as tarefas que lhes são delegadas e procurar .. ser honesto, né? (LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS).

O discurso de seu Lírio traduz abertamente um posicionamento hegemônico – “*é o máximo*”. A dificuldade de definir o que é ser homem reflete a não necessidade de questionamento do seu lugar na sociedade, haja vista que as bases do patriarcado têm construído esferas cômodas para a vivência da singularidade de muitos homens. Cabe ressaltar que não adentraremos aqui nas construções sobre masculinidades.

Notamos que as desigualdades de gênero ainda são observadas pelas mulheres entrevistadas como algo presente na sociedade no contexto da modernidade brasileira. Tal corrobora a ideia de que a construção cultural da “identidade feminina” foi ao longo dos anos fortemente influenciada pelo patriarcalismo presente em muitas sociedades, este, segundo CARVALHO (2009, p.19), consiste em “um sistema social sustentado ideologicamente pela heterossexualidade compulsória, violência masculina, socialização de papéis de gênero e modos de organização da vida e do trabalho em que os homens dominam as mulheres, a partir do lar, econômica, sexual e culturalmente”. Saffioti (2004) acrescenta que o fato de suas hierarquias e estrutura além de contaminarem toda a sociedade, consegue também impregnar o Estado.

Esta influência patriarcal se deu de modo que homens e mulheres foram socializados para aceitar a cultura sexista/androcêntrica como uma ordem natural, em que o papel destinado a mulher teria estreita ligação com a dependência e a subordinação, tornando assim, um “arbitrário cultural” em “arbitrário natural”.

Na pesquisa de campo esta influência do sistema patriarcal fica notória quando as mulheres entrevistadas falam a respeito da sua criação, a exemplo dos trechos que se seguem:

Foi um pouco rígida, foi um pouco rígida. A minha mãe só criou a gente trabalhando e só. Ignorante né? (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Ótima, porque se eu não tivesse tido a criação que eu tive dentro de casa dos meus pais eu não sei o que seria hoje. Porque eu fui boa filha, gabada pelos meus tios, e boa esposa, quem não é boa esposa, quem não é boa filha, não é não? [...] A criação foi muito triste, porque Ava Maria, minha mãe não falava com um filho uma vez, duas vezes. Só falava uma, se falasse duas, na terceira. É assim, porque a criação naquele tempo era uma, hoje é outra [...] a criação hoje é coisa mais triste do mundo, pai não domina filho, faz o que quer. Mulher não respeita marido, marido não respeita mulher. Eu acho uma coisa triste (JASMIN, PARDA, VIÚVA, 68 ANOS).

Rígida. Rígida porque meu casamento aos 14 anos foi graças a minha criação. Tipo aos 12, 13 anos, tinha um passeio na escola, aí painho dizia “- ela não vai”. Hoje não, hoje painho é liberal em tudo, mainha sempre foi, mas painho não. Então quando eu vi que eu podia casar eu disse ‘- vai ser

minha independência'. E foi o contrário, aí foi que eu vi a prisão. Então a minha criação foi rígida. Rígida mesmo, estilo militar, bem rígida mesmo. (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS)

A minha criação minha filha, não posso te dizer que foi lá essas coisas, eu tinha um pai muito rígido, eu tive um pai muito rígido, mãe eu não conheci e sabe como é madrasta, madrasta já chama madrasta, não é mãe. Foi muito rígida minha criação. (MARGARIDA, PARDA, SEPARADA, 69 ANOS)

Percebemos que as entrevistadas alegam ter tido uma criação muito severa, mas discordam quanto análise dessa criação. Dona Jasmin, por exemplo, acredita que a severidade de sua criação foi responsável para o fato de ela ter se tornado uma pessoa de bem, diferente de dona Margarida, que crítica o mesmo tipo de criação obtido. Dona Rosa atribui o fato de ter casado muito nova a essa socialização rígida, uma vez que buscou no casamento uma liberdade que não possuía em casa. Todavia, o casamento tornou-se uma nova prisão. Esse foi um fato muitas vezes relatado por diferentes mulheres que frequentavam o grupo de dança de salão.

Destarte, não só na criação, mas a própria vivência do casamento foi para muitas das mulheres entrevistadas um motivo de impedimento para realização de muitas outras atividades. Ao mesmo tempo, se não foram impedidas, foram obrigadas a fazer algo que não desejavam e caso não o fizessem sofriram sérias consequências. Nas palavras delas:

Ai agora, olhe, beber e dançar, ela [mãe] não gostava, não gostava, ficar com os colegas, não gostava com muita amizade, ela não gostava, várias coisas ela não deixava a gente fazer [...] Era, porque eu era mulher (VERONICA, NEGRA, SEPARADA, 64 ANOS).

Eu já fui impedida de muitas coisas porque, por exemplo, trabalhar. Eu queria trabalhar pra dá uma assistência melhor aos meus filhos e o marido não deixava. Eu fui impedida por ele, eu casei nova, com 17 anos. Vivi 27 anos e nove meses e tive um casamento muito sofrido, um casamento frustrado, que eu não desejaria pra ninguém. E aí eu fiquei todo tempo da minha vida, esses 27 anos e nove meses eu fiquei presa, cativa a ele, sendo escravizada por ele e depois que ele faleceu, eu me senti em total liberdade de fazer aquilo que eu não tinha feito. Que eu poderia ter feito, ter arrumado um emprego, ter trabalhado mais, ter dado mais, assim, essas coisas. **Eu perdi muita coisa**, de fazer um curso, dessas coisas que eu tinha vontade de fazer e não fiz por ele. Minha mãe me dava força, mas ele tirava a minha liberdade. Ele me prendia. Então hoje eu corro o mundo todinho porque eu não fiz aquilo que eu desejava fazer, então, hoje eu faço (GARDENIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Eu já apanhei. Depois que me separei, eu apanhei de outro homem porque eu não quis fazer sexo com ele. E eu disse que eu não fazia, ele me matava, mas eu não fazia. Porque não era aquilo que eu queria naquele momento e era meu namorado. Mas eu disse que eu não queria. Que não era a hora, que eu não ia fazer, ele me bateu, eu acabei e fui embora e não fiz. Só porque eu era mulher, eu não era obrigada a fazer aquilo que eu não queria naquela hora. Entendeu? É por isso que eu lhe digo que eu não faço (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS).

Eu já [fui obrigada], eu já, eu acho que eu nem vou poder falar. Eu nunca na minha vida fiz sexo forçada. [Eu] praticamente amarrada, as mãos amarradas e não foi com outro [marido] não, foi com esse [marido] atual, quase que fiz [sexo forçada]. Porque, eu com as mãos assim [juntas para cima na direção da cabeça], ele colocou um negócio assim [uma espécie de algema]. Eu pensando que era na brincadeira, na brincadeira uma conversa, ele cheio de cachaça queria usar atrás, na frente, em tudo quanto era lugar. Aí eu meti o pé, quando eu meti o pé a menina que trabalhava comigo viu, aí ele me sentou um murro que sangrou durante três dias. Esse agora, por isso que hoje eu to bem sem ele, bem, bem, mesmo [...]. Eu já fiz forçada [perder] bom emprego, como ele me tirou. Quando eu conheci ele, eu trabalhava na prefeitura de Salvador, ele disse: “- ou eu, ou o emprego”. Eu por causa dos meus filhos, eu olhava “- pô eu tenho quatro filhos pra criar. Como é que eu vou criar sem homem?” Eu ao invés de continuar no emprego e dá um chute nele, eu preferi ficar com ele. Achando que era o que tinha que ser feito, naquela escravidão de antigamente, né? Que o homem fazia parte, né? Que tem que ter um homem pra criar, né? E aí eu me arrependi e foi forçado, eu saí forçada e tenho testemunhas minhas vizinhas de Salvador (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS).

Fui, fui porque quando o pai dos meus filhos arranjou a mulher dele, ele me obrigava a comer no prato mais ela, me obrigava a trabalhar mais ela, ele me obrigava a fazer tudo junto com ela. E me espancando, porque eu fazia apulso, debaixo de porrada e hoje em dia eu não faço. Porque se ele fizer isso, eu não faço. Entendeu? Então eu fazia muito, tudo o que eu fazia, eu criei meus filhos debaixo de toda judiação obrigada por ele, então foi uma vida atormentada e hoje em dia não existe mais (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS).

Notamos nas falas das idosas entrevistadas que muitas foram impedidas de realizar atividades que gostariam, algumas se referem às atividades de lazer, como é o caso de dona Verônica e outras às atividades relacionadas ao trabalho, como é o caso de dona Gardênia. Os agentes impedidores variam entre pais e companheiros. Mesmo não sendo apontada diretamente nas falas, fica perceptível com muitas vezes a sociedade age de forma coercitiva sobre a vida dessas mulheres.

A violência doméstica, que não foi o centro de nenhuma das perguntas propostas no questionário, apareceu nas entrevistas de modo espontâneo, por se tratar de uma realidade bem próxima das mulheres entrevistadas. Nas falas apresentadas, como é o caso de dona Amarílis, dona Magnólia e dona Rosa a situação de violência está comumente associada ao ato sexual e se materializa no momento em que os parceiros obrigam, ou tentam obrigar, as mulheres a terem relações sexuais com eles, algumas vezes por entender ser esta uma obrigação da mulher para com o homem, especialmente no contexto de uma relação conjugal. Todavia a violência não é só sexual, as humilhações se apresentam também sob a forma de agressão como nos mostra a fala de dona Magnólia que foi obrigada a conviver com a amante de seu marido, durante um período em que as mulheres não tinham liberdade e, tampouco, possibilidades financeiras para enfrentar um divórcio. Atualmente a discussão abrange outros aspectos para além do financeiro, discute-se o empoderamento da mulher a partir de perspectivas outras, haja vista que já se sabe que as situações de violência domésticas não são de exclusividade das classes sociais mais desfavorecidas.

Segundo Lage e Nader (2013) a violência praticada contra as mulheres já é reconhecida em muitos lugares como um problema social, estimulando-se, assim, a elaboração de políticas públicas e legislações cujo objetivo seja coibi-la. Não obstante, o Brasil, embora ainda apresente um quadro grave quanto a este tipo de violência, tem se esforçado em combatê-la, deste modo, casos de violências a exemplo de maus tratos, assédio sexual, estupro, espancamentos e assassinatos passaram a ser entendidos como um tipo específico de violência, qual seja: violência contra a mulher. A criação de delegacias especializadas e a promulgação da lei Maria da Penha, em 2006, tem auxiliado na prevenção e punição da violência contra a mulher, inibindo, de alguma maneira, fatos como os relatos abaixo por dona Gardênia e dona Magnólia.

Eu sofri muito filha, de marido, do meu marido. Eu vi revolver na minha cabeça, eu vi faca, eu apanhava quase todos os dias, eu parava no pronto socorro desmaiada de murro que ele me dava, e tudo. Então eu sofri muito, né? Por isso que eu não quis o segundo casamento. Homem de longe. Nem pra dar uma bituca assim, nem pra fazer assim (GARDÊNIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Porque ele me judiava muito, me espancava muito, vivia derramando meu sangue, fazia de mim escrava, eu pegava assim na enxada, minha filha, de cinco da manhã e largava seis da tarde depois que [...], tirar capuco para colocar na estrebaria para bicho. E apanhando, apanhado, chegava em casa

toda lavada de sangue. Quando meus filhos cresceram, aí meus filhos me tiraram da companhia dele. Mas bem assim eu fiquei, fiquei, quando foi de uns tempo para cá que eu vim aqui para Feira [de Santana], ele se separou de mim (MAGNÓLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS).

No que tange à lei Maria da Penha a professora Ana Alice Alcântara Costa, em entrevista cedida à campanha *16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres*, expõe que a popularização da lei foi um instrumento fundamental para o combate à violência.

Olha. Eu acho que só o fato dela ser a lei mais famosa que a gente tem hoje, acho que isso foi a grande coisa, a gente conseguiu popularizar uma lei, isso é muito difícil no Brasil. As mulheres conhecem a lei, as mulheres sabem da lei, então qualquer espaço que você vai, no movimento popular, no interior, as mulheres querem saber da lei, então acho que a lei é fundamental, exatamente porque a vitória dela nesse momento foi chegar pras mulheres, dela ser esse instrumento que as mulheres necessitam. Que as mulheres estão aprendendo a usar. Quando eu digo que a lei necessita ainda se fortalecer, eu acho que ela necessita chegar mais no judiciário, porque para as mulheres ela já está aí e as mulheres já estão inclusive usando essa lei como uma ameaça para se proteger, a perspectiva durante uma situação de violência em que a mulher diz “– eu vou denunciar, tem a Maria de Penha”, só isso tem coibido, tem ajudado muitas mulheres nesse enfrentamento com a violência (COSTA)

No Brasil, essas violências praticadas contra as mulheres possuem uma relação direta com a herança do patriarcado, um sistema ideológico que por muito tempo estruturou as relações familiares em que aos homens eram conferidos grandes poderes sobre as mulheres, tal ideologia acabou “disseminando entre os homens um sentimento de posse sobre o corpo feminino e atrelando a honra masculina ao comportamento das mulheres sob sua tutela. Assim, cabia a eles disciplinar e controlar as mulheres da família, sendo legítimo que, para isso, recorressem ao uso da força” (LAGE; NADER, 2013, p. 287).

Nem todas as mulheres entrevistadas sofreram algum tipo de violência por parte dos homens, todavia a maior parte delas reconhece que estes sempre possuíram mais liberdade que elas. O discurso de dona Tulipa naturaliza as desigualdades de gênero no que tange ao aspecto da liberdade, uma vez que para ela é “normal” o fato de o homem ter mais liberdade que a mulher, pelo simples fato de ser homem.

É lógico que homem é homem, tem outros afazeres, tem outros deveres que não tem a mulher. O homem é independente, sai a hora que quer, chega a hora que quer, já mulher não pode sair e chegar a hora que quiser, porque é mulher mesmo (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Nos discursos das entrevistadas, tal como o de dona Tulipa, fica evidente que valores culturais influenciaram – e influenciam - profundamente o papel desempenhado pela mulher na sociedade, especialmente no que concerne a práticas relativas à sexualidade, educação, política e trabalho. Desta forma a construção social do “feminino” abarca as várias dimensões organizacionais da sociedade, de modo que a diversidade de gênero “permite-nos verificar que as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente construídas, coloca-as em situação de subordinação e opressão” (Santos; Oliveira, 2010, p. 13)

Todavia, há que se ressaltar que inúmeros são os avanços alcançados no que diz respeito à condição das mulheres, chegando ao ponto de algumas pessoas acreditarem que não mais existem discriminação e opressão de gênero. Carvalho (2009) acredita ser este um fato decorrente da visibilidade contínua que as mulheres vêm adquirindo tanto no mercado de trabalho quanto nas instituições de ensino, em grande parte fruto das lutas feministas, o que por vezes acaba por mascarar as reais desigualdades ainda operantes.

Destarte, acrescenta a referida autora:

Se, por um lado, é preciso lembrar a história dessas conquistas, contra a tendência a tomá-las como dadas desde sempre, portanto, a des-historicizar, por outro lado, é preciso enfrentar graves problemáticas sociais atuais, produzidas historicamente pelas relações e socialização de gênero. Por exemplo, a violência masculina, violência contra as mulheres, estupros [...] e a desvalorização dos trabalhos e qualidades feminina e a atribuição exclusiva às mulheres das tarefas de cuidado, sub-remuneradas, nos âmbitos privado e público, destacando-se o não-compartilhamento do trabalho doméstico entre homens e mulheres. (CARVALHO, 2009, p. 3)

Entre as mulheres entrevistadas na pesquisa realizada com o grupo de dança de salão da UATI fica explícita a ideia de que existe muita diferença entre ser mulher hoje e ter sido mulher algum tempo atrás, especialmente no que tange à liberdade, seja a liberdade de ir e vir ou mesmo a liberdade sexual. Nas palavras delas:

Naquele tempo, eu sendo mulher, na casa dos meus pais, eu era muito prisioneira e hoje eu tenho minha liberdade livre e fiquei viúva e continuo tendo minha liberdade dentro do meu procedimento (JASMIN, PARDA, VIÚVA, 67 ANOS).

Primeiro, a virgindade. Mulher antigamente era muito. Só casava virgem, mulher só casava virgem. Hoje em dia não, as meninas de 9 anos, dez anos, tão tudo dando. Eu mesmo me casei, só dei depois que casei, na noite que casei, no dia que casei, de dia não, de noite. A diferença é grande. Mulher hoje saí, vai pra tudo que é lugar, naquele tempo não. Mulher não saía assim, nada (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Porque a vida das mulheres agora é mais liberta, a vida da mulher ta liberta, as mulheres agora não estão sendo mais escrava de ninguém mais, só de Deus! E naquele tempo sempre eram escravizadas. (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS).

As mulheres hoje são resolvidas, são decididas. Elas fazem questão de dizer ‘eu sou livre, eu sou independente’. Isso é muito bonito, por isso que eu digo a minha família, eu sempre digo a elas “- estudem”, pra estudar nunca é tarde, ‘estudem e trabalhem’, porque o melhor marido que vocês podem ter na vida é um estudo e uma formatura, né? [...]. E antigamente além das mulheres serem presas e não poderem trabalhar, ainda tinha que parir, e ai delas que não parissem, né? Porque era assim, mulher era pra tomar conta de casa, de filho, de fogão e só viver sempre, só pro marido mesmo. A mulher hoje tem total liberdade. Nem se compara. (GARDÊNIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Tem, hoje é mais liberal [...]. Porque no meu tempo, no meu tempo que eu namorava, hoje as meninas de hoje, estão fazendo as coisas assim, tão se entregando aos homens. No meu tempo quando eu namorava era distante, tinha uma diferença, o meu namorado tava aqui [...] e a minha tia botava o marido dela aqui, o meu namorado aqui e ela na ponta, pra não dá um beijo. E hoje eu acho que é muito diferente do meu tempo, né? Naquele tempo quando os meninos diziam: ‘ali se perdeu uma moça’, era um horror na vida, hoje não[...]. Então eu acho que tudo é mais liberal. (VERÔNICA, NEGRA, SEPARADA, 64 ANOS).

As entrevistadas percebem diferenças no âmbito geracional ao entenderem que a vida das mulheres hoje é bem distinta das mulheres em anos atrás, período geracional por elas intitulado como “meu tempo”, como argumenta dona Verônica. Embora entendam algumas dessas mudanças como avanços de caráter positivo, especialmente quanto à liberdade para exercer uma profissão, poder manter-se financeiramente e ir aonde desejar, consideram que

outras nem sempre são as posturas ideais a serem adotadas pelas mulheres, particularmente quando tais posturas possuem relação com uma maior liberdade sexual dos jovens.

Outras entrevistadas, porém, estão atentas às desigualdades de gênero que ainda predominam com bastante força na sociedade. A principal desigualdade de gênero ressaltada na pesquisa foi a de salários, como podemos observar nas falas abaixo:

No emprego até hoje, você vai ver um emprego de loja um homem ganha um pouco mais que a mulher, com certeza ganha, eu tenho certeza disso porque eu passei por isso. Alguns empregos que eu fui [durante] minha vida, o emprego na prefeitura, depois eu fui telefonista em uma loja e homem que fazia isso antes de mim ganhava mais do que eu. E minha neta hoje, o emprego que ele tá na imobiliária o rapaz que tava ganhava mais, ganhava mais, e aí? Acontece até hoje, principalmente [no emprego]. Pra mim a pior fase é a do emprego, porque a fase dizer assim ‘eu vou pra rua, eu vou pra night’, a mulher hoje faz, basta ela querer, ninguém impede, que antigamente isso não podia, mas hoje não tem nada. Agora o emprego não, faltou na parte do emprego. Não posso falar muito em relação a faculdade, a universidade, não posso falar muito porque se uma dentista tem mais oportunidade que o masculino, o feminino. A médica, o médico. Eu acho que não acontece muito isso, eu não sei se nesse setor existe muito isso. Que nos menos existe, no de meu filho, por exemplo, de Educação Física, que [ele] sempre quis, malhava, enfim, ele sempre gostou, ele hoje tem mais facilidade. Se for ele e uma mulher pra dar aula numa academia, ele ganha por ser homem, ser bonito [...] e aí ganha mais do que a menina, às vezes, e existe, existe mesmo. Com certeza (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS).

Por exemplo, hoje, a mulher tem a mesma profissão que um homem e ganha menos que ele [...] Ainda são discriminadas [em] muitas profissões, entendeu? Eu acho que ainda enfrenta muita coisa pela frente a mulher ainda enfrenta (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS).

A fala de dona Rosa corrobora a ideia de autores aqui estudados que afirmam existir desigualdades de gênero no trato de muitos aspectos sociais, a exemplo do citado pela entrevistada, o âmbito das relações de trabalho, especialmente no que concerne o valor recebido pelo trabalho prestado, fato também abordado por dona Amarílis. No que tange a questão das relações de gênero e o trabalho, Saffioti (2013) argumenta que em todas as épocas as mulheres têm contribuído tanto para a subsistência da família quanto para a produção de riqueza social, deste modo, a autora afirma que as mulheres nunca estiveram alheias ao trabalho. Ainda em economias pré-capitalistas, “a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas; nos mercados e nas

oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja, realizava outras tarefas domésticas” (SAFFIOTI, 2013, p.62). Assim, a análise da autora revela que mesmo que não se pudesse falar em independência econômica da mulher neste período, haja vista que o trabalho se desenvolvia no grupo familiar, o mundo econômico não era, todavia, estranho à mulher.

Segundo Saffioti (2013), com a passagem do feudalismo para o capitalismo além de tornar clara a divisão da sociedade em classes e a exploração econômica de uma parte pela outra, também revela e justifica a marginalização de alguns setores da população do sistema produtivo, a exemplo do papel social ocupado pelas mulheres neste contexto.

No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, ela contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas trazidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção (SAFFIOTI, 2013, p. 67)

Para a autora, as desvantagens sociais das quais as mulheres eram alvo possibilitou ao sistema capitalista arrancar o máximo de mais-valia das trabalhadoras, fosse por meio da extensão da jornada de trabalho, ou por meio de salários mais baixos que o dos homens.

Muitas foram as conquistas das mulheres nos últimos tempos, grande parte delas graças às lutas travadas pelos Movimentos Feministas. Segundo Carvalho (2009) estes movimentos são composto por três fases sucessivas, quais sejam: 1) a primeira delas se referiu ao momento de luta pelo voto feminino; 2) a segunda se deu a partir da década de 1960 e esteve voltada para o Movimento de Liberação das Mulheres, dentre os quais as lutas eram pela igualdade de direitos das mulheres, a exemplo de direitos trabalhistas (equidade de salários), direitos reprodutivos, acesso à contracepção, legalização do aborto, dentre outros. É válido ressaltar que esse segundo momento também foi marcado pela consolidação do conceito de Gênero, enquanto uma categoria socialmente construída, em oposição à ideia biologizada, cuja justificativa central das diferenças estaria baseada nos sexos; e 3) a terceira fase na qual o feminismo agrega discursos, práticas e identidades que estavam relacionadas mais especificamente com as desigualdades *intragênero*, fragmentando-se em vertentes como: negra, lésbica, entre outras. Este feminismo mais contemporâneo “insiste na alteridade das mulheres” e está muito ligado à questão do corpo.

De acordo com Costa (2005) o movimento feminista passou por significativas mudanças se mantendo vivo, mobilizado e atuante neste início de século. Mudou não só em relação ao movimento sufragista, mas também em relação aos anos 60, 70, 80 e 90. Deste modo vem mudando cotidianamente. Conforme esta autora o movimento feminista brasileiro tem sua origem no início do século XIX, enquanto que o feminismo enquanto movimento social surgiu no contexto do iluminismo, sendo, portanto, um movimento essencialmente moderno.

Destarte, o movimento feminista foi responsável pela quebra da dicotomia entre público e privado, por ter despertado as mulheres para o caráter público de sua opressão, quase sempre vivenciada de modo individual no ambiente privado, opressão esta muitas vezes “identificada como meramente pessoal”.

[...] As feministas fizeram finca-pé em mostrar que as circunstâncias pessoais estão estruturadas por fatores públicos, por leis sobre a violação do aborto, pelo *status* de ‘esposa’, por políticas relativas ao cuidado das crianças pela definição de subsídios próprios do estado de bem-estar e pela divisão sexual do trabalho no lar e fora dele. Portanto, os problemas ‘pessoais’ só podem ser resolvidos através dos meios e das ações políticas (PATEMAN, 1996, P. 47 apud COSTA, 2005, p. 11).

Ainda que inserido no movimento amplo das mulheres, o movimento feminista se distingue deste uma vez que questiona os sistemas culturais e políticos construídos a partir da ideia de papéis de gênero. As primeiras manifestações do movimento feminista aparecem no Brasil, e em outros países da América Latina, na primeira metade do século XIX. O movimento feminista brasileiro conquistou espaços a exemplo de conselhos, secretarias, coordenadorias e ministérios, além ter elaborado e executado políticas. Dessa forma, o movimento “foi mais além da demanda e da pressão política na defesa de seus interesses específicos. Entrou no Estado, interagiu com ele e ao mesmo tempo conseguiu permanecer como movimento autônomo” (COSTA, 2005, p. 11)

Mesmo diante de todo o histórico de lutas travadas pelo movimento feminista brasileiro, há que se observar que este feminismo foi influenciado por uma visão eurocêntrica que tendia a universalizar as mulheres. Uma consequência direta desta atitude foi “a incapacidade de reconhecer as diferenças e as desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos

estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade” (CARNEIRO, 2003, p. 118)

Os preconceitos de raça e idade são exemplos destas outras formas de opressão. De acordo com Caldwell (2000), a maioria dos estudos sobre gênero no Brasil não deram a devida importância às diferenças raciais para a constituição do gênero e das identidades das mulheres, ressaltando que, todavia, estudos e obras de mulheres negras têm contribuído bastante para introdução do conceito de raça no âmbito do discurso feminista no país.

De modo parecido, os estudos acerca de gênero raramente e remetem à problemática da idade e geracional, grande parte dos estudos que envolvem o processo de envelhecimento destina-se a questões de ordem médica ou mesmo previdenciária. Estes são, talvez, os lugares em que o impacto que a presença de uma população envelhecida traz é sentido de modo mais intenso, todavia inúmeros são os aspectos referentes à velhice que devem ser levados em conta, tal como a discriminação de gênero.

Neste sentido, Bourdieu (1999), defende que “a problemática de gênero afeta homens e mulheres variavelmente conforme classe, raça/etnia, sexualidade e idade, mas implica subordinação e desvantagem para mulheres e privilégios para os homens”. Portanto, faz-se mister entender não só as desigualdades de *gênero*, como também as desigualdades *intragênero*. Sigamos então discutindo um pouco acerca de como se deram alguns dos estudos raciais no Brasil.

3.2 Gênero e Envelhecimento

Como outros fenômenos sociais, o envelhecimento é marcado pela heterogeneidade dos aspectos. De acordo com Beauvoir (1990) um desses marcadores é justamente a classe, isto porque segundo a autora a sociedade é que destina ao velho o seu lugar e o seu papel, portanto, as pessoas nunca vivem em seu estado natural “seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence”, assim, de modo parecido com o que acontece em outras faixas etárias, as desigualdades de classe também afetam o processo de envelhecimento

Tanto ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice, um abismo separa o velho escravo e o velho eupátrida, um antigo operário que vive de uma

pensão miserável e um Onassis. A diferenciação das velhices tem ainda outras causas: saúde, família, etc. Mas são duas categorias de velhos (uma extremamente vasta, e a outra reduzida a uma pequena minoria) que a oposição entre exploradores e explorados cria. Qualquer afirmação que pretenda referir-se a velhice em geral deve ser rejeitada porque tende a mascarar esse hiato (BEAUVOIR, 1990, p.17).

No que concerne a esses aspectos relacionados às posições sociais ocupadas por pessoas idosas, Brito da Motta (2006) elucida que a diferença existente entre as classes sociais manifesta até mesmo semanticamente, por meio de designações, tais quais: “pobres velhos”, “senhores idosos”, “pessoa de terceira idade”, de modo que cada lugar social está claramente representado.

Contudo, não é somente o aspecto econômico-financeiro que interfere na vivência do envelhecimento, haja vista que a velhice apresenta uma multiplicidade de aspectos que são irredutíveis uns aos outros. Destarte, “o envelhecimento é uma experiência heterogênea que pode ocorrer de modo diferente para os indivíduos (...) essa diferenciação depende de circunstâncias histórico-culturais, de fatores intelectuais e de personalidade” (NÉRI, 2001, p. 30-31).

Assim sendo, podemos pensar que o processo de envelhecimento vivenciado pelas mulheres é, de alguma maneira, distinto do vivenciado pelos homens, principalmente em virtude das bases da sociedade contemporânea serem construídas em cima de conceitos e/ou preconceitos *sexistas*, do mesmo modo que entre as próprias mulheres ele ocorre de modo diferenciado, sendo pois, a raça e a classe aspectos que também influenciam a vivência das mulheres idosas. Ressalta-se que as mulheres idosas enfrentam inúmeros desafios já que vivem em um contexto social que preza por beleza como sinônimo de juventude.

Não raro a imagem associada às pessoas de mais idade está permeada por preconceitos de naturezas diversas. Para Britto da Motta (2006) a representação da velhice possui estreita relação com a ideia de decadência física e de perdas, como podemos notar no trecho abaixo:

Acontece que a velhice é muito mais associada à decadência física do que às propaladas sabedoria e experiência, como se costuma recitar. E não apenas ao desgaste e decadência física, mas também a fealdade, doença e dependência. Numa sociedade que privilegia a juventude e se circunscreve à beleza jovem, o corpo velho remete à antevisão da senilidade, perdas e proximidade com a morte. (BRITTO DA MOTTA, 2006, p. 78)

Tais representações, quase sempre permeadas por preconceitos gerontofóbicos, se impõem socialmente de modo tão evidente que, muitas vezes, acabam levando a um processo de negação da velhice ao se recorrer, não sem razão, a meios tradicionais (a exemplo da pintura de cabelo e cirurgias plásticas) para retardar a velhice, em uma tentativa de voltar a se enquadrar nos padrões normativos de beleza que imperam no mundo moderno.

No que tange à sexualidade, é notório que sua vivência para as mulheres por muito tempo esteve acompanhada de bastante repressão, de modo a não ser muito diferente na velhice. De acordo com Monteiro (2006), a atual geração de idosos estruturou suas vidas em torno da relação de casamento, no caso específico das mulheres, estas em sua grande maioria abriram mão de sua realização pessoal em outras áreas.

Prevalece ainda uma tendência errônea de igualar a sexualidade feminina a sua capacidade reprodutiva, fato que só reforça a ideia discriminatória de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis aos homens. Deste modo, a mulher sofre um processo de reificação de sua sexualidade, fato considerado por alguns autores como o processo primário de sujeição das mulheres, que apresenta sérias conseqüências durante o processo de envelhecimento e na fase da velhice, levando-as a acharem que “não estão mais para essas coisas” quando o assunto é sexualidade.

Para Monteiro (2006), as vivências de afetividade e de intimidade apresentam particularidades na velhice, uma vez que neste período “a paixão e o vigor sexual arrefecem, havendo em contrapartida mais afeto, cumplicidade, carinho, o gosto gostoso de ficar juntos, de achar graça”. Todavia, a autora ressalta que “desejos tão vitais como o amor e o sexo permanecem por toda a vida, o que muda é a consciência de vivê-los. Viver implica sair dos limites da velhice, sair do círculo da cronologia, para vivenciar o círculo do amor e da sexualidade” (CHOPRA, 1996 apud MONTEIRO, 2006, p. 1299).

3.3 Estudos raciais no Brasil

De forma mais acentuada que os estudos de gênero, o problema da desigualdade entre grupos raciais no Brasil têm sido objeto fundamental de estudo nas Ciências Sociais brasileiras. Um dos primeiros estudos sobre as relações raciais realizado no país data de 1945 e foi feito por Donald Pierson na Bahia. Pierson permaneceu na Bahia durante um ano e sete meses, realizando pesquisas empíricas na cidade de Salvador, baseadas em diversas

observações da realidade social baiana, das quais resultaram hipóteses acerca da situação racial na Bahia.

Segundo Guimarães (2011), ao estudar as manifestações culturais baianas, Pierson concluiu que quando se tratava de manifestações religiosas, havia uma enorme interação e influências mútuas de pessoas oriundas de grupos étnicos diversos, a exemplo do Candomblé. Ao finalizar seus estudos, Pierson concluiu que o preconceito vivenciado pelos descendentes africanos no Brasil era um preconceito de classe e não de raça, e que sua extinção se daria diante da ascensão social desta fração da população, como podemos constatar em sua fala:

Assim, o problema racial no Brasil, na medida em que existe um problema de raça, tendo a ser identificado com a resistência que oferece um grupo étnico, ou se pensa em oferecer, à absorção e assimilação. Isso não quer dizer que não existem diferenças sociais no Brasil, pois como elas são comuns a todas as sociedades, obviamente uma coisa ou outra existe como base. Também não significa que não haja discriminação, ou que negros e mestiços estão completamente satisfeitos com sua sina. Mas isso não significa a) que um homem de cor, pode, em razão do mérito individual ou em circunstâncias favoráveis, melhorar o seu status e até mesmo atingir a posição nos níveis superiores da sociedade e b) que essa posição será, então, com referência não apenas ao grupo de cuja cor mais escura ele provém, mas com relação a comunidade total. (PIERSON, 1942^a, p. 350 *apud* GUIMARÃES, 2011, p.27)

Esta sobreposição do preconceito de classe sobre o de cor esteve muito presente nos estudos iniciais sobre raça no Brasil, e os estudos de Pierson favoreceram a construção da imagem do Brasil enquanto “paraíso das relações raciais”. Neste sentido, na década de 1940 a UNESCO¹⁷ resolveu organizar uma pesquisa comparativa sobre as relações raciais em diferentes regiões do Brasil, com o objetivo de “oferecer ao mundo lições de civilização à brasileira em matéria de cooperação entre raças” (MAIO, 2000, p.116).

Todavia, os estudos patrocinados pelo Projeto UNESCO evidenciaram uma forte relação existente entre raça e status socioeconômico, de modo que a tão propalada utopia racial brasileira foi colocada em questão. De acordo com o referido autor:

¹⁷ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Em princípio, a pesquisa seria realizada na Bahia. A opção preferencial pelo cenário baiano parecia adequar-se a imagem do Brasil como uma ‘democracia racial’, imagem essa presente na reflexão de antropólogos e sociólogos nos anos 30 e 40 (Pierson, 1945; Frazier, 1942; Landes, 1994 [1947]; Herskovits, 1943). No entanto, os objetivos da investigação foram ampliados, graças, sobretudo à atuação de Charles Wagley, Luiz de Aguiar Costa Pinto, Roger Bastide, Ruy Coelho e Otto Klineberg, acrescida da visita de Alfred Métraux ao Brasil, no final de 1950, após a qual ele veio afirmar que o caso paulista seria ‘susceptível de alterar a imagem por demais otimista que se fez do problema racial no Brasil’ (MAIO, 2000, p.117):

O previsto por Alfred Métraux aconteceu, os estudos realizados no sudeste brasileiro mostraram uma realidade bastante diferente da encontrada na Bahia de Pierson, haja vista que, no referido local “as tensões raciais seriam mais perceptíveis, como já foi verificado a produção intelectual elaborada por cientistas sociais, intelectuais e militantes do movimento negro” (MAIO, 2000, p. 117)

Portanto, o Projeto UNESCO influenciou bastante os estudos sobre relações raciais no Brasil, marcando assim, um período de deslocamento de paradigma cultural, o qual antes era representado pela ideia de “paraíso racial”, demonstrada nos trabalhos de Donald Pierson e Gilberto Freyre (Casa-Grande e Senzala), e depois da realização de tais estudos do projeto, este paradigma cultural foi progressivamente sendo substituído pela estrutura social, presente na obra de Florestan Fernandes.

Em sua obra intitulada de “O negro no mundo dos brancos”, Florestan Fernandes apresenta conclusões importantes acerca da temática das relações raciais no Brasil. Tendo realizado uma pesquisa na cidade de São Paulo, Florestan Fernandes (2007) argumenta que a situação dos negros e mulatos nesta cidade permite analisar com maior objetividade, em “condições quase ideais”, disse ele, o como e o porquê a velha ordem social permanece mesmo após a Abolição e o término do regime de castas.

De acordo com o referido autor, ao se observar a estrutura social como um todo, é possível afirmar que grandes transformações históricas sociais não geraram mudanças em todos os setores da população, a exemplo da consolidação da ordem social competitiva, que beneficiou apenas os segmentos brancos da população. Como bem expressa o autor:

Tudo se passou, historicamente, como se existissem dois mundos humanos contínuos, mas estanques e com destinos opostos. O *mundo dos brancos* foi profundamente alterado pelo surto econômico e pelo desenvolvimento social ligados à produção e à exportação do café, no início, e à urbanização

acelerada e à industrialização, em seguida. O *mundo dos negros* ficou praticamente à margem desses processos socioeconômicos, como se ele estivesse dentro dos muros da cidade, mas não participasse coletivamente da sua vida econômica, social e política. (FERNANDES, 2007, p.106)

Diante do exposto, percebemos que embora legalmente a situação de negros e mulatos tenha sido modificada, na prática, a sua presença na estrutura social da comunidade se manteve inalterada. Perante tal contexto, Florestan Fernandes (2007), chama a atenção para a importância dos movimentos sociais negros; mesmo estes, naquele período, tendo atraído apenas pequenas parcelas da população. Portanto, ao se desmascarar a ideologia racial dominante, os negros e mulatos passaram a exigir com mais veemência, melhores condições equitativas de participação do nível de renda, do estilo de vida e de outras prerrogativas sociais.

Segundo Florestan Fernandes (2007) a perpetuação destas discriminações de cunho racial é favorecida pelo fato destas discriminações passarem, inúmeras vezes, por “fenômeno natural”; deste modo, se faz mister desmistificar a ideia ilusória de “democracia racial”, a exemplo do que fez este autor. Todavia o mesmo peca ao acreditar que o preconceito racial tenderia a desaparecer quando o país atingisse uma modernidade plena, como podemos notar no escrito abaixo:

A alternativa do desaparecimento final desse padrão de relação racial só se concretizará historicamente a partir do momento em que a população negra e mestiça da cidade consiga, em bloco, situações de classe equivalentes às que são desfrutadas pela população branca. O que significa o mesmo que admitir que isso sucederá quando a ordem social competitiva estiver despojada das inconsistências econômicas, sociais e culturais que se objetivam em torno das tendências de concentração de renda, do prestígio social e do poder. (FERNANDES, 2007, p.118)

De modo distinto do pensamento de Fernandes, o teórico Carlos Hasenbalg não entende a discriminação racial como um resquício histórico, visto que o mesmo argumenta que o racismo e a discriminação devem ser pautados tendo por base ganhos materiais e simbólicos dos brancos. No que tange a este aspecto Hasenbalg postula que:

A discriminação racial é compatível com a racionalidade do sistema industrial capitalista, na medida em que o rompimento com práticas descritivas em uma sociedade preconceituosa (por exemplo: contratação de um negro para um cargo de alto prestígio) incorre em custos extras para a reprodução do sistema, tais como resistência maior de subordinados, pares e clientes, sem qualquer garantia de ganho adicional. (HASENBALG, 1979 apud FERES JÚNIOR, 2006, p. 165)

Um estudo realizado por Angela Figueiredo (2012) acerca da classe média negra em Salvador revelou que há uma diferença na renda de negros e brancos na mesma ocupação, “já que os negros chegam a receber apenas 56,6% da renda dos brancos”, esse fato, segundo a autora, implica diretamente na capacidade de acumular bens, bem como de transmiti-los a gerações posteriores, sem falar no potencial de consumo. É preciso estar atento para o dado revelado pelo estudo de que “a grande maioria dos negros inseridos na classe média faz parte da primeira geração de ascendentes e não tem consolidado o capital econômico, social e simbólico desfrutado pela maioria dos brancos inseridos na mesma profissão” (FIGUEIREDO, 2012, p. 179).

Constata-se, pois, que ao invés de não condizer com as novas estruturas do capitalismo moderno, a discriminação e o preconceito racial adquirem novos significados e novas funções no mundo moderno, como veremos no tópico a seguir que versa sobre as mulheres negras.

3.3.1 “Enegrecendo o feminismo”

O termo “enegrecendo o feminismo” tem sido usado, segundo Carneiro (2003), para demonstrar a trajetória das mulheres negras dentro do movimento feminista brasileiro. Este movimento é, de acordo com a mesma autora, referência fundamental em alguns temas de interesse das mulheres, não só no cenário nacional, como também no cenário internacional, a importância de um movimento de mulheres se dá pelo fato de que:

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente,

não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não leva em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (CARNEIRO, 2003, p. 119).

Deste modo, tais particularidades femininas exigem do movimento feminista uma tomada de posição no sentido de ampliar a sua concepção e seu protagonismo. Sabe-se que o racismo produziu gêneros subalternizados, homens e mulheres negras estigmatizadas, todavia, se pensarmos numa pirâmide de desigualdades sociais, as mulheres negras ocupam a base de tal pirâmide, de modo que temos uma dupla subvalorização da mulher negra, “por isso, para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis existentes entre homens e mulheres brancos, significaria experimentar uma extraordinária mobilidade social” (CARNEIRO, 2003, p. 119).

No que concerne ao preconceito racial, Góis (2008), atenta para o fato de que, no ingresso ao mercado de trabalho, os negros têm muito mais dificuldades que os brancos, dificuldades estas que se acentuam quando se trata de cargos relativos a gerenciamento e chefia. Se as desigualdades, tendo por base apenas a raça, são bastante expressivas, ao se acrescentar o aspecto gênero, elas se tornam ainda mais gritantes.

Se os afro-brasileiros em geral ocupam uma posição de inferioridade em relação aos brancos no mercado de trabalho, a análise dessa questão tomando o sexo como recorte dá uma nova dramaticidade ao problema. Isso porque as mulheres negras ocupam as posições mais baixas nas escalas de assalariamento, seja quando comparada aos homens brancos e negros, seja quando comparadas às mulheres brancas (GÓIS, 2008, p. 744)

No que tange à escolaridade, o autor ora citado mostra que as mulheres vêm mantendo uma média de anos de estudos que é superior a masculina, contudo, ao se analisar intragênero nota-se que enquanto 10,8% das mulheres brancas conseguem ingressar no nível superior, apenas 5,6% da soma de pardas e pretas também o conseguem.

Diante de desigualdades como estas, espera-se que estudos de gênero dêem conta também das desigualdades entre as próprias mulheres, no entanto nem sempre foi assim, e, de fato, ainda não o é plenamente. Caldwell (2000) atribuiu essa falta de atenção ao aspecto da raça, pelo movimento feminista brasileiro, em grande parte à maneira como ele se desenvolveu no país. Segundo a autora, ao tempo em que nos Estados Unidos e Inglaterra, o

feminismo acadêmico aumentou a discussão sobre raça nas últimas décadas, no Brasil, as pesquisadoras feministas têm sido mais lentas.

Embora as feministas negras brasileiras tenham tentado trabalhar com as especificidades das mulheres negras pelo menos desde o começo dos anos 80, seus *insights* relativos a interseção entre raça e gênero não se tornaram prioridades de pesquisa nos estudos sobre mulheres. Ao contrário, se e quando o assunto de diferença racial é trabalhado, isto é feito em geral por ativistas ou pesquisadoras negras. Sem contar que o fato de as mulheres negras constituírem uma pequena minoria nas universidades brasileiras tem dificultado a pesquisa acadêmica sobre a mulher negra (CALDWELL, 2000, p. 95)

Ainda que seja preciso ressaltar o fato de que, recentemente, feministas brasileiras brancas e negras, tenham analisado de que modo as diferenças recorrentes entre o próprio gênero feminino estão interligadas a estruturas maiores, é preciso que muito ainda seja feito por parte de mulheres brancas e negras no sentido de desnaturalizar imagens que muitas vezes são projetadas tendo por base o racismo, o sexismo e a gerontofobia.

A pesquisa realizada na UATI/UEFS, com o grupo de dança de salão, revelou que a maior parte das participantes do grupo de dança era negra. Este fato fica mais explícito entre as 11 pessoas entrevistadas, das quais apenas duas se autodeclararam brancas. Quando perguntadas acerca do significado de sua cor as respostas foram:

Não, não. Não influencia em nada não (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS)

Muito orgulho. Me sinto muito orgulhosa de ser preta. Gosto muito da minha cor e não me envergonho da minha cor, tenho orgulho (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS).

Porque eu sou preta mesmo [risos]. Porque eu sou preta mesmo, mas só que hoje em dia o preto está sendo muito valorizado, de primeiro ninguém dava valor a preto, porque preto, que valor tinha preto? Não tinha. Mas hoje em dia preto tá tendo um grande valor e aí de quem falar de quem é preto, dizer, chamar a pessoa de preto. Então tudo isso modificou pra gente (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS)

Eu me identifico com a cultura negra deixa eu lhe dizer pelo meu pai, pelo meu avô, pelo ritmo de música que eu gosto. Eu gosto de muitas músicas, mas quando tem um batuque eu sinto no sangue. Entendeu? Eu sinto que eu quero sambar, que eu quero fazer alguma coisa, não que eu faça aquilo no

dia a dia. Não. Mas a gente sente e eu digo assim o nariz grossinho, não tenho o nariz afinado, então nosso perfil já diz que nós temos uma história maior com os negros e aí vai, não muita coisa não. Porque dentro de casa a gente tem claros e mais escuros (ROSA, SEPARADA, PARDA, 62 ANOS)

Eu, pra mim não significa nada. Mas, no tempo que eu estudava tinha preconceito. Sim, eu minha irmã, minha irmã era mais negra que eu, aí que os meninos da escola mesmo, eu quebrava todo mundo no pau, todo mundo, já tinha medo, quando eu olhava assim o povo já tava logo dobrando. Chamavam de nega preta, urubu, ave, era um inferno no tempo, o quê. Quer dizer, até hoje tem (HORTENSIA, VIÚVA, NEGRA, 67 ANOS)

Ao afirmarem que a questão da raça não influenciou as suas respectivas vivências, como foi a afirmação de dona Tulipa e dona Hortênsia, percebemos que esta forma de pensar corrobora no que diz muito dos estudos raciais elaborados no país, confirmando assim a afirmação de que o mito democracia racial influenciou sobremaneira a sociedade, levando as pessoas acreditarem que este elemento não é gerador de diferenciações sociais. Ainda assim, algumas reconhecem que as pessoas negras foram ao longo dos anos muito discriminadas, mas que este quadro tem mudado um pouco, como afirmou dona Magnólia. Reconhecem também que a população negra ainda encontra muitas dificuldades, embora não da mesma maneira que antes, como nos mostram as falas abaixo:

Encontram hoje, mas não como antes. Menos, muito pouco, porque a camuflagem esconde muita coisa. Esconde. Começando pelos próprios negros, que você nunca vê um negro casar com uma negra, ele sempre casa com uma loira. A maioria. Então, começa daí. O racismo começa deles mesmo. Aí só vai pra mídia quando um vai entrar em um clube e é barrado, quando um vai entrar num tipo de emprego que tem um branco e um negro e eles escolhem o branco. Aí eles sentem na pele, mas para casar eles só querem a loira, a branca. E aí? Não é o caso do meu irmão, o mais claro que tem que se gosta de negra, é uma coisa séria (ROSA, SEPARADA, PARDA, 62 ANOS)

Eu acho que .. que tem, continua, né? Eu acho que continua por causa do preconceito da maioria. Eu acho que continua assim, aquele preconceito besta, né? (MARGARIDA, SEPARADA, PARDA, 67 ANOS)

Muita dificuldade ainda encontra. Porque o preconceito ta enraizado dentro das pessoas não adianta ter lei, proibir ou outra coisa qualquer porque o preconceito ta lá dentro. Pode não dizer, mas de uma maneira ou de outra eles deixam transparecer. Então o preconceito existe, não adianta vir dizer 'ah porque o preconceito ta proibido, vai preso, vai não sei o quê', mas fazem! Entendeu? Fazem! (AMÉLIA, CASADA, PARDA, 68 ANOS)

Não. Os negros hoje em dia, ta vendo eu dizer, são libertos. Porque os negros hoje em dia tem toda a liberdade, graças a Deus! Se brincar, o branco é mais desvalorizado que o negro hoje em dia. Hoje em dia é! A nossa cor hoje em dia é respeitada. **Obrigada Deus por isso!** [...] Preto não tinha não! Onde é que um preto ia chegar na casa de um rico para entrar, não entrava não. Ficava era em pé assim nas beiradas da casa, ou cá fora. Ou se fosse dá um prato de comida, dá um prato de comida a um trabalhador lá fora, do lado de fora pra não entrar na casa dele. Hoje em dia a gente senta é na mesa junto com eles [patrões]. E eles tem que aceitar, ai ai deles que não aceite. Mas antigamente, quem entrava na casa de um rico? Quem sentava na cadeira de um branco ou de um rico? Preto? Não! Hoje em dia preto ta tendo maior valor. Quem é doido falar de preto? E todo mundo tem que gostar. E respeitar. E é uma qualidade respeitada hoje em dia é a qualidade de preto. É respeitada, é respeitada. Então, tenho orgulho de ser preta, nega da costa [risos]. **Sou uma africana toda!** [risos] (MAGNOLIA, SEPARADA, NEGRA, 80 ANOS)

Percebemos na fala de dona Rosa uma afirmação um tanto quanto equivocada no que tange ao preconceito racial existente entre os próprios negros, não se deve afirmar que o racismo começa entre os próprios negros, especialmente em virtude dos estudos aqui já apresentados acerca da situação no negro no Brasil. Dona Magnólia que muitas vezes foi vítima do preconceito racial, percebe, com muito entusiasmo, os inúmeros avanços no tocante à questão racial, principalmente no âmbito das legislações. Já dona Amélia, um pouco mais comedida, reconhece que o problema racial no Brasil é devido ao enraizamento do preconceito e que, portanto, não bastam leis que reprimam tal tipo de comportamento.

Algumas das idosas entrevistadas chegam até mesmo reconhecer que já foram impedidas de realizar suas vontades ao longo de sua vida pela única justificativa da cor, como é o caso de dona Violeta:

Já. Já deixei de fazer muita coisa por causa da cor. Uma vez mesmo, quando eu era nova eu queria ser freira, meu sonho era ser freira [risos]. Aí a pessoa que me criou me tirou da cabeça porque disse que não existia freira preta [risos], justamente as que eu via não aparecia nenhuma preta mesmo [risos]. Aí tirou da minha cabeça porque disse que não existia freira preta [risos]. [...] Naquele tempo o pessoal era muito racista. Muito racista mesmo e aí nesse ponto, já deixei muito de fazer mesmo por ser preta. Quando eu era nova, menina, as vezes eu deixava de ir pro lugar com as brancas porque elas não me queriam porque elas eram branca e eu preta. E muitas delas iam se envergonhar de andar comigo. [...] **Mas depois que eu entrei na terceira idade eu deixei de achar que eu não era ninguém, né?** Porque era preta. Eu esqueci isso. Hoje me sinto bem. Não deixo de entrar nos lugares, não deixo de me arrumar com as amigas porque uma é branca e a outra preta. Não, de jeito nenhum (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS).

Nota-se que a questão racial interferiu diretamente na vida de dona Violeta, especialmente se considerarmos o fato que ela foi uma das muitas idosas que sofreram violência doméstica no casamento. Esse acontecimento talvez tivesse sido evitado caso ela tivesse conseguido realizar o seu sonho de ser freira. A entrevistada ressalta com veemência ter deixado de se perceber menor, em virtude de sua cor, há pouco tempo, depois do ingresso na UATI/UEFS. Além disso, as mulheres que se classificam como brancas reconhecem que se tivessem nascido negras, teriam tido mais dificuldade e talvez tivessem sofrido preconceito racial, como podemos notar nas falas abaixo:

Teria, teria. Se fosse negra teria, com certeza. E tem mesmo, se você vai na rua e tem uma negra e uma branca, “nego” não vai deixar de a branca pra dá a negra, eu mesmo não daria, não deixaria [risos] (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Poderia ter inferioridade, né? Alguém poderia ter de mim, né? Porque eu via muita gente até dizer em sala de aula, como a gente via muita em sala de aula, essas coisas, essas besteiras, aí poderiam ter isso (GADERNIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

O contrário já não se nota, uma vez que as mulheres que se auto-declararam pardas e negras afirmam que mesmo se tivessem nascido brancas, não teriam tido mais facilidade na vida.

Não, não, não teria mudado não. De jeito nenhum, não acho que teria mudado não (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS)

Não, acho não, tem tanta branca coitada, eu passei ali tudo deitada no banco do jardim, sem eira (HORTENSIA, NEGRA, VIÚVA, 67 ANOS)

Teria sido igual. (VERÔNICA, NEGRA, SEPARADA, 64 ANOS)

A realidade de vida de muita dificuldade de algumas, como é o caso das três idosas entrevistadas acima, muitas vezes não lhes deixam perceber outras possibilidades de vivência, especialmente de serem favorecidas em alguns aspectos da vida social em virtude de sua raça. Esse é um fenômeno compreensível se considerarmos o histórico de discriminação e desfavorecimento vivenciado por inúmeros sujeitos em virtude da raça.

3.4 Envelhecimento e sexualidade

A relação que a antropologia vem mantendo com o tema da sexualidade, segundo Vance (1995), é complexa em virtude especialmente do pouco prestígio dado ao longo dos anos a esta temática. Essa falta de prestígio que os estudos de sexualidade tiveram nas pesquisas antropológicas revela-se nos poucos departamentos de pós-graduação que ofereciam treinamento nos estudos de sexualidade humana. Ademais os recursos são escassos, uma vez que os órgãos financiadores também comungam da dúvida da legitimidade acadêmica do tema. Outras disciplinas destacaram-se, pois, nestes estudos, a exemplo da história.

O autor ressalta que nos últimos quinze anos apareceram trabalhos interessantes que resultaram na chamada teoria da construção social, esta teoria recorreu a algumas correntes da sociologia e da antropologia. O primeiro estímulo para o desenvolvimento desta teoria tem por base os estudos das feministas que implementaram um projeto de repensar o gênero, esta análise revolucionou a noção de naturalidade, uma vez que a crítica geral destas acadêmicas e ativistas se dava em torno do determinismo biológico.

Foi a análise de diferentes culturas que possibilitou a constatação de que os papéis de gênero variavam amplamente segundo determinadas sociedades. A prática feminista tentava separar a sexualidade do gênero, a tentativa das mulheres era de separar a sexualidade da reprodução, uma das maiores expressões desta luta foi, sem dúvida, Gayle Rubin, que em diversas tentativas tentou separar o sistema sexo/gênero em dois domínios, ou seja, em sistemas distintos.

O segundo estímulo emergiu dos estudos acerca da homossexualidade masculinidade, a maior parte destas pesquisas, ressalta Vance, (1995), foram feitas por pesquisadores independentes. Todavia, na medida em que este campo de estudo atingiu aceitação acadêmica tornou-se comum o estudo deste tema por parte de pesquisadores com status acadêmico. Esta última contribuição foi sem dúvida muito importante, mas o autor adverte que não se pode, inadvertidamente, conceder a academia o crédito por estudos que ela nunca apoiou. Na sociedade moderna, o campo de estudos acerca da sexualidade tem se mostrado bastante competitivo, cresceu principalmente o interesse estatal em regular a sexualidade, antes controlada pelo poder religioso. O interesse estatal se dá em grande parte pela medicina, fato que acarreta o desenvolvimento de discursos reguladores.

Nestas pesquisas sobre sexualidade desenvolveram-se dois importantes modelos de análise, um baseado no conceito de construção social e outro baseado no conceito de influência cultural. Segundo Vance (1995), o primeiro modelo, propagado pelos construtivistas, emprega o termo “construção social” de diversas formas, mas entende que a sexualidade é mediada por fatores históricos e culturais. O autor argumenta que esta corrente teórica possui uma variedade de opiniões acerca dos elementos que podem ser considerados como construções sociais, indo desde a direção do próprio interesse erótico – que seria construído a partir de possibilidades polimorfos – ao próprio desejo sexual, que em uma perspectiva mais radical da teoria construtivista, é considerado como construído histórico e socialmente, não havendo espaço para a ideia de impulso sexual, ou mesmo, de pulsão sexual.

No modelo de influência cultural, a sexualidade é entendida como material básico sobre o qual a cultura trabalha, visto que, por um lado rejeita o essencialismo ao enfatizar o papel da cultura e do aprendizado na formação do comportamento e das atitudes sexuais, e por outro lado admite que o fundamento da sexualidade seja universal, tal como a ideia de pulsão sexual, que embora seja considerada pelo autor como passível de ser modelada, é ainda entendida como poderosa. Nestes estudos antropológicos, o núcleo da sexualidade ainda é a reprodução, este dado pode ser observado tanto nas etnografias quanto nos surveys, uma vez que são escassos detalhes acerca de comportamentos sexuais que não estejam vinculados à reprodução.

O tema da sexualidade, neste modelo de influência cultural abrange elementos como: relações sexuais, orgasmos, carícias preliminares, fantasias, histórias e piadas eróticas, assim como as relações de gênero. Vance (1995) expõe que neste modelo os antropólogos aceitam a existência de categorias universais a exemplo de: heterossexual, homossexual, sexualidade masculina, sexualidade feminina, pulsão sexual, ao tempo em que reconhecem as variações do comportamento sexual.

Neste contexto, o surgimento da AIDS é visto pelo autor como um dos motivos para maior financiamento das pesquisas acerca da sexualidade. Todavia, é preciso estar atento à corrida aos financiamentos, uma vez que existe nela uma tendência para o crescimento de abordagens biomédicas, em que a sexualidade não raramente é associada à doença. Além da biomedicina, o autor argumenta que é preciso tomar cuidado com os trabalhos interdisciplinares, realizados em ambientes biomédico. Ademais, de acordo com o autor, há ainda o risco de uma confusão entre uma abordagem baseada na influência cultural com a teoria da construção social.

Não há dúvida de que os antropólogos podem contribuir significativamente para os estudos de sexualidade, e se é verdade que a antropologia redescobriu a sexualidade enquanto um campo de estudo, é preciso que tanto o modelo teórico quanto as práticas adotadas estejam claramente explícitos.

Este pouco interesse da antropologia pelos estudos de sexualidade se nota nos estudos dos grandes antropólogos, a exemplo de Malinowski, que embora tenha escrito acerca da sexualidade dos povos trobriandeses, o fez de modo secundário, uma vez que seu objetivo principal era analisar o sistema econômico denominado *Kula*. Em seu livro intitulado “A vida sexual dos selvagens”, especificamente nos capítulos IX e XII, o autor demonstra como a sexualidade está bastante presente na vida e na organização social dos povos das ilhas de Trobriand.

Malinowski (1978) narra como os jogos são permeados pelo elemento erótico, embora este seja apenas um dos aspectos dos jogos. O elemento erótico está presente tanto no conteúdo das cantigas quanto no contato físico entre os jogadores. Ainda quando os jogos representam simples competições, eles representam para o vencedor um elemento de valor para investidas amorosas. O período de colheita também é apontado pelo autor como um momento propício para as investidas sexuais, haja vista que favorece, entre outras coisas, o contato entre povos diferentes. A Mimala, período de danças que sucede o tempo de colheita, é favorável às relações sexuais, especialmente por acontecer em noites bastante escuras.

Outro aspecto da sexualidade dos trobriandeses que merece destaque são as aventuras amorosas. As *ulatiles* eram expedições masculinas de jovens de uma comunidade para outra, com o intuito de obter prazeres sexuais. De modo análogo, existiam as *Katuyasi*, que eram expedições da mesma natureza realizadas por mulheres, contudo, no retorno às suas comunidades de origem, não raro as mulheres sofriam repressão pelo feito, fato que não acontecia com os homens. O elemento erótico também está presente nos sonhos, no folclore (lendas e mitos) e nas histórias contadas pelos habitantes das ilhas de Trobriand. A sexualidade é tratada por Malinowski como elemento que exerce forte influência na cultura destes povos, especialmente no que tange aos sonhos, visto que a magia possuía uma grande importância para a organização social deste local.

No Brasil, a sexualidade feminina no período colonial foi abordada por Emanuel Araújo (2011), que pondera acerca do estereótipo daquele que seria um bom modelo de comportamento que se esperava das “moças” no momento em que despertavam para a sexualidade. Assim descreve:

Corre a missa. De repente, uma troca de olhares, um rápido desvio do rosto, o coração aflito, a respiração arfante, o desejo abrasa o corpo. Que fazer? Acompanhada dos pais, cercada de irmãos e criadas, nada podia fazer, exceto esperar. Esperar que o belo rapaz fosse bem-intencionado, que tomasse a iniciativa da corte e que se comportasse de acordo com a regra moral e dos bons costumes, sob o indispensável consentimento paterno e aos olhos atentos de uma tia ou de uma criada de confiança (de seu pai naturalmente) (ARAÚJO, 2011, p. 45)

Todavia, não eram raros os casos em que foi difícil controlar os desejos das mulheres. A sexualidade feminina representava, segundo o autor ora citado, uma ameaça ao equilíbrio doméstico, à ordem social, bem como às instituições civis e eclesiásticas, deste modo era notória a forte influência que a igreja possuía no que concerne à repressão da sexualidade feminina, o autor fala em “adestramento da sexualidade feminina”. A coerção era comumente exercida pelos homens (pais, maridos e irmãos) e a sua justificativa não poderia ser mais simplista, “o homem era superior e, portanto cabia a ele exercer a autoridade” (ARAÚJO, 2011, p. 46). Ademais, entendia-se que por partilharem da essência de Eva, as mulheres deveriam ser permanentemente controladas.

A tendência à prática de feitiçaria foi outro ponto abordado pelo autor. Segundo ele, havia na época uma relação direta entre feitiçaria e sexualidade, uma vez que se acreditava que os feitiços realizados por bruxas eram especialmente voltados ao campo afetivo, vigorava na época a ideia de que “toda bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres” (ARAÚJO, 2011, p. 47).

O rígido controle exercido sobre as mulheres pressupunha um respeito exagerado ao pai e depois ao marido, sem mencionar a educação doméstica dirigida quase que exclusivamente ao “aprendizado das atividades do lar”. Nas palavras de Araujo (2011):

Repetia-se como algo ideal, nos tempos coloniais, que havia apenas três ocasiões em que a mulher poderia sair do lar durante toda sua vida: para se batizar, para se casar e para ser enterrada. O exagero é evidente, mas um viajante, Froger, de passagem por Salvador em 1696, achava que ali as mulheres ‘são de dar pena, pois jamais veem ninguém e saem apenas aos domingos, no raiar do dia, para ir à igreja’. Meio século depois, em 1751, o arcebispo daquela cidade queixava-se de que os pais proibiam as moças até de assistir às devotas lições no Colégio das Mérces (ARAÚJO, 2011, p. 49).

Não por acaso a herança do período colonial parece ter se estendido por longos períodos; dona Magnólia, nascida no ano de 1934, em uma cidade do interior da Bahia, retrata o seu sofrimento diante do rigoroso controle exercido sobre as mulheres, ao tempo em que ressalta o quanto a situação de opressão vem mudando ao longo dos anos. Assim ela relata:

Uma mulher não ia em lugar nenhum, a mulher só era pra viver dentro de casa olhando filho, fazendo coisa pra marido, sendo escrava em pé de fogão pra marido e **não tinha direito de ir em lugar nenhum, só numa missa de ano em ano**. E hoje em dia a mulher tem direito a tudo, a mulher vai onde ela quer, onde Deus ajuda que ela pode ir. E o mesmo direito que ele tem, ela tem, se ele saiu. Se arrumou e saiu ‘– Eu vou’ [diz o marido]. ‘– Ah, você vai me levar’ [responde a mulher]. ‘– Não, não vou!’ [retruca o marido]. Ela também se arruma e vai pra casa de uma amiga e ele tem que obedecer isso. E naquele tempo não, você chegava numa casa e só via a mulher lodenta, fedendo a fumaça de pé de fogão, que ninguém podia sair e nem fazer nada. E hoje Deus libertou a gente (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS).

No que tange ao programa de estudos para as mulheres no período colonial, o teórico argumenta que este era também limitado e diferenciado dos que se dirigiam aos meninos, ainda as matérias que havia em comum eram ministradas separadamente. O projeto educacional também se ocupava das questões relativas à sexualidade. De modo que “no conjunto, o projeto educacional destacava-se a realização das mulheres pelo casamento, tornando-as, ao final, hábeis na ‘arte de prender a seus maridos e filhos como por encanto, sem que eles percebam a mão que os dirige nem a cadeia que os prende” (ARAÚJO, 2011, p. 51).

Para aquelas que não frequentavam as aulas, o aprendizado da sexualidade acontecia em casa mediante conversas e brincadeira com parentes, amigas e escravas. As mães preocupavam-se com o despertar das meninas para sexualidade uma vez que ao atingir a idade de 12 anos, as meninas já podiam se casar. Por todos estes motivos, as mulheres tinham desde muito novas os seus sentimentos domesticados e vigiados. Ainda de acordo com Araújo (2011), o controle sexual se dava antes e depois do casamento; a igreja era a instituição encarregada de manter o controle sobre o casal.

Nada de excesso, nada de erotismo, como prescrevia são Jerônimo desde o ano de 392: ‘escandaloso é também o marido demasiado ardente para com

sua própria mulher’, porque ‘nada é mais imundo do que amar a sua mulher como uma amante [...] Que se apresentem à sua esposa não como amantes, mas como maridos’. Moderação, freio dos sentidos, controle da carne, era o que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos (ARAÚJO, 2011, p. 52).

Contudo, não se deve imaginar que neste contexto a igreja coibisse o ato sexual, ao contrário, a prática sexual era o pagamento do débito conjugal que o casal possuía, mas havia regras claras para a realização do sexo, entre elas estavam o recato da esposa, que deveria apenas insinuar o desejo pelo marido, e este deveria estar atento aos sinais dados pela esposa. Em hipótese alguma o homem poderia recusar-se a fazer sexo com a esposa, porque tal recusa consistia em pecado. Segundo o autor, os teólogos e moralistas da época condenavam algumas posições que poderiam ser adotadas no ato sexual, entre elas as posições em que o coito do homem se dava em pé, sentado ou mesmo por baixo das mulheres, isto porque tais posições poderiam gerar desperdício de esperma, comprometendo assim o objetivo da prática sexual, qual seja: a procriação.

Além da igreja e do ambiente doméstico existiam mecanismos informais de coerção tais como os vizinhos, a aceitação em determinados círculos sociais e a imagem a ser mantida em alguns ambientes. Ressalta-se, pois, “os desvios da norma, porém, não eram tão incomuns numa sociedade colonial que se formava e muita vez improvisava seus próprios caminhos muito longe do rei” (ARAÚJO, 2011, p. 51). Falava-se em uma sexualidade tropical que estava diretamente relacionada com a exibição do corpo por algumas mulheres. Longe de se pensar que tal exibição acontecia por uma escolha própria, o fator econômico/classe era que determinava a vestimenta neste período. Deste modo, as mulheres pobres, especialmente as escravas, costumeiramente vestiam blusas tão folgadas que por vezes deixavam parte dos ombros e seios à mostra; o tecido fino que era utilizado também levantava a questão da sexualidade. As desigualdades no que tange ao vestuário também foram abordadas pelo autor.

Decerto havia diferenças de qualidade no tecido, na confecção, no estilo, nos adereços: uma coisa era a sinhá de família rica; outra, muito diferente, as mulheres muitas, aliás, que respondiam sozinhas pela subsistência de seu lar, para não falar das escravas. Neste último caso, abre-se exceção às escravas pertencentes à gente rica que por ostentação, fazia questão de vesti-las bem. O tecido e a forma do vestido indicavam o mundo em que vivia a mulher: as abastadas exibiam sedas, veludos, serafinas, cassa, filó debruados de ouro e prata, musselina; as pobres contentavam com raxa de algodão, baeta negra, picote, xales baratos e pouca coisa mais; as escravas estavam limitadas a

uma saia de chita, riscado ou zuarte, uma camisa de cassa grossa ou vestido de linho, ganga ou baeta (ARAÚJO, 2011, p. 54).

Neste contexto, a sexualidade era negada pela justificativa do benefício do espírito, ao mesmo tempo era incentivada e viajada no intuito de preparar a “moça” para um bom desempenho dos papéis (esposa e mãe). O sexo deveria ter por objetivo único a procriação. De acordo com Mary Del Priore (2011) a revolução sexual só emergiu entre os anos 1960 e 1970. Foi mediante a influência dos meios de comunicação, especialmente da televisão, que vocabulário referente ao sexo passou a evitar eufemismos. “Embora nos anos 60 ainda se utilizasse uma linguagem neutra e distante para falar de sexo – mencionavam-se, entre dentes, “relações” e “genitais” –, devagarzinho se caminhou para “coito”, “orgasmo” e companhia” (DEL PRIORE, 2011, p. 202).

Entre as mudanças ocorridas no campo sexual a autora elenca as seguintes:

As relações no cotidiano dos casais começaram a mudar. Carícias se generalizavam e o beijo mais profundo – o beijo de língua ou french kiss –, antes escandaloso e mesmo considerado um atentado ao pudor, passava a ser sinônimo de paixão. Na cama, novidades. A sexualidade bucal, graças aos avanços da higiene íntima, se estendeu a outras partes do corpo. As preliminares ficaram mais longas. A limpeza do corpo e o hedonismo alimentavam carinhos antes inexistentes. Todo corpo a corpo amoroso tornava-se possível. No quarto, a maior parte das pessoas ficava nua. Mas no escuro. Amar ainda não era se abandonar. É bom não esquecer que os adultos dos anos 60 foram educados por pais extremamente conservadores (DEL PRIORE, 2011, p. 202).

Neste momento de transformações da intimidade, a virgindade como elemento indispensável ao casamento ia aos poucos perdendo a importância, a violência dos maridos não era mais tão tolerada, “um marido violento não era mais o dono de ninguém, mas apenas um homem bruto”. A multiplicação de motéis e pornoshops também contribuíram para tal revolução. Mesmo diante de tantas mudanças ocorridas no campo da sexualidade feminina, não é muito difícil notar a influência que os preceitos religiosos ainda sobre esta temática, como podemos notar na fala de dona Jasmim:

Sabe o que é que eu penso? Que tem homens mais velhos que só prestam pra marcar, não faz mais nada. Eu digo por que já aconteceu comigo, foi e não saiu do lugar. *E o novo não é assim, esse mesmo [um senhor com cerca de 70 anos] que morava mais eu, só me procurava de 15 em 15[dias] e só queria fazer imoralidades. Aí isso tudo me revoltou com ele, ‘- meu marido nunca fez isso comigo, eu vou fazer com você?’.* E o outro não, sabia o lugar certinho que Deus deixou, *o outro pra mim não valeu nada até nisto* (JASMIN, PARDA, VIÚVA, 67 ANOS).

Em sua fala, a entrevistada expõe ainda o fato de que idosos (com a sua mesma faixa de idade) com os quais ela se relacionou já não conseguiram ter um desempenho sexual satisfatório no que tange ao sexo “tradicional”, assim ela considera “imoralidades” quaisquer outras experiências sexuais que não sejam “deixadas por Deus”, este é um dos motivos que a levam a querer envolver-se com homens mais novos. Dona Jasmim, nascida no ano de 1946, teve sua criação marcada por preceitos religiosos da procriação, sentindo-se frustrada por não conseguir engravidar em virtude de uma má formação do útero que ao não se desenvolver mantém as mesmas medidas da infância, impossibilitando sua gestação.

Eu era doída por criança, eu e meu marido, nós chorávamos porque não tínhamos filhos (JASMIN, PARDA, VIÚVA, 67 ANOS).

A década de 1980 presenciou uma conjuntura de revolução sexual a pílula anticoncepcional, que começou a ser comercializada no Brasil ainda na década de 1960, transformou os hábitos sexuais, especialmente para as mulheres que sempre tiveram o medo como aliado do prazer sexual. A procriação deixava de ser o objetivo principal da relação sexual e sexo passava a ser fonte de prazer especialmente para as mulheres, assim a mulher “‘liberada’ optou por viver uma sexualidade plena, como nunca antes lhe fora facultado. Mais além, o surgimento da pílula tornou a mulher livre para escolher sua vida: adquirir estudos superiores ou participar do mercado de trabalho, sem ser interrompida por uma gravidez” (DEL PRIORE, 2011, p. 215).

A dificuldade das mulheres em sentir prazer sexual foi mencionada por uma das mulheres entrevistadas, quando indagada acerca da existência, ou não, de diferenças entre as pessoas idosas de hoje e as pessoas que eram idosas antigamente. Como podemos notar no trecho descrito abaixo.

Mulheres, talvez [com] 65 [anos] pra cá já sabem [o que é prazer sexual]. Pra lá [com mais de 65 anos] ninguém sabe o que é prazer sexual. Nenhuma sabe, nenhuma. Eu converso muito isso com minha ginecologista [...] porque muitas não sabem. Eu conheço mulheres de 56 anos que fica voando, não sabem o que é não. **Não sabem, não sabem o que é ver estrelas, trepidar tudo, não sabe. Eu to conversando com você de coração aberto. Não sabem mesmo. E aí é que pega. Entendeu? Aí é que a felicidade não acontece** (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS).

Ainda que a pílula anticoncepcional proporcionasse atividades sexuais com vistas à obtenção de prazer e não mais à procriação, o seu uso não foi generalizado especialmente em virtude do fato da igreja ter se posicionado contra a utilização deste método contraceptivo, além do preconceito socialmente existente quanto ao uso da pílula anticoncepcional. Ademais, eram frequentes as queixas das mulheres quanto aos efeitos colaterais da medicação, fato que fez a medicação ser vendida apenas com prescrição médica na década de 70. Um fato pouco conhecido é que ainda nesta década surgiu uma pílula masculina, todavia os efeitos colaterais (a exemplo do aumento de peso e, sobretudo, a diminuição do apetite sexual) eram bastante discutidos, tais efeitos também apareciam nas mulheres, contudo eram desconsiderados. O uso de sunga, biquíni, minissaia e posteriormente a prática do topless também causaram agitação, dizia-se que “se antes tudo era proibido pela censura, agora se caía no excesso oposto” (DEL PRIORE, 2011, p. 234).

A barreira para a liberdade sexual que nas últimas décadas vinha sendo conquistada foi imposta com o advento da AIDS. A Síndrome da Imunodeficiência foi considerada por muitos como um castigo para os pecados. De acordo com Del Priore (2011), nos primeiros anos da década de 1980, a divulgação das informações oscilava entre o caráter moralista e o viés da saúde, o primeiro condenava os grupos contaminados enquanto que o segundo buscava a garantia de remédios e tratamentos adequados, mas neste período inicial falava-se mais em morte do que em prevenção.

Ao final da década, as mudanças provocadas pelo vírus tinham dado um nó nos costumes. Pessoas reavaliavam hábitos sexuais, estilos de vida, princípios morais e padrões de cultura. Virgindade e fidelidade conjugal voltavam a ser exigidos. Ninguém estava acima de suspeitas. Sintomas, sumiço súbito, emagrecimento eram sinais alarmantes (DEL PRIORE, 2011, p. 243).

O pânico gerado pela possibilidade de contrair o vírus ameaçou fortemente a vida sexual, a monogamia e a abstinência sexual voltaram a ter destaque no cenário, bem como o controle no uso de drogas e o grande incentivo ao uso de preservativos. Grupos mais conservadores utilizavam a doença com a finalidade de disciplinar o comportamento sexual. A partir de 2000 o governo investiu mais em ações para o tratamento das pessoas infectadas com o vírus, de modo que já poderia se viver com a doença.

A revolução sexual somada à emancipação da mulher ocorrida neste período alterou completamente a dinâmica das relações dentro da família. Na década de 1980 se presenciou um declínio do número de casamentos, mas ao final desta década esta instituição passou a ser valorizada novamente, em contrapartida, aumentava o número de divórcios. Há que se considerar que, segundo Del Priore (2011), o divórcio também representava a possibilidade de um novo casamento. Esta revolução sexual não alcançou de modo significativo as mulheres entrevistadas, todavia é inegável que algumas delas foram influenciadas por muitos dos pensamentos vigentes nesse contexto histórico, a exemplo de Rosa, que se divorciou em que essa atitude era pouco aceita socialmente.

No que concerne à sexualidade na velhice, Alves (2005) acredita que este é um tema que desperta não só a curiosidade dos especialistas da área – geriatras e gerontólogos – como da sociedade de um modo geral. A autora utiliza-se da literatura de Michel Bozon na qual o mesmo afirma que nas mulheres ocorreu um prolongamento da vida sexual para além dos cinquenta anos, mas que essa questão ainda é tratada com bastante resistência. Alves (2005) corrobora a ideia de que o aumento de tempo de atividade sexual está diretamente relacionado com as questões geracionais, visto que “são aqueles que envelhecem nos anos 90 que conhecem a manutenção da vida sexual na velhice, embora essa seja menos freqüente e com práticas menos variadas se comparadas à dos jovens dos anos 90” (ALVES, 2005, p. 30)

Os dados obtidos mediante pesquisa realizada com o grupo de dança de salão da UATI/UEFS confirmam a ideia de Alves (2005) ao revelar que as idosas sexualmente ativas, possuem uma atividade sexual considerada por elas como “mais calma”.

É mais calma, né? A gente quando é jovem, quando casa logo quer de manhã, de tarde, de noite. Toda hora. E quando ta velho uma vez por mês ta bom e .. [risos] (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS)

É aquilo que eu lhe disse, eu to meio, não era mais como é, não sou mais como era antes. [...] Dá [para sentir prazer] tanto eu como a parceira, mas

deixei de frequentar a rua, sair, não tenho mais aquele ímpeto de sair, ir pro baile a procura (LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS).

Nas últimas décadas o exercício da sexualidade não está mais atrelado necessariamente ao casamento, uma vez que se transformou em um espaço de construção de autonomia, bem como uma forma de relacionamento social. Assim, “não é mais a idade ou o *status* conjugal que determina a vida sexual, mas fatores mais difusos que exigem do indivíduo um exercício constante de flexibilidade nesse domínio. Essa mudança tem consequências diretas sobre a forma como a sexualidade é vivida e compreendida nos dias de hoje” (ALVES, 2005, p. 30).

Uma dessas consequências na mudança no modo como a sexualidade é vivenciada, citada por Alves (2005), é percebida no estudo realizado por Carolina Marback Souza em um bar dançante na cidade de Salvador, cujo objetivo era a identificação de representações sociais sobre sexualidade das mulheres de meia-idade e idosas, em que se constatou que mulheres idosas possuem atividade sexual desvinculada do casamento. De acordo com a autora, “a informante declarou não ter vontade de morar junto, sob o mesmo teto, embora não saiba o que seria de sua vida se não fosse ele, complementando que também gosta de tê-lo como companheiro de viagem” (SOUZA, 2005, p. 123).

Esta realidade encontrada por Souza (2005) também é a realidade de algumas mulheres que frequentam a oficina dança de salão na UATI/UEFS, como é o caso de dona Hortênsia que mantêm um relacionamento afetivo/sexual com um senhor, contudo não faz planos de conjugabilidade com o namorado. Nas palavras dela:

Eu pra mim .. não tem importância nenhuma, que eu não vou, não quero ninguém comigo. Esse mesmo mora só, ele mora só, lava prato, me adula, ele disse que até minha calcinha lavava se eu fosse. Eu digo ó [fazendo sinal negativo como dedo]. Ele lá, eu cá, pode arranjar, você tá livre pra arranjar qualquer pessoa pra morar com você (HORTENSIA, NEGRA, VIÚVA, 67 ANOS).

Embora Hortênsia e algumas outras mulheres idosas e de meia idade que frequentam o grupo pensem assim, esta não é a realidade total do grupo pesquisado na UEFS, uma vez que grande parte das mulheres deseja ter relacionamentos pautados em um projeto de conjugabilidade ou não querem mais relacionar-se com homens, ainda que esporadicamente.

Tal desejo de não mais manter relacionamentos amorosos, muitas vezes, é fruto de sofrimentos vivenciados em relacionamentos anteriores, de modo que a morte ou a separação dos companheiros se apresenta como um estágio libertador, fazendo com que não mais queiram relacionar-se afetivamente, ou mesmo, sexualmente apenas.

Quando a importância de um companheiro é ressaltada, ela é justificada diante da hipótese amedrontadora de solidão na vivência da velhice, como nos relata dona Amarílis e dona Rosa.

É importante, é importante porque a solidão é .. deve ser muito difícil, a pessoa chegar em casa, entre quatro paredes, dormir sozinha, acordar sozinha. Não tem ninguém pra conversar, não tem ninguém pra compartilhar nada. Uma tristeza, eu to aqui com você, eu chego em casa eu compartilho com aquela pessoa. E se eu não tivesse, eu ia compartilhar com quem, com meus gatos? [risos]. Que eu tenho um bocado de gato. Entende? É por isso que eu digo quando dois velhos se juntam eu sou a favor por isso, porque é o companheirismo. As vezes não é nem o amor, nem o sexo é o companheirismo, porque a solidão. Porque todo velho tem tendência a depressão já por isso, porque começa a pensar o que foi, o que deixou de fazer, quem foi, a vida não é mais aquela, não tem mais aquelas amigadas, como meu marido outro dia tava falando. Vendo os velhos daquela idade, os amigos, tudo morrendo. A gente sabe que a gente vai chegar naquilo ali, porque quando a gente chega na minha idade a gente pensa mais na morte, do você e outro jovens, porque a gente analisa, a gente já tá na prorrogação. A gente não sabe se a gente vive 2 anos, 3 anos, 4 anos, 5 anos, 10 anos. Aquilo que a gente tinha pra viver, já viveu. Então é isso, aí é que vem aquela tendência a depressão, e [estando] os dois, estando pelo menos os dois ali, eu digo que os dois tem que se juntar nem que eu seja pra brigar [risos] (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS).

Tudo. Se pudesse envelhecer e ter uma pessoa pra tudo, pra você sentar na mesa e fazer companhia, pra assistir televisão os dois sentadinhos juntos, precisa coisa melhor? Pra você levantar e pegar um cafezinho um ao outro [...] painho até um dia desse não podia ver uma pessoa da Avon, da Natura, da Boticário, ‘-Não. Pegue um creme de mão pra sua mãe e outro de rosto’. Isso é lindo gente, eu nunca vi isso, então eu acho que isso que é bom, você ter uma pessoa pra isso, pra assistir um Jornal Nacional sentado de junto. Se pudesse, todos envelhecer com essa finalidade de vou ficar casada pra gente manter o amor, não é pra manter besteirinha não, aí sim valeria a pena, do contrário não vale a pena (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS).

Além do medo da solidão especialmente nos momentos em casa, a importância de um companheiro é ressaltada em viagens e festas, uma vez que algumas mulheres entrevistadas

deixam de frequentar alguns lugares por falta de companhia, especialmente a companhia de homens, como é o caso de dona Margarida.

É porque a importância é porque você tendo um companheiro tá ali rente com você, você vai pra qualquer lugar e tá rindo ali com aquela pessoa pra sair junto com você. **E quem não tem, precisa.** Eu mesma já deixei de sair várias vezes assim porque as vezes não tinha com quem sair. Eu não vou sair sozinha, estando num lugar que você não conhece, não tem ninguém ali pra você conversar e tal, que era difícil, era difícil também pra eu me entrosar assim com o pessoal. Agora aqui depois da UATI foi que eu aprendi mais. Era mais fechada, era fechada demais, devido ao sistema que eu vivia no interior e tal, né? (MARGARIDA, SEPARDA, PARDA, 67 ANOS).

A afirmação de dona Margarida explicita como as construções de gênero interferem na socialização das mulheres, uma vez que a mesma se sente impedida de frequentar alguns espaços por não ter a companhia masculina. No entanto, outras mulheres não percebem esta importância, chegando mesmo a afirmar que um relacionamento nesta fase atual da vida atrapalharia sua liberdade, a exemplo de dona Violeta e dona Gardênia.

Não, eu acho até que atrapalha [risos]. É uma pedra no meu caminho [risos] (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS).

Não necessariamente teria importância porque hoje a mulher é independente, é livre. Hoje a mulher é aposentada, mesmo a que não trabalhou tem a aposentadoria dela. Dá pra ela sobreviver independente de homem dizendo ‘-ó, você já saiu de manhã, vai sair de novo?’ [...] Então hoje não tem, eu vejo, se é casada tudo bem, continue, mas pra não ter mais marido e inventar de arrumar agora. É sofrimento. É sofrimento que ela vai passar na vida dela, né? Eu vejo assim (GARDÊNIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

O fato de algumas mulheres desejarem não ter novos relacionamentos amorosos mantém uma relação direta com o fato das relações passadas não terem sido exitosas, no sentido de que sofriam algum tipo de violência no relacionamento. Vejamos o que falam as entrevistadas:

Foi péssimo, porque se o primeiro; eu sempre falei que quando o meu marido me deixou eu achei e não quis, porque eu sempre pensava o que me

pegou, casei com ele, tive três filhos com ele, não me deu valor, o outro que vai me pegar com três filhos de outro vai me dar valor? Ele vai me botar mais filhos, minha vida vai ficar pior. Depois ele se manda e minha vida vai ficar pior, minha vida fica um inferno, né? Porque só os três eu ainda posso, to lutando pra criar e se eu arrumar mais? Aí minha vida desandou pra mim. Eu acho! Eu tenho a minha filha, né? Ela não casou, eu acho que não vai casar, porque ela diz assim: ‘– eu acho que se eu me casar eu vou ter a mesma sorte da senhora e eu ainda não achei um homem que me agradasse, que me agrade pra ser; pra eu viver a vida inteira com ele, porque os que eu arrumo, deixe eu sozinha mesmo. Filho eu tenho, que são meus sobrinhos. E tenho meu emprego’. Eu digo: ‘– pois é. Pra que você quer marido? Deixe a tua vida como tá’. Eu acho assim, eu sei que hoje em dia virgindade é difícil existir, eu sei que não é, mas a pessoa saber levar sua vida, pronto é o que importa, né? É o que importa (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS).

Porque quando eu dizia assim ‘– Ó meu Deus tem misericórdia de mim, tem pena de mim Senhor. Eu não queria viver essa vida Jesus, por quê?’. Eu não pedi pra ele morrer não. ‘– eu não queria viver essa vida, eu queria ser amada, eu queria amar. Ó meu Deus por quê? Só o Senhor mesmo pra dá um jeito em minha vida’. E Jesus deu tirando ele, né? Então, eu ia arrumar outro pra botar no lugar? Jesus ia dizer assim ‘– Tu não pediu pra tirar ele?’, que eu não pedi, eu pedi pra dá um jeito na minha vida, ‘– mas como é que tu vai botar outra merda, pois agora tu vai passar o triplo do que tu já passou’. Oia eu abalada, então eu não faria isso não (GARDÊNIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Não foi melhor porque eu fui muito judiada, muito judiada mesmo. Mas assim mesmo quando a gente gosta de uma fruta, **a gente não vê defeito nela, não é? [risos]. Só vê que ela é boa, é boa, é boa, é boa [risos]. Mas mentira, que os esculachos tem atrás, mas não enxerga**, que não enxerga nada, que a gente ta naquela ali e não enxergada nada, não enxerga mesmo, pra gente tudo é bom, **quando a gente vem cair na real já é no fracasso** (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS).

As falas acima mostram que as entrevistadas tiveram uma vida amorosa marcada pelas experiências de sofrimento e agressão, levando-as temerem um novo relacionamento. Todavia, não são apenas os relacionamentos não exitosos que interferem na opção por novos relacionamentos, uma vez que há mulheres que não desejam casar-se novamente em virtude de terem tido um casamento tão bem sucedido que temem não encontrar parceiro igual, tal como dona Tulipa.

Pra mim não serve, porque eu tive um companheiro muito bom, eu não vou nunca achar outro igual a ele. E sou meio autoritária, sou meio mandona, só

faço o que eu quero. Ninguém dá ordem em mim (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Além das experiências traumatizantes nos relacionamentos anteriores, o preconceito vigente na sociedade quanto à sexualidade das pessoas “de idade” também é apontado como um dos motivos inibidores de novos relacionamentos.

Tem, eu acho que tem. Tem porque quando as pessoas vêem dois velhos namorando ou casando, o povo ainda critica. Então tem, isso é preconceito. Porque se vêem dois jovens ali se beijando, namorando, se agarrando ninguém olha, passa e finge que não vê. Mas se vê eu agarrada com um velho ali se beijando, critica logo, “- ah sem vergonha, dois velhos ali” (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS).

Eu não acho que assenta mais não. Oi quem já teve, quem é seu velhinho .. que já tem ele de muito tempo, tudo bem. Mas muitas que são viúvas, outras que são separadas, tá idosa e vai arranjar [companheiro], tem vezes que arranjam um velho mais velho do que elas. Eu acho isso ridículo. Nem com mais novo, nem com mais velho. Que eu não acho que a pessoa precisa disso pra viver não (VIOLETA, NEGRA, VIÚVA, 74 ANOS).

Dona Amarílis confirma que os preconceitos no que tange a sexualidade das pessoas idosas, mas discorda de tal posicionamento. Diferente de dona Violeta, que concorda com a ideia de que não cabe mais as pessoas idosas os envolvimento amorosos, ou até cabe, desde que já sejam relacionamentos de longas datas. Preconceitos quanto a diferenças geracionais em relacionamento afetivos/amorosos também são mencionados nas entrevistas realizadas, especialmente os que envolvem mulheres mais velhas e homens mais novos.

Ô minha filha eu acho certo, porque sei lá. A pessoa velha tem é que querer a pessoa nova mesmo. Eu sou contra é a mulher velha e o homem novo, porque nunca vai dá certo, né? Nunca vai. **Porque a mulher velha não tem mais o fogo que a nova tem, né?** Mas [o fogo do homem] dá pra manter o da mulher. A mulher é que não dá pra manter o do homem quando é mais velha (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Horrível, horrível. É deitar com um filho, uma mulher velha que se deita com um homem desses aí é deitar com um filho. Eu considero isso, eu não faria isso também não. [Já o homem velho com a mulher mais novas] Aí dá até mais certo, viu? Dá até mais certo. Agora a mulher velha procurar

menino novo é bicho feio. É porque o homem, o homem sempre se acha atual, né? Sempre acha que ta no auge, sempre se acha atuante. Então ele vai atrás de uma mulher, homem de 60, 60 e poucos anos só vai atrás de mulher. Eu tenho uma vizinha que o marido dela tem 70 anos e ela tem 35, 40, vai fazer 40 agora, idade de ser pai dela. Tem dois filhos com ele, mas vive presa igual o Fernandinho Beira Mar (GARDÊNIA, BRANCA, VIÚVA, 68 ANOS).

Eu acho é que elas tão abrindo é a sepultura delas, que homem novo só quer a mulher pra escravizar. Ele não quer uma mulher velha pra futuro, ele que pra escravizar, não é? **Pra curtir!** Escravizar como eu vejo, eu acho que a mulher deve procurar sua posição, ela teve o marido dela ou o amigo dela deu pra viver deu, quando separou ou por uma coisa, ou por outra, a gente deve se conformar e viver a vida da gente daqui pra frente bem. **Eu, o pai dos meus filhos me largou eu tava com o quê?** Com sessenta e poucos anos que os meninos .. **oxem, fiquei com meus filhos, me apadrinhei com meus filhos,** comia o que Deus me davam, ficava lá na roça e coisa, depois a gente veio pra aqui [Feira de Santana], to vivendo uma vida saudável com meus filhos, se eu tivesse com ele talvez já tivesse até morrido, ou com outro (MAGNOLIA, NEGRA, SEPARADA, 80 ANOS).

Percebemos nas falas de dona Tulipa, de dona Gardênia e de dona Magnólia a reprodução de pensamentos preconceituosos que envolvem aspectos interseccionais como de geração, gênero e sexualidade. Uma vez que as referidas entrevistadas acreditam ser inconcebível pensar o envolvimento de mulheres de mais idade com homens mais novos, quando o contrário é bastante aceitável. Percebemos, assim, como as construções sociais acerca da sexualidade de homens e mulheres, bem como as construções de ordem geracional, interferem na vivência da afetividade de mulheres idosas.

Ainda que pouco numerosas, existem idosas aquelas que valorizam estes relacionamentos especialmente porque acreditam que o homem mais velho já não consegue ter um desempenho sexual satisfatório, por isso são a favor, especialmente de relacionamentos entre mulheres mais velhas e homens mais novos. Como é o caso de dona Jasmim, já citado anteriormente, e dona Rosa.

Tudo bom. Porque não existe em lugar nenhum que o homem é que pode se relacionar com a nova, eu, particularmente, não pego um da minha idade pra trás não. Só pra menos. Se um dia eu tiver que escolher uma pessoa, até mesmo que seja Fernanda só pra sexo, vai ser novo, vai ser mais novo. Porque eu mesmo que sou, eu tenho essa natureza, não que eu tenha discriminação. Mas eu não quero ensinar a uma pessoa mais velha do que eu não nada, que quero que já venha formado [risos] (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS).

Para as entrevistadas os homens têm mais facilidade de encontrar parceiras sexuais, especialmente pelo fato de pagarem, de alguma forma, para ter esses encontros, segundo elas, as mulheres idosas ainda não possuem tamanha liberdade sexual. Como argumenta dona Rosa na fala abaixo.

É porque o homem idoso geralmente tem mais facilidade, porque as meninas de 15, 14 anos que ficam aí nas esquinas. Eles pegam o salariozinho deles e dão elas e elas vão e fazem tudo, como é? É barba, cabelo e bigode. Sem vergonha [...] e aí que eu digo uma coisa, o homem velho tem por isso. A mulher velha não tem coragem de receber o dinheiro e ficar na esquina pra pegar um e fazer tudo. É aí que entra que ainda não está liberado tanto, elas não se libertaram ainda, elas não se emanciparam ainda pra esse negócio, quem sabe um dia (ROSA, PARDA, SEPARADA, 62 ANOS).

O único homem entrevistado concorda com o pensamento que é mais fácil para eles encontrarem parceiras sexuais, que para as mulheres, mas atribui esse fato a outra questão que não a liberdade de pagar pelo serviço de oferecido. Em suas palavras:

Eu acho que o homem tem mais, tem mais, que você vê uma velha assim ‘- que nada, que aquela velha nada’ [risos], é ou não é? (LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS).

Percebemos na fala de seu Lírio, que o fato de os homens idosos terem mais facilidade para manter relacionamentos afetivo/sexuais, se justificaria pelo fato destes serem mais atraentes que as mulheres idosas. Outra discordância entre as mulheres e o homem entrevistado se deu no âmbito da vivência da sexualidade para ambos. As mulheres acreditam ser mais ativas e nem ter sua sexualidade tão afetada com o passar do tempo, enquanto que o homem entrevistado pensa justamente o oposto, que a posição de passividade que segundo ele a mulher ocupava se mantém durante o processo de envelhecimento. Segundo elas:

Pra mulher é mais fácil minha filha, porque buraco, não sabe [risos] tá ativo toda vida, e estaca é que endurece. É lógico [que] pro homem é mais difícil (TULIPA, BRANCA, VIÚVA, 77 ANOS).

Tem, a mulher não deixa de ser mulher. O homem sente prazer, agora o que é mais difícil pra ele é a ereção, né? Que é muito difícil, a partir de 60 anos

ele, aí pra ele fica mais difícil. Agora a mulher não. A única [coisa] que eu achei ruim na vida sexual foi na época da menopausa, porque a gente ressaca, aí quando vai fazer sexo, aquilo doe, arde, aí fica ruim, só isso. Passou a menopausa, a gente usa uns cremes, pronto, acabou. A vida volta ao normal, só que não é mais, fica mais calma é claro. A energia é outra (AMARILIS, PARDA, CASADA, 68 ANOS).

Não, o homem é aquilo mesmo ativo, mas a mulher é mais passiva, entendeu? A mulher é mais passiva, o homem continua sendo mais .. mesmo em relação a mulher continua sendo mais [...](LÍRIO, NEGRO, CASADO, 70 ANOS).

Ao longo deste capítulo percebemos o modo como as desigualdades de gênero se estabeleceram historicamente, interferindo diretamente no modo como a mulher entende sua identidade, que quase sempre se encontra atrelada aos aspectos domésticos. Tais fatores, acrescidos da violência, muitas vezes sofrida, interferem na vivência de sua sexualidade fazendo com que muitas não desejem mais ter um companheiro, especialmente em virtude das experiências amorosas anteriores. As relações raciais e especialmente os preconceitos sofridos durante suas trajetórias de vida também possuem relação direta com o modo pelo qual estabelecem suas atuais relações sociais, a exemplo de dona Guiomar que pensou muitas vezes em desistir de frequentar a UATI por sentir-se, de alguma maneira, discriminada.

Considerações Finais

No decorrer deste trabalho percebemos que, embora muitas vezes a idade seja apresentada como um dado natural, esta nada mais é que um dado socialmente construído, que não raro é manipulado e manipulável, a depender da disputa de poder envolvida. Deste modo, é comum neste cenário a criação de novos termos que possuem relação com o processo de envelhecimento, assim aconteceu com o surgimento da categoria idoso, que passou a ser utilizada com mais frequência em virtude de possuir uma representação menos estigmatizada que a categoria “velho”.

Nos últimos tempos surgiu na França a categoria *terceira idade*, que logo se difundiu pelo mundo. A invenção de tal categoria gerou uma transformação, ainda que superficial, no que concerne a representação social acerca do processo de envelhecimento, uma vez que esta terminologia preconiza a ideia de um sujeito ativo, disposto a realizar as mais variadas atividades físicas. Por outro lado, também traz consigo a ideia de “reprivatização da velhice”, de modo tal que grande parte da responsabilidade do envelhecimento passa a ser do indivíduo. Ademais, a não adequação a esta modalidade de vida e a este cuidado com o corpo são vistos como desleixo.

Contudo, não se pode negar também, como apontam os resultados desta pesquisa, que representação social da velhice ainda continua sendo marcada pelos estereótipos da doença e da dependência, fazendo com que a maior parte das entrevistadas não se identifique com a categoria “velha”. Ressalta-se que já as representações sociais acerca do processo de envelhecimento distam-se destas perspectivas, que por muito tempo foram hegemônicas. A velhice, de acordo com os sujeitos pesquisados, ainda é vista como um momento em que não se pode fazer mais nada. Tal representação social tradicional da velhice implica ainda em uma diferenciação feita pelas entrevistadas entre a figura da pessoa velha e da pessoa idosa, principalmente por representarem a imagem da velha como alguém dependente, em oposição à figura da pessoa idosa, que é percebida como autônoma e ativa.

Foi unânime entre as entrevistadas a ideia de que ser mulher, hoje, é bem melhor que ter sido mulher há algum tempo; o fato das mulheres hoje terem mais liberdade foi o elemento mais recorrente nas entrevistas. Quanto à questão da cor/raça, houve discrepância nas informações obtidas em virtude do fato de que algumas acreditam que não há preconceito de cor e enquanto outras argumentam que este é ainda frequente. Todavia, há um consenso

quanto à ideia de que neste quesito a sociedade melhorou bastante ao longo das últimas décadas.

Todas consideram que suas vidas melhoraram após a participação na UATI/UEFS e definem sua fase atual da vida como boa ou muito boa. No que tange à sexualidade, apenas uma entrevistada resistiu um pouco a falar acerca do assunto, as demais se expressaram com bastante clareza acerca do tema. A maior parte das entrevistadas não é sexualmente ativa e a prática da masturbação não foi em nenhum momento abordada pelas entrevistadas, nem quando estimuladas a falar sobre o assunto.

Das entrevistadas sexualmente ativas, uma é casada e a outra possui relacionamento fixo; o único homem entrevistado também é sexualmente ativo. Todas ressaltam que a vivência da sexualidade na velhice é mais “tranquila” haja vista que a frequência da atividade sexual é bem menor que na juventude, mas que o prazer ainda sentido durante a relação ainda é mesmo. As mulheres ressaltaram a maior dificuldade do homem no que concerne à ereção, em contrapartida eles possuem mais facilidade em arrumar parceiras sexuais, pois, é socialmente mais aceitável que o homem pague para ter atividade sexual, enquanto que a mulher, embora sentindo desejo, ainda possui tanta liberdade para efetuar essa “compra de prazer”. Ademais, todas se consideram felizes e apenas uma entrevistada ressaltou o fato de que na sua vida falta a presença de um companheiro para tornar sua felicidade completa.

A pesquisa em questão nos confirmou dados que há algum tempo já vem sendo discutidos nos estudos de gênero, um deles consiste justamente na maneira como o papel da mulher ainda é construído socialmente, ou como ainda é reflexo de construções passadas, de modo que seu ingresso no mercado de trabalho é ainda complicado, mesmo elas tendo conseguido se destacar mais nos estudos. Ainda assim, a diferença salarial entre homens e mulheres é gritante, mesmo em casos de ocupação de mesmo cargo.

Neste trabalho ficou claro que ainda são muitas as desigualdades existentes no Brasil, sejam elas de classe, raça, gênero, geração e sexualidade, e que na maior parte das vezes esses eixos se entrecruzam como espécies de avenidas, tal como foi proposto por Crenshaw (2002), dificultando o empoderamento de sujeitos, a exemplo das mulheres idosas. Neste sentido o discurso feminista ainda precisa avançar em relação às noções de diferenças intragênero, especialmente nos eixos que dizem respeito à raça e ao envelhecimento.

No que concerne à discussão racial, vimos que foi com o passar de algumas décadas, que a falsa imagem do Brasil enquanto “paraíso das relações raciais”, foi sendo posta a prova e que, no entanto, persiste na mentalidade de parte da população brasileira a ideia de que a miscigenação deu certo no sentido de vivermos uma verdadeira democracia racial. Ao

contrário disto, os dados relativos à desigualdade racial são a grande prova de que o racismo existe e que não está submetido à discriminação de classe, uma vez que mesmo as negras e negras que conseguiram vencer as inúmeras barreiras da mobilidade social comumente vivenciam a realidade do racismo.

Quanto à temática do envelhecimento, observamos que a parte significativa dos estudos da área restringe-se aos aspectos clínicos da velhice, de modo que as questões de gênero e sexualidade são tratadas de modo secundário. Muitos desses primeiros estudos ainda apresentam a velhice como um fenômeno homogêneo, com sinais e doenças características, sendo, pois, a particularidade dos indivíduos, muitas vezes, descartadas. Há, contudo, que ressaltar a importância dos estudos realizados pelas Ciências Sociais, no sentido de buscar desconstruir muitos dos paradigmas preconceituosos que predominavam nas pesquisas acerca da temática.

A presente pesquisa revelou que o processo de envelhecimento é um fenômeno complexo e que sua análise requer também a apreciação de categorias outras que se cruzam ao fenômeno da velhice, logo, as idosas pesquisadas na UATI vivenciam esse processo de forma muito particular, haja vista que ele possui uma relação intrínseca com a trajetória de vida de cada uma, segundo os aspectos da raça, da classe, do gênero e da sexualidade. Todavia, é possível afirmar que esse espaço de convivência se apresenta de extrema importância para que essas pessoas sintam-se incluídas, social e politicamente.

Destarte, é importante que pesquisas com essa perspectiva interseccional sejam realizadas com maior frequência, haja vista que a sociedade é composta por sujeitos múltiplos e que são heterogeneamente influenciados por diversos aspectos da vida social, assim, ao buscarmos compreender as relações sociais estabelecidas por esses sujeitos, precisamos abarcar a maneira como esses múltiplos aspectos se cruzam ou se afastam, determinando algumas das experiências desses indivíduos.

Referências

AGUIAR, Maria Geralda Gomes *et al.* **A experiência do núcleo de bairro do programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana – Ba:** Um exercício de cidadania e solidariedade. In: *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 9, p. 117-129, 2006.

ALVES, Andrea Moraes. **Família, sexualidade e velhice feminina.** In: HEILBORN, Maria Luiza, et all. **Sexualidade, Família e Ethos Religioso.** Rio de Janeiro, Garamond, 20005.

ARAÚJO, Emanuel. A sexualidade e os jogos de sedução femininos entre os século XVI e XIX. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997, 678 p.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO, Virgínia Ângela M. de Lucena e. **Velhices:** estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupos de convivência. *Textos Envelhecimento*, v. 7, n. 1, Rio de Janeiro, 2004.

ARIÈS, Philipe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978

BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Hucitec, 1994, pp. 101-177.

BELO, Isolda. Do corpo à *alma*: o disciplinamento da velhice. In: LONGHI, Marcia; ALMEIDA, M.C.L. **Etapas da vida: Jovens e idosos na contemporaneidade.** Recife, ed Universtária da UFPE, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **“A velhice”.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIASUS, Felipe. **Representações Sociais do Envelhecimento e da Sexualidade.** Santa Catarina, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **Reinventado fases: a família do idoso**. Caderno CRH, Salvador, n. 29, p. 69-87, jul./dez. 1998.

_____. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. Cadernos Pagu, UNICAMP, Campinas, n. 13, p.191-221, 1999a. (Dossiê Gênero em Gerações).

_____. **“Não tá morto quem peleia”: a pedagogia inesperada nos Grupos de Idosos**. Salvador, 1999b. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia.

_____. Visão Antropológica do envelhecimento. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____. Idade e Preconceito. In: WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Leituras em Rede: Gênero e Preconceito**. Ilha de Santa Catarina. Editora Mulheres, 2007.

_____. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. In: Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010

_____. **A juvenização atual das idades**. Caderno Espaço Feminino – Uberlândia- MG – v. 25, n. 2 – Jul./Dez. 2012 – ISSN online 1981-3082.

_____. Elas começam aparecer. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **A Nova História das Mulheres no Brasil**. 1 ed. 1º reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**: Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília.

CACHIONI, Meire; PALMA, Lúcia Saccomori. Educação Permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e idoso. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CALDWELL, Kia Lilly. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil**. IN: Estudos Feministas, 2º Semestre, 2000.

CAMARANO, Ana Amélia; **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** - Organizado por Ana Amélia Camarano. - Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia. “Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica”. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

CAMARANO, A. A.; MEDEIROS, M. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, dez. 1999.

CAMARANO, Ana Amélia. **Estatuto do Idoso: avanços com contradições**. Texto para discussão/ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Brasília: Rio de Janeiro : Ipea, 2013.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. In: Estudos Avançados 17 (49), 2003.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. “Feminismo e construção da cidadania das mulheres: avanços e desafio na educação, trabalho e política no início do século XXI”. In: **Gênero, educação e política: múltiplos olhares**; Coordenação Diamantino Fernandes Trindade - São Paulo: Ícone, 2009.

COSTA, Ana Alice Alcântara. “O movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política”. Revista Gênero. v.5, n.2 p.9-35. 1º Sem 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. Revista Estudos Feministas, v.10, n.1, p.171-188. 2002.

DEBERT, Guita Grin. **A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 12, nº 34, 1997.

_____. **Velhice e o curso da vida Pós-moderno**. Revista USP, São Paulo, n. 42, p. 70-83, junho/ agosto, 1999.

_____. **A cultura Adulta e a Juventude como valor**. Texto apresentado no ST Imagens da Modernidade: mídia, consumo e Relações de Poder. Caxambu, 2004.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, Myriam (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007, p. 49-67.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: Sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Walter Solon. São Paulo: EDIPRO, 2012.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, Guita Grin (org). **Antropologia e Velhice**. Textos Didáticos, nº 13 – Março de 1994.

FERES JÚNIOR, João. **Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil**. Para além da teoria da modernidade. In: RBCS, N19, 2013.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007. Cap II e IV.

FERRARO, Alceu Ravanello. **Gênero, Raça e Escolarização na Bahia e no Rio de Janeiro**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, p. 813-835, set./dez. 2009.

FIGUEIREDO, Angela. **Classe Média Negra: Trajetórias e Perfis**. Salvador: EDUFBA, 2012, 208 p.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, G. (orgs). **Pesquisa Narrativa com Textos, Imagens e Som**. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Zahar, Rio de Janeiro, 1989.

GÓIS, João Bosco Hora. **Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e na permanência no ensino superior**. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 16[3]: 424, setembro-dezembro/ 2008.

GOMES, Lucy; LOURES, Marta Carvalho; ALENCAR, Josélia. **Universidades Abertas da Terceira Idade**. In: História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 17, p. 119-135, abr. 2005.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo, Editora 34, 2002. 231 páginas.

GUIMARÃES, Renato Maia. “O envelhecimento: Um processo pessoal?”. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

GUIMARÃES, Rafael Estevão Marão. **A Escola de Chicago e a Sociologia no Brasil: A passagem de Donald Pierson pela Escola Livre de Sociologia Política de São Paulo.** Dissertação de Sociologia, UNESP, São Paulo, 2011: 20-26.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As Representações Sociais** – Tradução: Lilian Ulup. – Rio de Janeiro: EdUERF, 2001. 420p.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Violência contra a mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Nova História das Mulheres no Brasil.** 1. ed. 1º reimpressão, São Paulo: Contexto, 2013.

LANGEVIN, Annete. **A construção Social das Idades : mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã.** Caderno CRH, Salvador, n. 29, p. 129-149, jul./dez. 1998.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick; LENOIR, Remi; MERLLIÉ, Dominique. **Iniciação à prática sociológica.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LINS DE BARROS, Myriam (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004

MAIO, Marcos Chor. **O Projeto Unesco: Ciências Sociais e o “credo racial brasileiro”.** In: Revista USP, São Paulo, n 46, p. 115-128, julho/agosto 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia; prefácio de Sir James George Frazer; traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; revisão de Eunice Ribeiro Durham.** 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

A vida Sexual dos selvagens. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982 (capítulos IX As formas costumeiras da licenciosidade p. 245-289 e XII Sonhos e Fantasias Eróticas p. 377/420).

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados.** 6 ed. – 2. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Rosa Maria Lopes; RODRIGUES, Maria Lurdes Martins. **Estereótipos sobre idoso**: uma representação social gerontofóbica. *Millenium. Revista do ISPV*, 29, 249-254, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2010.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro. “Afetividade e Intimidade”. IN: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (org.). **As Representações Sociais** – Tradução, Lilian Ulup. – Rio de Janeiro: EdUERF, 2001. 420p.

NERI, Anita Liberalesso (org.). “**Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas”. Campinas, SP: Papyrus, 2001. (Coleção Vivacidade)

NICHOLSON, Linda. “**Interpretando o gênero**”. *Revista Estudos Feministas*, Vol. 8, No.2, 2000, p. 9-41

ONU. **A ONU e as pessoas**. Disponível em: <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-idosas/>. Acesso em 28 de Abril de 2014 às 19:59.

ÓSORIO, Rafael Guerreiro. Desigualdade Racial e Mobilidade Social no Brasil: um balanço das teorias. In: THEODORO, Mario (org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil**: 120 anos após a abolição. Brasília: Ipea, 2008

PAPALÉO NETTO, Matheus. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, Myriam (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007, p. 69-84.

PEREIRA, Josianne Katherine. **As representações sociais de velhice e terceira idade**: um estudo de caso sobre um “Grupo de Terceira Idade” de Caratinga/ MG (Dissertação de Mestrado, UNEC, MG, 2006.

PISCITELLI, Adriana. “**Re-criando a (categoria) Mulher**”. In: L. M. Algranti (org.) *A Prática Feminista e o Conceito de Gênero. Textos Didáticos*, n.48, 2002

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **A Mulher Frente a Cultura da Eterna Juventude: Reflexões Teóricas e Pessoais de uma Feminista “Cinqüentona”**. Repositório UFBA, 2000

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perceus Abramo, 2004

_____. **A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos. OLIVEIRA, Leidiane. **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e Avanços**

SOUZA, Carolina Marback Barbosa. Envelhecimento feminino e sexualidade: uma abordagem antropológica em baile de idosos. In: **Reparando a falta : dinâmica de gênero em perspectiva geracional** / Alda Britto da Motta, Eulália Lima Azevedo e Márcia Gomes (Organizadoras). – Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2005.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: *Educação e Realidade*, jul./dez. 1995, p. 71–99.

STREY, et al. **Velhice e Casamento, Vivências e Visões**. In: *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v.2, p.23-34, 1999.

VANCE, Carole S. **A Antropologia Redescobre a Sexualidade: Um Comentário Teórico**. *Physis*, Rio De Janeiro, V. 5, N. 1, P. 7-31, 1995.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; et al. **Representações sociais do envelhecimento**. In: *Psicol. Reflex. Crit.* vol.12 n.2 Porto Alegre, 1999.

WACHELKE, João Fernando Rech et al. **Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet**. *Estudos de Psicologia*, 2008, 13 (2), 107-116.

ANEXO I

- **Piscina da Universidade Estadual de Feira de Santana**



Fonte: Google Imagens



Fonte: Pesquisa de Campo – Aula de Hidroginástica, maio de 2014

- **Laboratório de Educação Física da UEFS – Academia**

Turma da UATI



Fonte: Google Imagens



Fonte: Google Imagens

- **Quadras da UEFS**

Turma da UATI



Fonte: Google Imagens

- **Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA**



Fonte: Pesquisa de Campo – maio de 2014

- **Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA**



Fonte: Pesquisa de Campo – maio de 2014



Fonte: Pesquisa de Campo – Aula de Dança de Salão, maio de 2014

ANEXO II – Hino da UATI**Hino da UATI**

Letra: Maria Adélia de Almeida (aluna da UATI)

Música: Getúlio Barbosa

Atuante a UATI na terceira idade
Traz bem estar e da sabedoria
Mais experiência, novas atitudes.
No passar dos anos traduz
HARMONIA.

Fruto da UEFS por um ideal maior
A UATI inspira solidariedade
Reanima, movimenta, dá coragem
A nossa existência na **TERCEIRA IDADE.**

A UATI nos incentiva
Viver na comunidade
No convívio da família
Mais **COMPREENSÃO** e **AMIZADE.**

ANEXO III

TABELA 1- QUADRO GERAL DE OFICINAS

QUADRO GERAL DE ATIVIDADES NA UEFS	QUADRO GERAL DE ATIVIDADES NO CUCA
Tai-Chi-Chuan	Dança De Salão
Ginástica Com Música	Coral Izabel Trindade
Espanhol	Yoga
Criando Artes	Terça Cultural
Clicar Na 3ª Idade	Caminhando para a Transformação
Memórias e Leituras	Jogos Recreativos
Saúde X Doenças	Eu No Meio Ambiente
Treinamento de Força	Teatro
Encontros Interativos	Artesanato
Hidroginástica	
Alongamento e Flexibilidade	
Bordados e Vagonite	
Saúde No Envelhecer	
Massagem Relaxante	
Alongamento Na Terceira Idade	
Medicamentos	

Fonte: Informações obtidas na Coordenação da UATI/UEFS

ANEXO IV

TABELA 4 – PERFIL DAS ENTREVISTADAS

Nome	Idade	Cor/ Raça	Escolaridade	Estado civil	Nº filhos	Renda	Oficinas que Frequenta
Amarílis	68 anos	Parda	Magistério e Técnica em contabilidade	Casada	Cinco	Entre 1SM e R\$ 1.000,00	- Tai Chi Chuan - Dança de Salão - Espanhol
Gardênia	68 anos	Branca	5ª Série	Viúva	Oito	2 SM	- Hidroginástica -Encontros Interativos - Eu Meio Ambiente - Teatro -Dança de Salão - Criando Artes
Magnólia	80 anos	Negra	Alfabetizada	Separada	16	1 SM	- Eu no Meio Ambiente - Dança de Salão - Caminhando para a Transformação
Rosa	62 anos	Parda	2º Grau Completo	Separada	Quatro	R\$ 1.500,00 (Aprox.)	Dança de Salão
Tulipa	77 anos	Branca	2º Grau (Magistério)	Viúva	Cinco	R\$ 5.000,00 (Aprox.)	- Dança de Salão - yoga - Eu no Meio Ambiente - Caminhando para a Transformação
Jasmin	68 anos	Parda	4ª Série	Viúva	Não possui filhos	1 SM	-Dança de Salão
Hortênsia	67 anos	Negra	2º Grau Incompleto	Viúva	Três	1 SM	-Dança de Salão
Verônica	64	Negra	4ª Série	Separada	Sete	Não tem	-Dança de Salão

	anos					renda fixa	
Margarida	69 anos	Parda	4ª Série	Separada	Uma	1 SM	-Dança de Salão
Violeta	74 anos	Negra	5ª Série	Viúva	Três	1 SM	- Encontro Interativo - Hidroginástica - Eu no Meio Ambiente -Dança de Salão
Lírio	70 anos	Negro	2º Grau completo	Casado	Três	3 SM mais a renda de alguns alugueis	- Coral -Dança de Salão

Fonte: Pesquisa de Campo 2013-2014